

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

A Construção da identidade do Presidente Lula

Marcus Petrônio Fernandes Iglésias

Recife
2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

A Construção da identidade do Presidente Lula

Marcus Petrônio Fernandes Iglésias

Dissertação apresentada ao
programa de Pós-graduação em
Letras da Universidade Federal de
Pernambuco como requisito
parcial à obtenção do Grau de
Mestre em Lingüística

Orientador: Profº Drº Marlos de Barros Pessoa

Iglésias, Marcus Petrônio Fernandes

**A construção da identidade do Presidente Lula / Marcus Petrônio Fernandes. – Recife: O Autor, 2009.
102 folhas**

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CAC. Letras, 2009.

Inclui bibliografia.

**1. Linguística. 2. Análise do discurso. 3. Ideologia 4. Identidade.
5. Intertextualidade. I. Título.**

801

CDU (2.ed.)

UFPE

410

CDD (22.ed.)

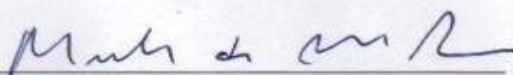
CAC2009-22

MARCUS PETRÔNIO FERNANDES IGLÉSIAS


A Construção da Identidade do Presidente Lula

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito para a obtenção do Grau de Mestre em Linguística.

BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Marlos de Barros Pessoa
Orientador – LETRAS - UFPE



Prof. Dr. Gilda Maria Lins de Araújo
LETRAS - UFPE



Prof. Dr. Luiz Anastácio Momesso
COMUNICAÇÃO - UFPE

RESUMO:

O discurso político tem um caráter, eminentemente argumentativo. Nesta pesquisa, analisamos o discurso do Presidente Lula em dois momentos distintos: o primeiro, em novembro de 2005, no auge da crise política que abalou a credibilidade do governo do Presidente; o outro momento deu-se uma semana antes do segundo turno das eleições presidenciais de 2006. Os dois discursos foram veiculados pela Rede Cultura, no Programa Roda Viva. Analisamos como o discurso do Presidente, nas duas entrevistas coletivas, criou uma nova identidade, completamente distinta daquela que tinha sido tecida pela grande mídia e setores da oposição, que perceberam, na crise de 2005, uma oportunidade para retirar o Presidente do poder. A análise do *corpus* foi feita, a partir dos postulados da Análise Crítica do Discurso, levando-se em conta a ideologia, intertextualidade e argumentação. A pesquisa dialogará com a História, as Ciências Políticas e as Ciências que estudam as mídias. A Pragmática e a Linguística textual, também, foram utilizadas, com o intuito de desvelar as interações entre o Presidente e os entrevistadores. É importante compreender o funcionamento de um discurso proferido pelo em um cenário cujos interlocutores, em muitos momentos, não tinham uma relação amistosa em relação ao Presidente da República. Havia, nas duas entrevistas coletivas uma forte tensão, seja em função dos escândalos, que assolaram a o centro do poder político, seja nos momentos que antecederam o segundo turno das eleições presidenciais. O Presidente necessitou ativar diversas competências: lingüísticas, comunicativas e enciclopédicas, a fim de agir sobre o outro, no caso, os telespectadores do Programa Roda Viva.

Palavras-chave: interação, ideologia, discurso, intertextualidade e argumentação.

ABSTRACT:

The political discourse has, most of all, an argumentative attribute. In this research we analyzed the political discourse of President Lula in two distinctive moments. The first one is in November 2005 during the peak of a political crisis that affected the credibility of the president's government. The second moment is the one, which happened a week before the second round of presidential elections in 2006. Both discourses were broadcasted via the TV program *Roda Viva* of Rede Cultura. Our analysis, in both interviews, focused on how the president's discourse created a new identity entirely distinct from the image fashioned by the media and the government's opposition, who perceived in the crisis an opportunity to remove President Lula from the government. The corpus analysis was based on the postulates of the Critical Analysis of Discourse, taking into consideration the ideology, intertextuality, and the argumentation. The research allows dialogism with other academic disciplines such as History and Political Science, as well as disciplines which approach the media. It was also utilized in this research the Pragmatic and Textual Linguistics with the intention to reveal the interactions between President Lula and the interviewers. It is significant to understand how the discourse uttered by Presidente Luís Inácio Lula da Silva works, in different moments, within a scenario in which the interlocutors did not have an amicable relationship with the president. There was in both interviews a strong tension as a result of scandals that reached the core of political power and prior to the second round of presidential elections. The president had to access different competencies such as linguistic, communicative, and encyclopedic in order to achieve the audience of the program *Roda Viva*.

Key words: interaction, ideology, discourse, intertextuality and argumentation

SUMÁRIO

1. Introdução	09
Alguns conceitos utilizados nesta Dissertação	14
1. A ideologia e a construção de identidades	15
1.1 Ideologia não é visão de mundo	15
1.2 Um pouco da história da ideologia	15
1.3 Ser totalmente livre: A grande ilusão produzida pela Ideologia	16
1.4 A mídia como porta-voz da ideologia e outras formas de dominação	17
1.5 Ideologia e Hegemonia	17
1.6 A quem serve a ideologia?	18
1.7 Ideologia e linguagem	19
1.8 Ideologia e poder	20
2. As mídias nas eleições de 2006: construindo identidades	22
2.1 Padrões de manipulação da grande mídia	22
2.1.1 Padrão de ocultação	24
2.1.2 A fragmentação da notícia	25
2.1.3 O padrão da inversão	25
2.1.4 O padrão da indução	26
2.1.5 Padrão específico do jornalismo da televisão e rádio	27
2.2 A atuação da grande mídia nas eleições presidenciais de 2006	28
2.3 Quando a mídia se transforma em partido político	29
2.4 As notícias veiculadas acerca do governo Lula não correspondiam às mudanças sociais por que passava o Brasil	31
2.5 Alguns jornalistas denunciam parcialidade da mídia	33
3. Argumentatividade como construção de identidade	35
3.1 A argumentação a partir de pensamento grego	35
3.1.1 O exórdio	35
3.1.2 A narração	36
3.1.3 A prova	37
3.1.4 O epílogo	37
3.1.5 A refutação	38
3.2 A recapitulação como recurso retórico	39

3.3 A construção de identidade a partir do ethos, pathos e logos	39
3.4 A argumentação do Presidente Lula	41
3.5. Discurso como ação sobre o outro	41
3.6 Discurso não-autoritário e discurso autoritário	42
4. A intertextualidade na construção de sentidos e identidades	44
4.1 A gênese do termo intertextualidade	44
4.2 A intertextualidade e a construção de sentidos	45
4.3 O conhecimento enciclopédico do interlocutor para a construção de sentidos	45
4.4 A importância da intertextualidade na análise crítica do discurso	47
4.5 O discurso direto e indireto na construção de sentidos	48
4.6 A intertextualidade e a mudança social	48
5. O discurso e o enunciador	50
5.1 As leis do discurso	50
5.2 O princípio de cooperação	50
5.3 A lei da pertinência	50
5.4 A lei da sinceridade	51
5.5 A lei da informatividade	51
5.6 A lei da exaustividade	51
5.7 Lei da modalidade	52
5.8 Os atos de fala	52
5.8.1 O ato ilocucionário	53
5.8.2 O ato perlocucionário	53
6. Os cenários que construíram uma nova identidade para o Presidente Lula	55
6.1 Os símbolos utilizados no cenário da primeira entrevista coletiva	55
6.2 A força dos símbolos ideológicos	57
6.3 A vestimenta do presidente como elemento que compõe o cenário	57
6.4 Os símbolos utilizados no cenário da segunda entrevista coletiva	58
7. Metodologia	60
8. Análise do corpus	64
8.1 A cassação de José Dirceu e as injustiças cometidas no Brasil	64
8.2 O mensalão e o dossiê	67

8.3 Pedido de impeachment	73
8.4 A construção da imagem da oposição	74
8.5 A recuperação da imagem do partido dos trabalhadores	77
8.6 A privatização no período FHC	79
8.7 O papel das empresas públicas	82
8.8 O que se espera de um governo republicano	85
8.9 Impostos no Brasil	87
8.10 Bolsa família	89
8.11 Economia	90
8.12 Empregos	93
8.13. A construção da identidade de Lula a partir de narrativas autobiográficas ou interações com jornalistas	94
9. Algumas Conclusões	97
10. Bibliografia	100
Anexo I	103
I - Primeira entrevista coletiva	104
1. Desenvolvimentismo	104
2. Ética	105
Anexo II	110
II - Segunda entrevista coletiva	111
1. Desenvolvimentismo	111
2. Ética	115

1. INTRODUÇÃO

Em meados de 2005, o Presidente Luís Inácio Lula da Silva enfrenta a mais grave crise política de seu Governo. São criadas **Comissões Parlamentares de Inquérito** – CPIs – dos correios, do mensalão e dos sanguessugas, com o intuito de investigar denúncias de corrupção no Governo Federal. As acusações de compra de votos de aliados da base governista, episódio denominado *mensalão*, tomaram conta do noticiário nacional. Praticamente, todos os dias, uma nova denúncia é veiculada pela mídia, atingindo os mais fiéis e antigos colaboradores do Presidente da República.

Lula determina publicamente a apuração de todos os fatos noticiados, ao mesmo tempo em que nega conhecer corrupção dentro do governo e, caso haja, afirma que todas as acusações serão apuradas pelos órgãos competentes: Polícia Federal, Receita Federal, Ministério Público, e por fim o Judiciário. Desta maneira, o governo estaria atuando republicaneamente, pois todas as esferas políticas e jurídicas estavam agindo dentro da normalidade que se espera de um estado democrático.

A avalanche de acusações continua. Ministros e Secretários de Estado são exonerados, a popularidade do Presidente despenca e uma reeleição, praticamente vitoriosa, transforma-se em uma grande incógnita. As perspectivas políticas eram extremamente desfavoráveis para Lula. A própria governabilidade era questionada por alguns setores da sociedade.

Diante desse quadro político, o Presidente participa de um programa de entrevistas: **Programa Roda Viva**, transmitido pela TV Cultura. A entrevista foi realizada no Palácio do Planalto, no dia sete de novembro de 2005, tendo na bancada de entrevistadores ex-mediadores do Programa supramencionado.

Não se poderia esperar uma entrevista amistosa ou – chapa branca – referência esta às mídias pró-governo. O embate entre o Presidente e os entrevistadores foi, em alguns momentos, tenso. Muitas questões relacionadas **ao desenvolvimento**¹ e **à ética** foram debatidas por Lula e pelos jornalistas que participaram das duas entrevistas coletivas. O Presidente utilizou-se do recurso da comparação entre o governo dele e os anteriores, apresentando números que sinalizavam para um crescimento econômico

¹ Nesta pesquisa, os temas deverão ser considerados hiperônimos: ética e desenvolvimentismo. As temáticas serão consideradas hipônimos, e várias delas serão analisadas a partir dos pressupostos da ACD. Temáticas como **o mensalão e o dossiê**; **Bolsa Família**, entre outros, serão analisados no capítulo 8 desta dissertação.

muito mais consistente e robusto, no período em que ele governava o Brasil. Lula também comparou seu governo aos anteriores, quando o assunto era o combate à corrupção, demonstrando que as ações contra o crime organizado foram muito mais exitosas no governo petista que nas gestões que o precederam, utilizando como argumento a apresentação de estatísticas que comprovavam a veracidade de suas palavras.

O comportamento lingüístico do Presidente Lula foi analisado nas duas entrevistas coletivas. Esse comportamento discursivo serviu como munição não apenas para militantes e simpatizantes petistas, mas também para os aliados do Palácio do Planalto, das mais distintas esferas da vida social, o que acarretou uma divisão de águas no que se refere à defesa do Governo Federal e ao ataque às oposições que vislumbravam o retorno ao poder.

Esse discurso político será comparado ao discurso veiculado no mesmo Programa Roda Viva, realizado em outubro de 2006, uma semana antes do segundo turno das eleições presidenciais. Tal comparação foi feita a fim de se verificar coincidências de vocábulos e enunciados que possam construir uma identidade para o Presidente Lula e, por conseguinte, construir² a imagem de seu principal opositor.

Esse

gênero discursivo “entrevista coletiva” possui características interessantes. O Presidente foi obrigado a ativar diversas competências lingüísticas, comunicativas e extralingüísticas, com o intuito de responder perguntas, muitas vezes constrangedoras, utilizando diversas estratégias verbais e não verbais para fugir ou enfrentar os questionamentos feitos pelos entrevistadores; na segunda entrevista coletiva, o Presidente e candidato à reeleição repetirá muito do que foi enunciado em 2005, intensificando temas como **desenvolvimento**, **ética** e por último as **privatizações**, inviabilizando, de certa forma, o discurso do candidato opositor, que afirmava que o Brasil tinha deixado de crescer e que o Presidente Lula tinha sido omissos e conivente em relação aos casos de corrupção, amplamente noticiados pela imprensa.

É mister citar, apenas para contextualizar, o escândalo da tentativa de compra de um suposto dossiê por parte de militantes petistas. O dossiê relacionaria o candidato ao

² Nesta dissertação será usado o termo “construção de identidade”, independentemente se essa construção for negativa – desconstrução – ou positiva, haja vista a construção de identidade ser um processo contínuo e quando se “desconstrói” o que se faz é “construir” de uma maneira distinta daquela almejada pelo sujeito do discurso, no caso o Presidente Lula.

Governo de São Paulo, José Serra, a compra de ambulâncias superfaturadas à época em que Serra era Ministro da Saúde no Governo Fernando Henrique Cardoso.

O Presidente Lula, nessa segunda entrevista, defenderá uma investigação completa, que busque a verdade e o “arquiteto” que planejou a compra do dossiê. O escândalo da tentativa da compra do dossiê e sua repercussão nos principais meios de comunicação e no Horário Eleitoral Gratuito foi o responsável, segundo analistas políticos, pela ida de Lula e do candidato do PSDB ao segundo turno das eleições presidenciais em 2006 (cf. Lima 2007), haja vista a diferença entre Lula e Geraldo Alckmin durante todo período eleitoral ter sido sempre em torno de 20 pontos percentuais a favor do Presidente, o que garantiria a reeleição de Lula no primeiro turno.

Esse percentual, contudo, chegou a sete pontos percentuais, após a repercussão da tentativa da compra do dossiê por alguns “aloprados”, termo utilizado por Lula para criticar aqueles que participaram direta ou indiretamente na “operação dossiê”.

A pesquisa realizada dialogará com a **Ciência Política**, a **História**, a **Filosofia** e as Ciências que estudam a **Comunicação Midiática**, entretanto a ênfase é dada aos aspectos lingüísticos que foram analisados, a partir da **Análise Crítica do Discurso – ACD –**, levando-se em conta a **argumentatividade**, a **ideologia** e a **intertextualidade** como elementos/fenômenos que criam significados para os telespectadores. Utilizamos também como referenciais teóricos a **Pragmática** e a **Lingüística Textual**.

Assim, espera-se contribuir com o estudo da linguagem em uso, uma lingüística que, ao estudar o discurso político, possa verificar a ocorrência ou não de mudanças sociais em função do discurso, ou mudança de discurso em função das mudanças sociais, (Fairclough 2001).

A análise dos argumentos utilizados pelo Presidente, na primeira entrevista coletiva, para manter-se no poder, haja vista a movimentação de certos setores da sociedade que cogitavam o afastamento dele; e os argumentos de Lula, como candidato à reeleição, para continuar no poder por mais um mandato **será o objetivo de investigação geral desta pesquisa**.

A argumentatividade como estratégia de convencimento dos eleitores indecisos será analisada nesta pesquisa. Ao final das eleições de 2006, o candidato à reeleição obteve 60.8% dos votos válidos. O discurso de Lula conseguiu sobrepor-se ao discurso das oposições e ao discurso das mídias, que, em 2006, não viam com bons olhos um segundo mandato para ele. (Lima 2007)

Será verificado como o Presidente conseguiu, através da argumentatividade, construir uma nova identidade para si e ao mesmo tempo construir a identidade de seu principal adversário. Essa análise é de capital importância quando se deseja compreender a linguagem como instrumento de ação sobre o outro, um TU, que estará em constante interação. Esse TU será o telespectador, o simpatizante político, o formador de opinião, o eleitor de outros candidatos, o indeciso, ou aquele que sempre anula o voto.

Outro aspecto importante nessa pesquisa é verificar como são construídos argumentos que sejam não apenas compreendidos pelos eleitores, mas também repetidos e massificados, ao ponto de transformar determinados enunciados do Presidente em teses que foram utilizadas até o último dia da campanha eleitoral em 2006 pela militância pró-Lula.

A análise do discurso político numa perspectiva lingüística é, sem dúvida alguma, de grande relevância quando se deseja compreender o funcionamento da linguagem em instâncias do poder central, das mídias e das oposições ao Governo Federal, em função de existir um diálogo intenso entre eles. Assim, o discurso de um estará respondendo, ou melhor, dialogando – intertextualizando-se - com o discurso do outro.

Toda a pesquisa será norteada pela pergunta-problema: ***Como o Presidente Lula conseguiu, a partir de um discurso ético e desenvolvimentista, sobrepor-se ao discurso das mídias e das oposições?***

Algumas hipóteses descritas abaixo podem dialogar com o problema supramencionado:

- O Presidente criará significados, a partir de uma argumentação alicerçada na comparação do governo petista com os oito anos do governo FHC;
- Os sentidos são construídos, a partir de textos anteriores, o que permite trazer à memória dos telespectadores a imagem de um Presidente que para chegar ao poder percorreu um caminho que transita da fome absoluta, à fuga da miséria de Caetés, à chegada a Santos, ao trabalho como torneiro mecânico, líder sindical, presidente de honra do PT e, finalmente, Presidente da República em 2002;
- Lula massifica um discurso que além de preservar a imagem dele acerca de denúncias da grande mídia e das oposições, consegue que vários enunciados sejam repetidos pelos simpatizantes e militantes, no sentido de fortalecer a imagem de um Presidente que conseguiu realizar muito mais que seus antecessores.

Ora, se de fato havia todo um cenário negativo à reeleição de Lula e, o candidato/presidente conseguiu reverter tal situação, através de um discurso concatenado e pronunciado de maneira simples aos eleitores, simpatizantes políticos, militantes e formadores de opinião, pesquisar tais discursos, dentro de um programa de entrevistas, focalizando dois temas recorrentes nos Programas em questão: **desenvolvimentismo** e **ética** será fundamental, quando se discute o uso da linguagem em situações concretas e em um contexto adverso para o entrevistado. O discurso do Presidente tem um caráter mais cuidadoso, pelo menos quando esse discurso é enunciado em uma esfera pública, no caso, o *locus* da enunciação foi o próprio Programa Roda Viva.

Um político que se apresente na televisão, ainda não em horário nobre, estará muito mais comprometido com o que diz do que se escrevesse em uma revista de pequena tiragem. Embora oral, sua fala tornou-se estável, podendo ser repetida quantas vezes se quiser e difundida quase instantaneamente no mundo inteiro. (Maingueneau 2005:75)

A contribuição que se espera com essa pesquisa é a descrição e análise de como um Presidente da República consegue convencer uma significativa parcela da sociedade brasileira acerca de um Programa de Governo que foi apresentado durante a campanha eleitoral e a defesa do Governo Petista, a partir do escândalo do *mensalão*.

Para fundamentação teórica, optamos pelos seguintes autores, que dedicaram seus esforços acadêmicos em diversas áreas do conhecimento: Fairclough e a Análise Crítica do Discurso nortearão esta pesquisa; Maingueneau e seus estudos sobre comunicação; Charaudeau e o discurso midiático e político; Koch discutindo o papel da argumentação e a Linguística Textual; Chauí e Thompson analisando a ideologia e os meios de comunicação de massa; Marcuschi amparando esta pesquisa com a Análise da Conversação e vários fenômenos da oralidade. Todos os autores citados na bibliografia têm, de uma maneira ou de outra, suas vozes presentes no texto.

Nos capítulos de 1 a 6, apresentamos a fundamentação teórica desta pesquisa, e todo o contexto em que as duas entrevistas foram veiculadas. No capítulo 7, descrevemos a metodologia empregada e no capítulo 8, é feita a análise das transcrições dos DVDs dos Programas Roda Viva em que o Presidente Lula foi entrevistado, a partir dos aparatos teóricos e metodológicos da **Análise Crítica do Discurso**.

ALGUNS CONCEITOS UTILIZADOS NESTA DISSERTAÇÃO

- **Enunciador:** aquele que comunica, trazendo alguma informação para o outro. A linguagem é usada com o propósito de convencer, de agir sobre outrem;
- **Co-enunciador:** aquele em que no momento da interação é o destinatário da informação, entretanto esse ator não é um ser passivo, ele interage, constantemente com o enunciador. As enunciações produzidas sem a presença de um co-enunciador serão marcadas por uma interatividade. Maingueneau (2005:54).
- **Coenunciadores:** são os dois parceiros do discurso;
- **Enunciado:** pode ser utilizado para texto/discurso na modalidade escrita ou oral. *“... uma seqüência verbal que forma uma unidade de comunicação completa...”* (Maingueneau 2005:56);
- **Enunciação:** um fragmento de fala produzido por um enunciador. Para Maingueneau *“... enunciado se opõe a enunciação da mesma forma que produto se opõe ao ato de produzir...”* (Maingueneau 2005:56);
- **Sujeito do discurso:** aquele que enuncia; que, apesar de sofrer as influências da ideologia e do mundo que o cerca, é senhor de seu discurso, porque o retextualiza, o contextualiza, não sendo, portanto, simplesmente um porta-voz do que já foi dito;
- **Discurso:** tem o mesmo sentido de texto, nesta dissertação.

1. A IDEOLOGIA E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES

“Ideologia, eu quero uma pra viver”.
Cazuza

1.1 IDEOLOGIA NÃO É VISÃO DE MUNDO

Antes de tudo, não se pode confundir ideologia com ideário. O ideário seria um conjunto sistemático de idéias encadeadas. As empresas, a grande mídia, os partidos políticos, as organizações não-governamentais, as pessoas possuem sua visão de mundo.

Já a ideologia teria como finalidade ocultar a realidade, no sentido de assegurar e manter a exploração econômica, desigualdades sociais e, por fim a dominação política. (Chauí 2004)

Nesta dissertação, compartilhamos do conceito de ideologia que a filósofa Marilena Chauí postula. Outros autores como Fairclough, Thompson e o educador Paulo Freire também têm suas vozes presentes neste texto e sintetizam a ideologia **como um sofisticado fenômeno que faz as classes subalternas acreditarem que não existem explorações.**

A filósofa dissecou, incisivamente, o termo ideologia, quando remete à exploração de classes por grupos sócio-econômicos mais privilegiados e detentores de poder:

Em sociedades divididas em classes (e também em castas), nas quais uma das classes explora e domina as outras, essas explicações e essas idéias e representações serão produzidas e difundidas pela classe dominante para legitimar e assegurar seu poder econômico, social e político. Por esse motivo, essas idéias e representações tenderão a esconder dos homens o modo real como suas relações sociais foram produzidas e a origem das formas sociais de exploração econômica e de dominação política. Esse ocultamento da realidade chama-se ideologia. (Chauí 2004:23)

1.2 UM POUCO DA HISTÓRIA DA IDEOLOGIA

Percorrendo o longo caminho da história da ideologia, partimos do pensamento positivista de Augusto Comte, de grande influência em nossa República. Dois lemas, ou melhor, dois dogmas são sistematicamente apregoados pelos adeptos do Positivismo: o primeiro seria *saber para prever, prever para prover*. Para que não haja desordens e

caos nas sociedades, outro enunciado bem conhecido dos brasileiros e que está escrito na bandeira do Brasil é repetido pelos positivistas quase como um mantra: **ordem e progresso**. Só há progresso se houver uma ordem estabelecida, uma **ordem dominante** e pelo progresso tudo é permitido ou, dependendo do caso, proibido. Essa busca pela regularidade (ordem) somada ao crescimento econômico, irá produzir consensos ou discordâncias, conforme determinados enunciados como os descritos abaixo:

É “permitido” aos meios de comunicação de massa denominar, por exemplo, grevistas de “arruaceiros”, noticiar o quanto o Brasil deixou de recolher impostos e quanto os empresários deixaram de exportar e gerar riquezas, em função de uma greve, feita, é claro, pelas classes subalternas, prejudicando, desta forma, toda a sociedade brasileira. Nesse enunciado, há um forte componente ideológico, quando se afirma as perdas sofridas pela pátria-mãe e **oculta** as perdas salariais dos trabalhadores ao longo de vários anos, além de jogá-los no universo semântico dos antipatriotas.

Por outro lado, é proibido que tais grupos subalternos queiram desafiar o Estado. Para tanto, o Estado, através do aparato policial, tem legitimado ações truculentas contra organizações que se rebelam de alguma forma à ordem estabelecida. Assim se fará crer que seguindo esses preceitos o Brasil será alçado ao tão almejado progresso.

A ordem, a regularidade de uma sociedade será perseguida não apenas pela classe dominante, mas também pelos Estados dominantes, os partidos dominantes, a etnia dominante, o gênero dominante. A grande mídia será um agente estratégico para que a ideologia dos dominadores seja ‘passivamente’ aceita pelas classes consideradas subalternas.

Fairclough, ao analisar a ideologia através do marxista Althusser, também corrobora o pensamento de Chauí. Para o lingüista inglês: “... *a ideologia funciona pela constituição das pessoas em sujeitos sociais e sua fixação em posições de sujeito, enquanto ao mesmo tempo lhes dá a ilusão de serem agentes livres*”. (Fairclough 2001:52)

1.3 SER TOTALMENTE LIVRE: A GRANDE ILUSÃO PRODUZIDA PELA IDEOLOGIA

Essa ‘ilusão’ que o sujeito tem de que é totalmente livre, de que não vive em uma relação assimétrica, seja com o Estado, com a organização em que trabalha, apenas

citando essas duas formas de dominação, é exatamente o que a ideologia faz crer. Essa mesma ideologia que anuvia o entendimento que as classes trabalhadoras têm de si fez com que esse enorme segmento da sociedade acreditasse, por muito tempo, que apenas uma ínfima parcela da sociedade teria a posse ou monopólio do saber sistematizado e apenas esses privilegiados teriam a capacidade para governar um país.

1.4 A MÍDIA COMO PORTA-VOZ DA IDEOLOGIA E OUTRAS FORMAS DE DOMINAÇÃO

Se a ideologia tem como objetivo esconder que há lutas de classe, a grande imprensa será um eficiente instrumento das classes dominantes. A ideologia oculta as lutas dos Estados dominadores com os Estados subalternos. Um Estado com forte poder bélico pode invadir outro Estado e essa invasão pode ser legitimada pela ideologia: o Estado dominador e democrático invade um Estado subalterno e sem democracia. Em nome da paz mundial, um país é destruído com armas cada vez mais mortíferas e se tais armas dizimar civis inocentes, a expressão “efeito colateral” ideologicamente construída, será utilizada para que a sociedade aceite a morte de muitos cidadãos, pois existiria “uma causa justa”.

Chauí vislumbra o processo ideológico como fenômeno restrito às lutas entre classes sociais. Existem, entretanto, outras lutas entre dominadores e dominados: lutas de gêneros, lutas que envolvem etnias, enfim, lutas escamoteadas que demonstram que existem dominados e dominadores, contudo o reconhecimento de tais embates é praticamente invisível àqueles que desconhecem que as relações humanas são assimétricas e **a igualdade seria o grande engodo produzido pela ideologia.** Thompson (2002).

A filósofa sintetiza seu pensamento com o seguinte enunciado: “*A ideologia é o processo pelo qual as idéias da classe dominante tornam-se idéias de todas as classes sociais.*” (Chauí 2005:84)

1.5 IDEOLOGIA E HEGEMONIA

A ideologia estaria relacionada à manutenção do poder, mas não apenas dos poderes daqueles que detêm cargos políticos: o poder da grande mídia, o poder dos

homens sobre as mulheres e outras dominações que precisam ser denunciadas. A professora e filósofa considera a hegemonia um fenômeno que teria como função maior a manutenção do *status quo*.

Uma classe é hegemônica não só porque detém a propriedade dos meios de produção e o poder do Estado (isto é, o controle jurídico, político e policial da sociedade), mas ela é hegemônica, sobretudo porque suas idéias e valores são dominantes, e mantidos pelos dominados até mesmo quando lutam contra essa dominação. (Chauí 2005:99)

Mas quem seriam os apóstolos da idéia da hegemonia que estabelece nas sociedades hodiernas a ideologia da aceitação? Afinal, *somos um povo ordeiro*, ou seria *cordeiro*?

Não se perde de vista, também, que a produção e distribuição dessas idéias ficam sob o controle das classes dominantes, que usa as instituições sociais para sua implantação – família, escola, igrejas, partidos políticos, magistraturas, meios de comunicação da cultura permanecem atrelados à conservação do poder dos dominantes. (Chauí 2005: 88)

Verifica-se que várias instituições cooperam para a manutenção do poder como, por exemplo, os partidos políticos, grandes empresas, sistema bancário e, em especial, os meios de comunicação de massa. Essas instituições tiveram importante papel nas eleições presidenciais de 2006 que desejavam que o poder fosse mantido nas esferas estaduais, em especial nos estados do Sul e do Sudeste, e na esfera federal houvesse alternância de gestão.

1.6. A QUEM SERVE A IDEOLOGIA?

Surge uma questão epistemológica: se os meios de comunicação servem aos dominadores e esses estão no poder, então, com absoluta certeza, a imprensa estaria submissa aos desejos do Presidente Lula. Contudo essas relações não são tão simplistas assim.

Quando se faz uma retrospectiva da cobertura das eleições presidenciais pós-ditadura civil-militar, verifica-se que a mídia apoiou, de forma velada, ou explícita, candidatos que pudessem, de alguma maneira, beneficiar as organizações que atuam no seguimento da informação e entretenimento: televisão, revista, jornal, rádio, internet. Aliás, algumas organizações midiáticas conseguem convergir todas essas mídias,

algumas inclusive, agregam igrejas, e em muitos momentos funcionam como verdadeiros partidos políticos.

Em 1989, houve um apoio maciço da grande mídia ao então desconhecido caçador de marajás, Fernando Collor de Melo. Em 1994, no embalo do Plano Real, o ex-ministro da Fazenda do Presidente Itamar Franco é eleito Presidente da República. A Constituição foi modificada e permitiu-se a reeleição de presidentes. Fernando Henrique Cardoso é reeleito, independente de o Brasil viver uma grave crise econômica, silenciada pela imprensa burguesa comercial.

Em 2002, após a divulgação da **Carta ao Povo Brasileiro**, a grande mídia sentiu-se mais à vontade em “permitir” que um peão fosse eleito Presidente da República, entretanto tal ‘permissão’ não implicou uma adesão incondicional. A imprensa comercial conseguiu, ao longo dos quatro anos do governo Lula, construir uma nova identidade para o retirante de Caetés, arranhando a imagem forjada desde os anos 80, quando nas greves no ABC paulista, o ex-sindicalista enfrentava um regime civil-militar cambaleante, mas ávido de permanecer no poder.

Por outro lado, percebe-se, e esta informação é crucial para o entendimento desta dissertação, que o Presidente Lula consegue construir uma identidade completamente distinta daquela que estava sendo tecida pela grande mídia e partidos de oposição ao Governo Federal. Quando Lula concedeu em 2005 uma entrevista coletiva ao **Programa Roda Viva**, utilizando um discurso com viés **ético e desenvolvimentista** e, ao mesmo tempo, comparou seu governo aos anteriores, ele conseguiu sobrepor-se aos discursos que apostavam em um desgaste político, praticamente impossível de ser revertido. Esse discurso, como se verificará na análise do *corpus*, foi reutilizado na segunda entrevista coletiva, no segundo turno das eleições presidenciais de 2006.

Não é bom esquecer que estados como São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia, Rio Grande do Sul e Pernambuco, por exemplo, eram governados por oposicionistas, que se aproveitando do discurso das mídias apostaram todas as fichas na fragmentação do Partido dos Trabalhadores e de seu mais importante membro: Luiz Inácio Lula da Silva.

1.7 IDEOLOGIA E LINGUAGEM

É importante compreender o conceito de ideologia, empregado nessa dissertação. Retirar o véu que cobre os discursos das classes dominantes implica entender, entre outras coisas, o que a ideologia significa para as classes dominadas:

deixá-las **inocentes, subalternas, dóceis**. Freire, ao discutir o papel do docente e do discente, irá tecer um comentário acerca da ideologia que vai ao encontro do pensamento dos autores citados: *“É que a ideologia tem que ver diretamente com a ocultação da verdade dos fatos, com o uso da linguagem para penumbrar ou opacizar a realidade ao mesmo tempo em que nos torna míopes”*. (Freire 2005:125)

A linguagem estará, portanto exalando ideologia e aqueles que detêm a informação poderão carregar nas tintas para que seus comentários/notícias sejam convincentes e se tornem verdadeiros para leitores, ouvintes, telespectadores e internautas ávidos por notícias espetaculares.

O discurso do Presidente Lula, pronunciado nas duas entrevistas coletivas, irá dialogar com os discursos das mídias e dos partidos políticos que faziam oposição a ele. Esse diálogo não é travado de maneira clara, há muitos implícitos que necessitam emergir da profundidade do texto/discurso que era veiculado tanto pela imprensa como por partidos de oposição. Portanto, compreender o que significa ideologia implica entender o funcionamento da linguagem em instâncias de poder e como discursos disfarçados de modernos podem ser desmascarados, a partir da argumentatividade e intertextualidade.

1.8. IDEOLOGIA E PODER

As mídias possuem um discurso ideológico que revela um desejo de manter determinados grupos políticos no poder, ou, simplesmente apeá-los, quando tais grupos não têm mais serventia. Assim os meios de comunicação de massa seriam ao mesmo tempo emissários da ideologia dos dominantes e beneficiários dela.

Os governos podem ser desestabilizados à Assis Chateaubriand ou de maneira mais sutil, mais refinada como atualmente as grandes corporações midiáticas têm influído em nossa sociedade. Desta forma, o discurso de Lula estará dialogando de maneira sutil com o discurso das mídias que, de certa forma, representa o discurso dos dominadores.

Para encerrar essa discussão, se é que isso possa ser feito em relação ao fenômeno da ideologia, faz-se necessário compreender como a Análise Crítica do Discurso compreende tal relação, que mantém controladores e controlados convivendo de forma pacífica. Fairclough acredita na possibilidade de transformações nas relações em que há dominadores e dominados. A mudança social, a partir de um discurso é

possível, ou vice versa, e tais fenômenos são abordados na análise do *corpus* desta dissertação.

Portanto, compreender as práticas discursivas e a ideologia que são montadas e construídas sob vários enunciados é de fundamental importância na análise de discurso, em especial os discursos políticos.

No próximo capítulo, analisamos o discurso midiático nas eleições presidenciais de 2006. O fenômeno da ideologia estará permeando a linguagem da mídia, o que nos faz crer que uma (ideologia) não subsiste sem a outra (linguagem).

2. AS MÍDIAS NAS ELEIÇÕES EM 2006: CONSTRUINDO IDENTIDADES

Como enfrentar o extraordinário poder da mídia, da linguagem da televisão, de sua 'sintaxe' que reduz a um mesmo plano o passado e o presente e sugere que o que ainda não há já está feito. Mais ainda, que diversifica temáticas no noticiário sem que haja tempo para a reflexão sobre variados assuntos. De uma notícia sobre Miss Brasil se passa a um terremoto na China; de um escândalo envolvendo mais um banco dilapidado por diretores inescrupulosos temos cenas de um trem que descarrilou em Zurique.
(Freire 2005)

Neste capítulo, analisamos o comportamento da grande mídia nas eleições presidenciais em 2006. Essa análise é necessária em virtude do problema central que envolve esta dissertação: **como o discurso de Lula se sobrepôs ao discurso das mídias e das oposições no processo eleitoral de 2006?** Evidentemente que o discurso de Lula irá dialogar com outros discursos, no intuito de esclarecer aos eleitores dúvidas em relação às questões suscitadas, seja por certos setores midiáticos, seja por parte da oposição.

O diálogo entre esses muitos discursos foi analisado no *corpus* desta pesquisa, entretanto, neste primeiro momento, verificamos como a imprensa utiliza-se de certos **padrões de manipulação**, a fim de construir identidades, distorcer fatos, ou simplesmente fazer crer aos incautos que há isenção e imparcialidade, por parte da mídia, o que a tornaria, se essas afirmações fossem verdadeiras, em arauto da verdade.

Analisamos o comportamento da grande mídia, a partir das reflexões de Patrick Charaudeau, Fairclough e Perseu Abramo, além de alguns jornalistas que criticaram o comportamento da imprensa na cobertura das eleições presidenciais em 2006.

2.1 PADRÕES DE MANIPULAÇÃO DA GRANDE MÍDIA

Ao analisarmos o fragmento, extraído do ensaio *Padrões de manipulação na grande imprensa* de Perseu Abramo, que trata da falsa objetividade da mídia, verificamos que a grande imprensa é vista como instrumento das elites com o intuito de controlar a sociedade.

Os estudos do professor Perseu desmascaram a autoproclamada “objetividade” da imprensa comercial-burguesa, mostram que se trata de uma “falsa objetividade” e situam o jornalismo praticado pelo mercado como um instrumento de controle político das elites, contrário aos interesses maiores do povo brasileiro. No debate sobre a verdadeira motivação da empresa de comunicação em manipular a informação e distorcer a realidade, Perseu coloca o campo econômico, a busca do lucro, num segundo plano, já que esse pode ser obtido com melhor resultado em outras atividades empresariais. Para ele, a motivação real está no campo político, na lógica do poder. (Abramo 2003:17)

Hamilton Octávio, jornalista que escreve o prefácio acima, discute o fenômeno da ideologia, desvelando as relações existentes entre mídia e poder. Para o jornalista, o lucro obtido pelo setor midiático seria secundário; o que estaria de fato em jogo seria o poder.

Para Fairclough, a mídia irá tratar as pessoas como consumistas que deverão comprar os produtos vendidos pela imprensa (as notícias), seja ela falada ou escrita, além é claro das novas mídias digitais que surgem com o advento da internet. Assim, para o lingüista inglês, o grande objetivo das empresas de comunicação seria o lucro.

A mídia de notícias tem mudado largamente nessa direção e é preciso se considerar por quê. Em um nível, isso reflete o que tem sido identificado como uma importante dimensão do consumismo: Uma mudança, ou mudança aparente, no poder dos produtores para os consumidores. A mídia de notícias está no negócio competitivo de ‘recrutar’ leitores, telespectadores e ouvintes em um contexto de mercado no qual suas vendas ou seus índices são decisivos para a sobrevivência. (Fairclough 2001:143)

Não importa se a ênfase encontra-se no **poder** ou no **lucro**, o que na realidade é relevante nas duas palavras é que a grande mídia, denominada “burguesa”, deseja as duas coisas, e para conseguir seus objetivos ela terá competência para recrutar leitores, ouvintes, telespectadores, internautas. Esse poder de recrutamento é o negócio da grande mídia e conhecedora de seu ofício ela consegue manipular e distorcer a realidade.

Não podemos esquecer que a notícia é carregada de ideologia, ela é sempre ideológica, haja vista ser ela uma versão dos acontecimentos cuja representação é mediada pelas palavras. Negar esse fenômeno na imprensa é no mínimo sinal de ingenuidade, ou mesmo uma materialização da ideologia.

Conhecer os padrões de manipulação utilizados pela grande mídia é de suma importância quando se percebe que há um diálogo entre Lula e as acusações que eram feitas a ele e a seu governo: omissão do Presidente e corrupção dentro do Planalto.

Nas duas entrevistas analisadas. O Presidente da República, em suas interações, tentará demonstrar que, como instrumento de convencimento e expressão do livre pensamento, a mídia pode, equivocadamente ou com intenção explícita, favorecer determinados setores econômicos e políticos e destruir reputações como constatamos na fala de Lula:

“... só pode acusar alguém se você tiver indícios muito fortes de provas... eu uma vez vi um deputado ser condenado... depois foi provado que ele não tinha nada... que foi o Alceni Guerra... eu vi o que foi feito com a Escola de Base lá em São Paulo... e que se execrou a escola... a família do dono da escola e depois prova-se que é inocente e não recupera mais...”. Anexo 1.

Nos dois casos mencionados, o Presidente relembra aos telespectadores fatos em que a mídia atuou como juiz de última instância ao condenar, antecipadamente o deputado e os proprietários da escola de Base. Foram utilizados determinados padrões de manipulação que não deram opção aos leitores ou telespectadores em seu julgamento que não fosse a condenação.

Não há uma acusação clara de Lula à imprensa, mas quando analisamos todo contexto em que esse fragmento está inserido, percebemos que ele tenta, através destes dois exemplos, provar que nem sempre a História pode ser contada pela mídia.

Perseu Abramo identifica cinco padrões de manipulação na imprensa, que seriam: a ocultação, a fragmentação, a inversão, a indução e, por último, o padrão específico do jornalismo de televisão e rádio.

2.1.1 PADRÃO DE OCULTAÇÃO

O padrão de ocultação seria um silêncio, um emudecimento sobre determinados fatos que ocorrem na sociedade. Essa ocultação é determinada pelos donos das grandes mídias.

A ocultação se dá quando a linha editorial define o que é um fato jornalístico e o que não é. Desta forma, a ocultação acaba manipulando os leitores/telespectadores, pois eles só lerão aquilo que é considerado um fato jornalístico. Podemos exemplificar a ocultação de um fato jornalístico quando, na reta final das eleições presidenciais, a mídia alardeou a tentativa da compra de um suposto dossiê que traria revelações catastróficas para os candidatos do PSDB à Presidência da República e ao Estado de São Paulo.

A grande mídia denuncia a tentativa da compra do dossiê por militantes petistas; por outro lado, o conteúdo do dossiê não é dissecado. Não há uma investigação para saber se tais fatos contidos nos documentos eram verdadeiros.

Charaudeau (2006) ao analisar o discurso midiático, esclarece que o leitor/telespectador/ouvinte não tem acesso aos acontecimentos em sua totalidade, a notícia em estado bruto. Há um filtro por onde, obrigatoriamente passam as notícias. Esse filtro é utilizado com maestria quando se deseja manipular a sociedade através da informação, ocultando detalhes que poderiam esclarecer determinados acontecimentos.

2.1.2 A FRAGMENTAÇÃO DA NOTÍCIA

A fragmentação da notícia seria uma outra maneira de manipular o leitor/telespectador/ouvinte. O que é considerado um fato jornalístico é fragmentado. Não há conexões com outros fatos, o que, evidentemente, não acontece no mundo real que, aliás, desconhece o que é fato jornalístico e o que não é fato jornalístico. A fragmentação implica duas operações: *“a seleção de aspectos ou particularidades do fato e a descontextualização.”* (Abramo 2003: 27). Há uma seleção do que deve vir a público. Abramo conclui com as seguintes palavras sobre o processo de fragmentação:

A fragmentação da realidade em aspectos particularizados, a eliminação de uns e a manutenção de outros e a descontextualização dos que permanecem são essenciais, assim, à distorção da realidade e à criação artificial de uma outra realidade. (Abramo 2003:28)

2.1.3 O PADRÃO DA INVERSÃO

Um outro padrão de manipulação, não menos importante que os anteriores, é o da inversão. Esse padrão caracteriza-se pela destruição da realidade original e a criação artificial de outra realidade. São enumerados vários tipos de inversão pelo professor Abramo, entretanto exemplificaremos apenas a inversão da opinião pela informação, tão comum nas revistas semanais, jornais, telejornais, rádios e mais recentemente pela internet.

A utilização sistemática e abusiva de todos esses padrões de manipulação leva quase inevitavelmente a outro padrão: o de substituir, inteira ou parcialmente a informação pela opinião. Deve-se destacar que não se trata de dizer que, além

da informação, o órgão de imprensa apresenta também a opinião, o que seria justo, louvável e desejável, mas sim que o órgão de imprensa apresenta a opinião no lugar da informação, e com a agravante de fazer passar a opinião pela informação. O juízo de valor é inescrupulosamente utilizado como se fosse um juízo de realidade, quando não como se fosse a própria mera exposição narrativa/descritiva da realidade. O leitor/espectador já não tem mais diante de si a coisa tal como existe ou acontece, mas sim uma determinada valorização que o órgão quer que ele tenha de uma coisa que ele desconhece, porque o seu conhecimento lhe foi oculto, negado e escamoteado pelo órgão. (Abramo 2003:31).

O que o autor critica não é a liberdade de opinião da imprensa. A mídia tem todo direito de opinar e deve fazê-lo, mas de modo claro, dentro de gêneros como artigos, ensaios, editoriais, ou seja, nas categorias opinativa e interpretativa, a fim de que o leitor/telespectador/ouvinte tenha alternativas para formação de opinião, sem que esteja comprando a opinião alheia por uma informação acerca de determinado fato. E conclui o mestre:

O jornalismo, assim, não reflete nem a realidade nem essa específica parte da realidade que é a opinião pública ou do seu público. Ao leitor/espectador, assim, não é dada qualquer oportunidade que não a de consumir, introjetar e adotar como critério de ação a opinião que lhe é autoritariamente imposta sem que lhe sejam igualmente dados os meios de distinguir ou verificar a distinção entre informação e opinião. (Abramo 2003: 32)

O analista de discurso francês corrobora a opinião de Abramo ao afirmar:

Diz-se que as mídias não têm que tomar posição, que devem mostrar neutralidade, mas sabe-se que essa neutralidade é ilusória. Entretanto, há gêneros redacionais que se prestam mais ou menos a uma avaliação. Nos editoriais e em algumas crônicas, por exemplo, espera-se que o jornalista nos esclareça sobre o debate das idéias, dando sua opinião e argumentando. (Charaudeau 2006:180)

2.1.4 O PADRÃO DA INDUÇÃO

Outro padrão de manipulação seria a indução. Esse processo é assim descrito pelo jornalista:

A indução se manifesta pelo reordenamento ou pela recontextualização dos fragmentos da realidade, pelo subtexto – aquilo que é dito sem ser falado – da diagramação e da programação das manchetes e notícias, dos comentários, dos sons e das imagens, pela presença/ausência de temas, segmentos do real, de grupos da sociedade e de personagens. (Abramo 2003:34)

A manipulação através da indução implica fazer o leitor/telespectador/ouvinte acreditar em “verdades” que não passam de falácias. Esse processo se dá em função do uso ou desuso de elementos semióticos como sons, imagens, gráficos, manchetes, comentários, ausência de informação etc.

Observamos que certas autoridades são, cinicamente, “vendidas” como se fossem “produtos de alta qualidade”, enquanto outras pessoas ou entidades passam despercebidas, quase invisíveis no noticiário, quando não são apresentadas como encarnação do mal. Basta observar como são tratados os movimentos sociais no Brasil, que representam um grande segmento de nossa sociedade. Não há voz para eles e quando são apresentados tem-se a impressão que se está diante de bandidos, cangaceiros da pós-modernidade. No *corpus* dessa pesquisa, o Presidente chega a ser incisivo com um jornalista, que em um primeiro momento, preferia acreditar em uma versão de um político, amplamente noticiada pelos meios de comunicação de massa:

“H: presidente... quando essa pessoa diz que financiou a campanha do senhor... os partidos políticos que financiaram a campanha do senhor... que esse dinheiro veio do caixa dois do PT... como explicar isso a população? L: por que você acredita no que ele falou e não no que eu tô falando? H: não... eu acredito no que o senhor está falando agora... claro...”. Anexo 1.

2.1.5 PADRÃO ESPECÍFICO DO JORNALISMO DE TELEVISÃO E RÁDIO

Por último, o mestre comenta o padrão específico do jornalismo de televisão e rádio. Para o professor, esse padrão de manipulação utiliza os quatro padrões analisados, entretanto há um maior refinamento.

Nesse padrão, Abramo utiliza a metáfora de um espetáculo, dividido em três atos, que poderiam ser sumarizados em:

- (1) exposição dos fatos, que serão submetidos a todas as outras formas de manipulação, com forte apelo emotivo em detrimento da razão. Há uma valorização da imagem;
- (2) o segundo momento explora **a voz do povo**. Ele, o povo, comentará determinados fatos do cotidiano, mostrando o cidadão comum como testemunha viva dos acontecimentos;
- (3) no último momento, autoridades são mostradas solucionando problemas da sociedade. Nesse último ato, a autoridade funciona como um pai que acalma os filhos ou a sociedade em momentos difíceis. Esse ato é o epílogo do espetáculo. Os próprios jornalistas irão reforçar a idéia de que os problemas foram sanados, que medidas administrativas estão sendo tomadas e assim, a sociedade deve continuar sua rotina.

Esse último ato, na visão de Charaudeau trará alguns inconvenientes para os donos dos meios de comunicação de massa:

Com isso surge o seguinte problema; dar a palavra aos notáveis corresponde a mostrar-se como o organismo da informação institucional; dar a palavra aos anônimos corresponde a mostrar-se como organismo da informação cidadã ou mesmo popular. No primeiro caso, as mídias podem ser consideradas sérias, mas ao mesmo tempo podem ser consideradas suspeitas; no segundo caso, as mídias apresentam-se como a linguagem da democracia, mas também podem ser acusadas de demagógica. (Charaudeau 2006:168)

Esses padrões de manipulação transformam a realidade em algo artificial, fabricada de forma extremamente competente pela grande mídia.

2.2. A ATUAÇÃO DA GRANDE MÍDIA NAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 2006

O início oficial da campanha presidencial foi 06 de julho de 2006, entretanto, já se observa uma grande movimentação por parte da mídia em meados de 2005 com a cobertura do escândalo do mensalão. A gênese desse escândalo se dá após um afilhado político de o deputado Roberto Jefferson ter sido filmado nas dependências dos Correios recebendo propina. O deputado petebista se vê acuado diante do escândalo, que tem seu nome relacionado ao funcionário dos Correios. Para sair do foco das denúncias, Roberto Jefferson, utilizando-se de uma oratória teatral, acusa membros do Partido dos Trabalhadores de pagar mesadas a deputados da base aliada com a finalidade de que esses deputados votassem a favor do governo.

A denúncia ganhou nome: mensalão, e o acusador, mesmo tendo contra si várias acusações de corrupção, recebeu os holofotes da imprensa, transformando-se em uma grande personalidade, uma espécie de estrela midiática.

As falas da oposição eram outro mecanismo de retórica midiática antilulista. A mídia deu total crédito a acusações formuladas por criminosos, alguns deles retirados diretamente da cadeia para depor na CPI, como foi o caso de Toninho da Barcelona. O próprio Roberto Jefferson, articulador da acusação fundante de toda crise, confessou práticas criminosas e, no entanto, foi sempre tratado como herói da crise. (Lima 2007: 142)

Percebe-se que ora a oposição utiliza-se da mídia em seus discursos contra o Governo Federal, ora a mídia usa o discurso da oposição para legitimizar a sua própria

fala. Mas não foi apenas esse expediente usado pela imprensa para construir uma identidade para o Presidente Lula. As expressões cunhadas como mensaleiros, sanguessugas, vampiros eram todas direcionadas ao governo petista. A espetacularização da notícia ficou patente e tais expressões facilitavam a compreensão dos telespectadores/(e)leitores/ouvintes na tomada de decisão.

Foram cunhadas novas expressões de culpabilização coletiva: os ‘mensaleiros’, os ‘vampiros’, os ‘sanguessugas’, violando mais um princípio da justiça, o da individualização da culpa. Mesmo depois de passada a crise, manteve-se a estigmatização. Criou-se uma linguagem virulenta e palavras e imagens pesadas. (Lima 2007:143)

Sobre o espetáculo que as mídias podem promover, a fim de vender notícias, ou atuar de forma partidarizada, Charaudeau chega a ser irônico ao analisar tal fenômeno:

Como se sabe, a televisão é o domínio do visual e do som, lugar da combinação de dois sistemas semiológicos, o da imagem e o da palavra. Dessa combinação nasce um produto, talvez mais apto do que outros a fabricar imaginário para o grande público, isto é, um espelho que devolve ao público aquilo que é sua própria busca de descoberta do mundo. Mas, diferentemente do cinema, a televisão está obrigada, por contrato, a dar conta de uma determinada realidade. Assim sendo, ela não pode se apresentar como máquina de fabricar ficção, mesmo que, afinal, seja isso que ela produza. (Charaudeau 2006:223)

Acerca da espetacularização da notícia, Charaudeau concluirá:

Como as mídias dedicam-se, por um lado, a procurar a revelação e, por outro, a ampliar a dramatização do conhecimento através de um relato ficcionalizante, o público não é mais tratado como cidadão, mas sim como espectador, de um mundo que se torna objeto de fascinação, o que lhe atrai e lhe causa repulsa ao mesmo tempo. Torna-se então refém de um processo de catarse social: as mídias – e particularmente a televisão – desempenham a função de produtores de catarse social. (Charaudeau 2006: 273)

2.3 QUANDO A MÍDIA SE TRANSFORMA EM PARTIDO POLÍTICO

Constata-se que a campanha presidencial começara há pelo menos um ano antes da data oficial, a partir do escândalo do mensalão. A grande mídia inseriu-se nesse processo como um grande partido de oposição, não deixando as coisas claras aos seus leitores/telespectadores/ouvintes. Os acusados já estavam julgados e condenados e qualquer voz contrária estaria associada à defesa de bandidos, que não poderiam ter

seus casos transformados em pizza. No fragmento abaixo de Bernardo Kucinski, colaborador do livro *A mídia nas eleições de 2006*, encontramos a gênese do processo eleitoral, antecipadamente desencadeado pela grande mídia.

O designativo mensalão simboliza todo esse processo de ofuscação dos sentidos, já que nunca foi provada uma correlação entre pagamentos mensais regulares e votações de deputados a favor do governo. O PT e o governo insistiam que os pagamentos eram ressarcimentos por gastos da campanha que tiveram que ser parceladas por falta de recursos, como sugeriu o próprio Roberto Jefferson, na sua denúncia inaugural da crise. Os jornalistas ignoraram deliberadamente os indícios de que não era lógica a hipótese dos pagamentos mensais para votar a favor do governo, principalmente porque a maioria dos beneficiados já era da base de apoio ao governo. Não precisavam ser pagos. Muitos deles petistas. Outros, como Roberto Brant, opositor ferrenho de Lula, nunca votaram com o governo. (Kucinski, in:Lima: 2007:141)

Por que não houve uma outra linha de investigação para o caso do mensalão? Por que se preferiu o caminho mais fácil de colocar todos os “envolvidos” em um mesmo campo semântico, extremamente negativo, diga-se de passagem: mensaleiros, sanguessugas e vampiros.

Essa será a linha editorial dos principais meios de comunicação de massa. Exaltam-se as qualidades dos candidatos da oposição e conferem ao Partido dos Trabalhadores e ao Presidente Lula a pecha de vilões da política brasileira. Entretanto, esses “recursos jornalísticos” serão, de certa forma, sobrepostos pelo discurso do candidato/presidente Lula, mesmo diante de um linchamento midiático nunca visto na vida política brasileira.

Em 2006 os brasileiros, pelo seu voto, sepultaram o que poderíamos chamar de “síndrome da Rede Globo” – a mania da família Marinho de querer instituir a história do Brasil em vez de se limitar a relatá-la. Creio ser esse o maior significado dessa eleição na esfera da comunicação. Ela aponta para o fim de todo ciclo que se iniciou quando os militares delegaram à Rede Globo a tarefa de controlar ideologicamente a sociedade brasileira a partir do momento em que o controle pela força se tornasse inviável. Acabou-se o poder instituinte da Rede Globo. (Lima 2007:144)

Não se deve pensar apenas que as organizações Globo agiram como partido político nas eleições de 2006. A editora Abril (diga-se Veja), a Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo entre outras, usaram os padrões de manipulação denunciados por Perseu Abramo e declararam guerra ao governo do PT.

Após a publicação pela Folha de São Paulo, em 6 de junho de 2005, de uma entrevista com o então deputado federal governista Roberto Jefferson (PTB-RJ – Partido Trabalhista Brasileiro), um setor dos meios de comunicação de massa avaliou que havia espaço para declarar uma guerra político midiática contra a gestão do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Uma parte desse setor entendia que era possível encurtar o mandato de Lula ou no mínimo conseguir garantias de que o presidente não disputaria sua reeleição. Isso foi verbalizado de forma clara à revista Exame de 1º de julho de 2005 pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (FHC): “Lula deveria anunciar que não é mais candidato à reeleição. Deveria escolher projetos importantes e abrir negociação com todos”. (Lima 2007:115)

Percebe-se que a grande mídia e a principal oposição ao governo atuaram em bloco, minando de todas as formas a gestão petista e tentando inviabilizar a candidatura de Lula à reeleição. Essa ação conjunta, contudo, como mostra a história, não logrou êxito.

Entretanto, a grande novidade na análise das relações entre mídia, política e eleições de 2006 não é a atuação política assumida pela mídia, que em razoável medida retrocede a uma postura partidarizada como a de 1989, mas o enorme descompasso e o acentuado contraste entre a ampla, e muitas vezes feroz, cobertura predominantemente contrária ao governo, ao PT e ao candidato presidente Lula, e a posição favorável à reeleição de Luiz Inácio Lula da Silva expressa pela parcela majoritária da população brasileira, em especial em seus setores populares, através de inúmeras sondagens de opinião e dos resultados do primeiro turno e, principalmente, do segundo turno da eleição. Neles, Lula obteve, respectivamente, 46.661.741 votos (48,6% dos votos válidos) e 58.295.042 votos (60,8% dos votos válidos), maior votação absoluta e a segunda maior votação relativa de um candidato a presidente do Brasil. (Lima 2007:162)

2.4 AS NOTÍCIAS VEICULADAS ACERCA DO GOVERNO LULA NÃO CORRESPONDIAM ÀS MUDANÇAS SOCIAIS POR QUE PASSAVA O BRASIL

A grande mídia e setores da oposição apostaram no desgaste natural de um governo, aliado à “artificialização” de uma crise. Acreditaram que as classes A e B, formadoras tradicionais da opinião pública, iriam multiplicar os votos, atraindo as classes menos abastadas para a candidatura tucana. Entretanto o que se percebeu após a contagem dos votos foi justamente o contrário.

A “classe C”, com ganhos de dois a cinco salários mínimos, foi incorporada à classe média. Algumas estatísticas estimam que mais de seis milhões de brasileiros

migraram, no governo Lula, para a classe média, outros milhões que viviam abaixo da linha pobreza conseguiram fazer as três refeições diárias. Some-se a esse enorme contingente os eleitores orgânicos, aqueles que sempre votam em determinado candidato ou partido político. Segundo algumas pesquisas, Lula teria 30% desse eleitorado. (Lima 2007)

Não se pode negar as profundas mudanças por que passou a sociedade brasileira em função de uma política social focada nas camadas menos favorecidas. A oposição irá denominar tais políticas de assistencialista e a grande mídia irá reproduzir o seguinte mote: não se deve dar o peixe, mas ensinar a pescar. Esse enunciado, carregado de ideologia, foi e é repetido, freneticamente não apenas pela imprensa e partidos de oposição, mas também por parte da população brasileira. Mas como se aprende a pescar com fome? Como se aprende a nadar afogando-se? Evidentemente que o peixe deve ser dado enquanto se aprende a pescar; o afogado salvo para depois ser ensinado a nadar.

Na análise do *corpus*, verificamos quais argumentos foram utilizados por Lula, a fim de construir uma nova identidade para si: um homem do povo com discurso e prática política desenvolvimentista e ética; diferentemente do que era apregoado por setores da mídia e da oposição que, ao longo da campanha, denominavam as ações do Governo e, por conseguinte, os discursos do Presidente de populista e assistencialista.

O candidato oficial à Presidência da República escolhido pela grande mídia foi, sem sombra de dúvidas, Geraldo Alckmin. Mesmo nos momentos mais críticos do governo PSDB/PFL, como o terror que o Primeiro Comando da Capital – PCC – (organização criminosa criada e dirigida dentro de presídios em São Paulo) – impôs ao estado Paulista; a imprensa, de um modo geral, foi extremamente complacente em relação ao candidato e ex-governador tucano, ao federalizar um problema de segurança pública localizado no estado do ex-governador de São Paulo e agora candidato do PSDB à presidência da República. A grande imprensa também, silenciou-se diante de vários escândalos no Governo de São Paulo, que não se transformaram em Comissões Parlamentares de Inquérito, em função de o governo tucano ter a maioria dos deputados na Assembléia Legislativa daquele estado.

2.5 ALGUNS JORNALISTAS DENUNCIAM A PARCIALIDADE DA MÍDIA

Escolhido o candidato preferencial, a imprensa burguesa, nas palavras de Perseu Abramo, acreditava que bastava enaltecer o candidato tucano para, finalmente, sagrá-lo presidente.

Quando se observa a evolução da intenção de votos entre os dois principais candidatos, verifica-se que a diferença de Lula para o segundo colocado, Alckmin, será sempre em torno de 20 pontos percentuais. (Lima 2007:189). Essa diferença pode ser percebida, a partir de fevereiro de 2006 e permaneceu até o dia 30 de setembro quando o “escândalo” da compra do dossiê foi amplamente divulgado pela imprensa.

A diferença entre os dois candidatos caiu para sete pontos percentuais, levando a disputa para o segundo turno. A forma como a grande mídia divulgou tal fato, em especial a Rede Globo, causou grande insatisfação por parte de vários jornalistas.

O comportamento da Globo na cobertura do caso dossiê provocou reclamações de vários funcionários da emissora, desde o início. Já na segunda-feira após o estouro do caso, dia 18 de setembro, houve conversas de alguns deles com Luiz Cláudio Latgé, diretor de jornalismo da TV Globo em São Paulo. A reclamação básica àquela altura era a de que não havia um tratamento igual para as duas pontas da história. A ponta que envolvia “a podridão dessa banda sindical petista”, como dizia um desses funcionários revoltados, referindo-se aos chefes da operação do dossiê no comitê eleitoral do presidente Lula, era amplamente noticiada. Já a outra que envolvia articulações de Abel Pereira, empresário de Piracicaba, com interesses no Ministério da Saúde na época dos governos tucanos, era omitida. (Lima 2007:245)

Parece que não foram apenas jornalistas com senso ético que perceberam essa distorção na cobertura dos fatos elencados. A grande maioria da população percebeu a tentativa de manipular, ocultar e fragmentar fatos que tinham como intuito desabonar o Presidente Lula. Luiz Inácio Lula da Silva venceu as eleições com 60,8% dos votos válidos. Essa reviravolta se deve, em grande parte, ao discurso do Presidente, que foi analisado no *corpus* desta dissertação.

Para finalizar o caso dossiê, é mister transcrever um texto que trata sobre como se fabrica uma notícia:

Mas do que os petistas do caso dossiê são acusados? De comprar informações? Não, porque este não é um crime tipificado em lei. Porém, como não é um crime, mas ao PT que se persegue, é preciso achar outro crime que os petistas

possam ter cometido. Depois de ouvir o presidente do PT, Ricardo Berzoini, dizer que comprar dossiê não é crime, o jornal O Globo, dessa quinta, saiu exatamente à cata desses crimes. Encontrou advogados que lhe permitiram dizer: há duas hipóteses de o episódio vir a configurar crime. A primeira, se for comprovada a origem ilícita do dinheiro apreendido com os petistas Gedimar Passos e Valdebram Padilha. Nesse caso, os envolvidos poderiam ser processados por crime de ocultação de valor proveniente de ilícito (...) A segunda possibilidade é a de o dossiê conter falsas provas, configurando crime eleitoral de obtenção de documento material ou ideologicamente falso, para fins eleitorais. (Lima 2007:248)

A grande imprensa, ao descobrir que não havia crime cometido, escolheu a primeira possibilidade – dinheiro ilícito – para suas “investigações” jornalísticas. A pergunta é: por que não houve uma outra linha investigativa, ou seja, por que os jornalistas não se debruçaram nos documentos apreendidos, no intuito de verificar se havia verdades ou inverdades no dossiê? Aliás, esse era o caminho mais fácil, e “isento”; preferiu-se o caminho mais árido.

Um outro momento ímpar na cobertura das eleições presidenciais foi a grande cobertura dada à candidata Heloísa Helena. A senadora do recém-criado partido político – PSOL – era indigesta para setores empresariais e, evidentemente pela grande mídia, entretanto, verifica-se um elevado número de matérias jornalísticas positivas em relação à candidata, que com um discurso agressivo, conseguiu no primeiro turno trazer para si o voto de uma parcela expressiva de eleitores de esquerda. (Lima 2007)

Os votos dados à Heloísa Helena não iriam levá-la ao segundo turno, isso nunca passou pela cabeça dos donos das grandes organizações midiáticas, entretanto, como a história mostra, os votos destinados à senadora/candidata à presidência, somados aos dados a Geraldo Alckmin levaram o candidato tucano ao segundo turno.

No próximo capítulo, analisamos a **argumentatividade**, elemento imprescindível na construção da identidade do Presidente Lula. Mas essa argumentatividade não se presta apenas para construir identidades, mas também para desmascarar e pôr à luz verdades que a grande mídia preferiu ocultar durante todo período eleitoral.

3. ARGUMENTATIVIDADE COMO CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE

A importância do silêncio no espaço de comunicação é fundamental. De um lado, me proporciona que, ao escutar, como sujeito e não como objeto, a fala comunicante de alguém, procure entrar no movimento interno do seu pensamento, virando linguagem; de outro, torna possível a quem fala, realmente comprometido com comunicar e não com fazer puros comunicados, escutar a indagação, a dúvida, a criação de quem escutou. Fora disso, fenece a comunicação.
(Freire 2005)

3.1 A ARGUMENTAÇÃO A PARTIR DE PENSAMENTO GREGO

Quando se discute a retórica, não se pode esquecer o legado que os gregos nos deixaram há mais de dois mil anos. Na retórica aristotélica, o discurso é estruturado em cinco partes, a saber: exórdio, narração, prova, epílogo, refutação e recapitulação. (Freitas 2007)

3.1.1 O EXÓRDIO

O exórdio tem como função a conquista da simpatia do auditório, no caso o eleitor/telespectador. Em uma entrevista coletiva como a do Programa Roda Viva, pode-se atribuir às palavras iniciais do Presidente Lula aos jornalistas e aos telespectadores a essa função argumentativa.

As primeiras palavras são usadas com o propósito de trazer para si a platéia, conquistando-a. Qualquer deslize inicial poderá comprometer todo discurso. O ato de convencimento já está posto nessa fase do discurso. Observe a fala inicial de Lula na segunda entrevista coletiva:

“L: boa noite... Markun... é um prazer saber que nós estamos aqui nesta entrevista vigiados pelo Juscelino Kubitschek que nos olha ali da mesa...”. Anexo 2.

3.1.2 A NARRAÇÃO

A narração, segundo Aristóteles, deve ser dividida em partes. O filósofo grego recomendava que os oradores não detalhassem, cronologicamente, os fatos a serem elencados. (Freitas 2007)

Evidentemente que, em uma entrevista coletiva, Lula não poderia tomar para si o turno ininterruptamente, narrando fatos a seu bel-prazer; afinal, o Presidente não estava fazendo um pronunciamento, que além de, muitas vezes, ser escrito por outras pessoas, não dá a terceiros a possibilidade de discordâncias, apartes ou qualquer tipo de questionamento.

Na entrevista coletiva em questão, o *locus* permite a participação de todos os presentes, inclusive dos telespectadores com perguntas feitas pela internet ou telefone. Há, nesse gênero discursivo, muitas mudanças de turno, há muita sobreposição de falas como verificamos na análise do *corpus* desta pesquisa.

Segundo Aristóteles, apenas os fatos conhecidos pelo orador devem ser mencionados, a não ser que ele seja instigado a respondê-los, mas mesmo assim, ele poderá utilizar outras estratégias para fugir à pergunta. Deve-se, também, evitar a prolixidade, buscando, por outro lado, o tamanho exato do discurso, a fim de não tornar-se cansativo para o público alvo. A competência comunicativa de Lula será um dos trunfos do Presidente nas duas entrevistas coletivas.

Na narrativa, o Presidente Lula precisa enunciar fatos que valorizam seu mérito pessoal, ou hodiernamente, valorizar a face positiva, que corresponderia “à *fachada social, à nossa própria imagem valorizante que tentamos apresentar aos outros*”. (Maingueneau 2005:38)

No programa Roda Viva, Lula precisou se defender de várias acusações. A Retórica aristotélica tratava também sobre como se defender de acusadores. Conhecendo ou não o texto do filósofo grego, o chefe do Executivo soube negar todas as acusações e minimizá-las. Tais estratégias discursivas foram sistematicamente utilizadas pelo Presidente nas duas entrevistas coletivas.

“... ora... na medida em que há essa insinuação... ou essa afirmação de um deputado... o que é que eu fiz... nós tínhamos o Aldo Rebelo como líder do governo no Congresso... nós tínhamos o Arlindo Chinaglia como líder do (+) como (+) líder do PT... e eu pedi aos dois que explicasse se era verdade... eles categoricamente disseram que isso não passava de uma peça de ficção... que não existia mensalão dentro do Congresso Nacional... e pelo que consta ATÉ agora... ATÉ agora... não foi provado se tem mensalão... tem 513 deputados... até agora o que foi cassado... foi cassado porque contou uma inverdade sobre o Congresso Nacional”. Anexo 1.

3.1.3 A PROVA

A prova seria a abordagem de fatos pontuais. “... a contestação dos fatos deve ser pontual, e a demonstração tem de recair somente sobre o ponto contestado”. (Freitas 2007:54)

“L: ... nós temos grandes projetos em andamento que podem garantir o crescimento desse país”. Anexo 2.

“L: deixa eu só te dizer uma coisa... e é por isso que... com as últimas medidas que nós tomamos... nós vamos terminar o ano (2006) desonerando 23 bilhões de reais.” Anexo 2.

Nos dois enunciados acima, Lula utilizará números, comprovando que suas palavras são verdadeiras. Nos exemplos citados, há projetos em curso, ou seja, **planejamento** e **desoneração**, o que implicou a construção de obras para o país e circulação no mercado de mais de 23 bilhões de reais em função da renúncia fiscal por parte do Governo Federal.

3.1.4 O EPÍLOGO

O epílogo, na visão aristotélica, é dividido em quatro partes: “... a primeira dispõe bem o ouvinte em nosso favor e indis põe contra do adversário” (Freitas 2007:55). Lula utilizará a comparação, a fim de deixar os adversários em uma situação de desvantagem em relação a ele. Entretanto, quando se observa o *corpus* desta pesquisa, dificilmente seus adversários são nomeados. Alguns exemplos extraídos do *corpus* podem dar uma idéia de como o Presidente utiliza esse recurso argumentativo:

“L: ... você não pode se esquecer de que é a primeira vez depois de 23 anos que as empresas têm mais lucros do que os bancos neste país...”. Anexo 2.

“L: ...80% dos casos que nós conseguimos dismantelar de quadrilhas existentes no setor público brasileiro... elas vêm de muitos anos atrás... tem até de 1987... sabe?”. Anexo 2.

...a segunda parte visa aplicar a técnica retórica de amplificar ou atenuar o que se disse; a terceira parte objetiva excitar paixões do ouvinte e a quarta e última parte tem por objetivo realizar a recapitulação dos fatos importantes do discurso. (Freitas 2007:55)

A segunda parte estaria relacionada à maneira de modalizar o discurso. A terceira seria o *phatos*, a maneira de deixar o telespectador, passionalmente envolvido e a quarta parte seria a recapitulação, de maneira que as palavras não se dispersem ao longo da entrevista.

3.1.5 A REFUTAÇÃO

A refutação aristotélica foi usada sem parcimônia pelo Presidente, quando Lula afirmava que as acusações feitas a ele ou ao governo petista eram inverídicas ou precisavam ser analisadas por alguma entidade: Polícia Federal, Ministério Público. Além disso, Lula soube minimizar várias acusações relacionadas à corrupção, quando discursando de maneira republicana, apregoava a inocência de todos até prova em contrário e para que isso ocorresse, devia-se esperar o julgamento até a última instância do Judiciário. Com tais afirmações, ele aproxima-se de muitos que se sentem injustiçados, caluniados, atraindo-os, assim, para o seu lado.

Na refutação, o orador deve somar o máximo de argumentos, dizendo ainda que o fato não é injusto, ou ainda, em sendo, passa a sê-lo em escala muito pequena, não gerando consequência alguma. Com isso, descaracteriza-se a acusação. (Freitas 2007:55)

Minimizar as acusações será uma estratégia interessante utilizada pelo Presidente, tornando várias acusações inócuas.

“L: então... deixa eu te fazer uma pergunta... no que minha candidatura precisava do dossiê?”. Anexo 2.

“L: ...peço a Deus para o presidente não ter poder de investigação... sabe? então eu só quero que apure...”. Anexo 2.

“L... porque quando o deputado Roberto Jefferson faz a denúncia... ele foi cassado exatamente por que não provou as denúncias que ele fez no que diz respeito... por exemplo... aos mensalões... o que ele provou é que o PT teve uma prática de financiamento de campanha totalmente contra a história do próprio partido e isso está sendo apurado na CPI...”. Anexo 1.

“L: ... primeiro eu não sei se o PFL tem autoridade política para pedir impeachment de um Presidente da República ou tenha argumento...”. Anexo 1.

O filósofo grego diz ainda que o orador tem mais outra alternativa: verificar sempre se o acusador já esteve diretamente implicado no mesmo fato que ora acusa, ou atualmente, ou no passado, referindo-se a si tanto quanto alguém de sua família ou de seu círculo de amizades. O orador também deve verificar se pessoas de elevado conceito na opinião pública foram injustamente acusadas de tal fato, para em seguida, argumentar que tal indivíduo, que tem reputação irretocável, também foi injustamente acusado do que ora o orador é acusado. (Freitas 2007:56)

Essa estratégia aristotélica foi utilizada em vários momentos nas duas entrevistas coletivas. Basta verificar que o Presidente Lula relembra as acusações que o governo FHC sofreu à época da Emenda Constitucional que permitiu a reeleição de presidentes. Lula lembra que houve denúncias de compra de votos, para aprovar a

Emenda Constitucional, e rememorando os fatos, afirma que nada foi provado. Assim, tenta minimizar as acusações de compra de voto de deputados da base aliada, denominada de mensalão.

O candidato/presidente também trará à baila vários célebres casos de injustiças praticadas no Brasil, fazendo com que os telespectadores rememorem os episódios da Escola de Base, cujos proprietários foram acusados de abuso sexual contra alunos, e dos ex-deputados Ibsen Pinheiro e Alcenir Guerra acusados de corrupção, no exercício do mandato. Em todos os exemplos, os denunciados foram considerados, posteriormente inocentes, contudo suas vidas já estavam arruinadas.

3.2 A RECAPITULAÇÃO COMO RECURSO RETÓRICO

A recapitulação dos fatos enunciados é de capital importância para aquele que está enunciando dentro de seu turno. Isso permite que a atenção do telespectador não se dirija para algo que não seja o orador, além disso, facilita que frases-chave sejam, de alguma maneira, fixadas na mente dos telespectadores, simpatizantes e militantes políticos do orador, que terão argumentos para defender o discurso e multiplicar as idéias ora apresentadas.

Dentro do gênero entrevista coletiva, em tese, não há adversários presentes, contudo percebe-se um diálogo constante com a oposição e a mídia. O entrevistado demonstra ao telespectador que suas afirmações são verdadeiras e que as alegações das oposições carecem de verdade ou legitimidade. Essas são estratégias argumentativas importantes para o convencimento do eleitor.

A interação verbal entre o Presidente e sociedade estará latente independentemente de os outros atores políticos estarem presentes no ato da enunciação. Esse diálogo é analisado no *corpus* dessa pesquisa.

3.3 A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE A PARTIR DO ETHOS, PATHOS E LOGOS.

Ainda remetendo a Aristóteles, é interessante citarmos três palavras cruciais e seus significados, que formam o esteio de uma boa argumentação.

(1) *Ethos*: seria a imagem que o orador constrói de si diante de seu auditório, no caso, perante os telespectadores do Programa Roda Viva. Evidentemente que essa

imagem não é construída em um momento específico, mas em toda trajetória de uma vida. Essa construção é diária e, em muitos casos, essa imagem é construída por outros atores como opositores e mídia.

O poder de persuasão de um discurso consiste em parte em levar o leitor a se identificar com a movimentação de um corpo investido de valores socialmente específicos. A qualidade do *ethos* remete, com efeito, à imagem desse “fiador” que, por meio de sua fala, confere a si próprio uma identidade compatível com o mundo que ele deverá construir em seu enunciado. (Maingueneau 2005:99)

Ainda discutindo o *ethos*, pode-se afirmar que o orador deverá projetar traços positivos de seu caráter para o auditório, no caso, os telespectadores, causando, assim uma boa impressão acerca do que se fala e como se fala.

Patrick Charaudeau, ao discutir o discurso político, irá listar as várias possibilidades que o *ethos* tem na construção de identidades, (Charaudeau 2006), a saber:

- O *ethos* de sério;
- O *ethos* de virtude;
- O *ethos* de competência;
- O *ethos* de potência;
- O *ethos* de caráter;
- O *ethos* de inteligência;
- O *ethos* de humanidade;
- O *ethos* de chefe;
- O *ethos* de solidariedade.

2) *Phatos*: seria a capacidade que o enunciador tem em envolver, emocionalmente, o auditório. Esse envolvimento passional tem como propósito persuadir os telespectadores, transformando o presidente/candidato em um objeto de desejo, tais quais os produtos anunciados nas publicidades.

3) *Logos*: possui várias conotações, entretanto, nesta dissertação, emprega-se como discurso por parte do sujeito, no caso Lula e os atores que naquele *locus* da enunciação participaram da construção da identidade do Presidente. Sobre o *logos*, Freitas faz a seguinte afirmação:

A partir dessa visão dialógica da linguagem, a subjetividade sempre se fará presente, pois sujeito e objeto, língua e fala, eu e tu estão em permanente interação dialética. O signo lingüístico, em forma de palavra, passa a ser compreendido como mediador efetivo e permanente tanto da ideologia, da cultura, dos conceitos, preconceitos, juízos de valor que estão sempre presentes nas relações sociais. (Freitas 2007:113)

3.4 A ARGUMENTAÇÃO DO PRESIDENTE LULA

É o *Logos*, a palavra, o discurso que interessa em uma investigação lingüística. Na argumentação haverá um diálogo constante, aliás é necessário afirmar que a argumentação é inerente à linguagem e toda argumentação estará em permanente diálogo com outros textos, outros discursos.

A argumentação de Lula, no sentido de convencer o eleitorado, é focada na comparação com os oito anos do governo Fernando Henrique Cardoso. Ao fazer essa comparação, o Presidente utiliza-se de estatísticas para provar que os quatro anos de seu governo foram muito melhores para a população brasileira, como foi analisado no *corpus* desta dissertação.

Desta forma, Lula dialoga com os oito anos da era FHC, compara o passado com o presente e coloca seu principal adversário como representante daquele período da história brasileira cujas privatizações eram a marca do governo tucano. Assim, em sua argumentação, Lula faz uma retrospectiva de seu governo, volta à história recente e projeta para o futuro dias melhores, caso ele seja reeleito Presidente da República.

3.5. DISCURSO COMO AÇÃO SOBRE O OUTRO

Não há emprego de palavras que criem sentidos sem que haja uma intencionalidade. Há sempre motivações quando se fala algo a alguém. Desta maneira, não se pode menosprezar, em um discurso político, nenhuma palavra. As palavras não foram enunciadas por acaso, mas com determinada intencionalidade. O discurso passa a ser uma ação, conforme descreve Koch: “... a linguagem passa a ser encarada como forma de ação, ação *sobre o mundo dotada de intencionalidade*, veiculadora de ideologia, caracterizando-se, portanto, pela argumentatividade.” (Koch 2006:15).

Argumentar seria fazer com que o interlocutor compartilhe dos mesmos desejos, das mesmas opiniões. Essa não é uma atividade fácil. O enunciador deverá ativar várias competências lingüísticas, comunicativas e extralingüísticas, a fim de que

seus ouvintes partilhem das mesmas crenças, dos mesmos valores, como desvela Koch (2006), ao afirmar que a interação social, quando se realiza por intermédio da linguagem é caracterizada pela argumentatividade. O sujeito do discurso tentará influir no comportamento do co-enunciador a todo o momento da interação verbal, seja de maneira consciente ou não.

A autora, parafraseando Perelman, afirma haver uma distinção entre **convencer** que estaria no âmbito da razão; enquanto a **persuasão** estaria relacionada à alma. De certa forma, a célebre frase “conquistar mentes e corações” utilizadas no discurso político sintetiza o texto abaixo:

Perelman (1970) – filósofo e jurista – ressalta que a argumentatividade visa a provocar ou a incrementar a “adesão dos espíritos” às teses apresentadas ao seu assentimento, caracterizando-se, portanto, como um ato de persuasão. Enquanto o ato de convencer se dirige unicamente à razão, através de um raciocínio estritamente lógico e por meio de provas objetivas, sendo, assim, capaz de atingir “um auditório universal”, possuindo caráter puramente demonstrativo e atemporal... (Koch 2006:18)

Não se pode, portanto, dissociar linguagem e argumentação. Não há discursos neutros. Os discursos carregam motivações, ideologias. Evidentemente que uns são mais argumentativos que outros. O discurso político, por exemplo, é argumentativo por excelência:

... a argumentatividade está inscrita no uso da linguagem, adota-se a posição de que a argumentação constitui atividade estruturante de todo e qualquer discurso, já que a progressão deste se dá, justamente, por meio das articulações argumentativas, de modo que se deve considerar a orientação argumentativa dos enunciados que compõem um texto como fator básico não só de coesão mas principalmente de coerência textual. (Koch 2006:21)

3.6 DISCURSO NÃO-AUTORITÁRIO E DISCURSO AUTORITÁRIO

Lula vivia um momento interessante na política brasileira, ao mesmo tempo era Presidente da República e candidato à reeleição. O presidente/candidato utilizou no Programa Roda Viva **dois tipos de discurso**, com o intuito de convencer os telespectadores de que suas idéias e suas realizações eram mais substanciais e robustas que as idéias e feitos de seus opositores. Para isso, ele utilizará um discurso autoritário, a fim de demonstrar conhecimento, certeza do que fala, impondo explícita ou implicitamente sua visão de mundo.

... o discurso apresenta-se como autoritário: é o campo da necessidade, da certeza, do imperativo, das normas. O locutor procura manifestar um saber (explícito ou implícito) e obrigar o interlocutor a aderir ao seu discurso, aceitando-o como verdadeiro. Tem-se, aqui, o grau máximo de engajamento do locutor e a intenção de impor ao alocutário os seus argumentos, apresentando-os como incontestáveis (eu sei, portanto, é verdade). Para torná-los mais convincentes, ele utilizará em larga escala, o recurso à autoridade –, fazendo uso de lexicalizações das modalidades (...) do tipo: é certo..., é preciso..., é necessário..., todos sabem..., é impossível..., é proibido..., não pode haver dúvidas..., é dever de todos... etc. (Koch 2006:85-86)

“L: ... mas é preciso dizer que o sistema ferroviário foi um desastre no Brasil... porque não deu certo...”. Anexo 2.

O segundo discurso utilizado por Lula é o não-autoritário, pois o enunciador não impõe de forma clara a opinião dele, mas de forma sutil. De qualquer maneira, os dois recursos têm uma função clara: convencer o outro, agir sobre o outro.

O discurso apresenta-se, então, como polêmico, predominando nele uma argumentação com base no crer (eu acho, portanto é possível, provável, permitido, facultativo, contingente...) O locutor não impõe (ou finge não impor) a sua opinião... (Koch 2006:86)

“L: não sei... não sei... trabalhar na base da suposição...” Anexo 2.

Argumentar, portanto, não pode ser compreendido como manipular. Argumentar seria a arte de convencer, sem uso de força, sem uso de pressão psicológica, sem o uso da chantagem. Assim, a **argumentatividade**, a **ideologia** e a **intertextualidade** serão de fundamental importância no discurso com a finalidade de agir sobre o outro e **convencê-lo**, que etimologicamente seria “vencer com”, não havendo, nesta acepção, derrotados.

A seguir, será analisado como os discursos dialogam com outros discursos, com textos, com acontecimentos, tornando o texto/enunciado coerente e compreensível ao auditório.

4. A INTERTEXTUALIDADE NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS E IDENTIDADES

No processo da fala e da escuta a disciplina do silêncio a ser assumido com rigor e a seu tempo pelos sujeitos que falam e escutam é uma “sine Qua” da comunicação dialógica. O primeiro sinal de que o sujeito que fala sabe escutar é a demonstração de sua capacidade de controlar não só a necessidade de dizer a sua palavra, que é um direito, mas também o gosto pessoal, profundamente respeitável, de expressá-la. Quem tem o que dizer tem igualmente o direito e o dever de dizê-lo.

(Freire 2005).

4.1 A GÊNESE DO TERMO INTERTEXTUALIDADE

Todos os enunciados, de uma maneira ou outra, interagem com outros discursos, revelando-os – discursos esses produzidos anteriormente ao momento da fala – para os leitores/ouvintes/interactantes, sendo atualizados e, por fim transformando-se em novos enunciados. Fairclough apresenta a gênese do termo “intertextualidade”: “*O termo ‘intertextualidade’ foi cunhado por Kristeva no final dos anos 1960 no contexto de suas influentes apresentações para audiências ocidentais do trabalho de Bakhtin...*” (Fairclough 2001: 133).

Apesar de Kristeva ter usado o termo “intertextualidade” pela primeira vez, os estudos sobre o tema já eram discutidos pelo filósofo da linguagem russo. Nesta pesquisa, focaremos a intertextualidade, a partir dos estudos de Norman Fairclough, apenas por questões metodológicas. Contudo será analisado, neste primeiro momento, como o lingüista inglês compreende a importância dos estudos bakhtinianos, ao parafrasear as idéias do autor de *Marxismo e filosofia da linguagem*. Encontramos, portanto, nesta leitura que Fairclough faz de Bakhtin uma forma de intertextualidade.

Para Bakhtin, todos os enunciados, tanto na forma oral quanto na escrita, do mais breve turno numa conversa a um artigo científico ou romance, são demarcados por uma mudança de falante (ou de quem escreve) e são orientados retrospectivamente para enunciados de falantes anteriores (sejam eles turnos, artigos científicos ou romances) e prospectivamente para enunciados antecipados de falantes seguintes. Desse modo, “cada enunciado é um elo na cadeia da comunicação”. Todos os enunciados são povoados e, na verdade,

constituídos por pedaços de outros enunciados, mais ou menos explícitos ou complexos. (Fairclough 2001:134)

4.2 A INTERTEXTUALIDADE E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

Como se observa no fragmento acima, Bakhtin advoga a idéia de que um texto tem sua feitura a partir de outros textos, anteriores a ele, sejam eles na modalidade falada ou na modalidade escrita. Um enunciado estará sempre completando outro enunciado que foi dito anteriormente. Isso pode ser observado em uma simples conversa informal.

A título de exemplificação, quando alguém pergunta as horas, é “criado” um enunciado; quando o interlocutor responde aquela pergunta formulada, cria-se um sentido, que só poderia ser entendido quando se tem os dois enunciados dentro do mesmo contexto. Encontramos em uma simples troca de turno a intertextualidade, imprescindível para criação de sentidos.

4.3 O CONHECIMENTO ENCICLOPÉDICO DO INTERLOCUTOR PARA A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

Só se compreende determinados enunciados se houver por parte do ouvinte/leitor/interlocutor/co-enunciador o conhecimento enciclopédico de outros enunciados, anteriores ao que foi posto. Será transcrito um longo fragmento do livro *Desvendando os segredos do texto*, que explicitará a idéia de conhecimento que os interlocutores deverão ter, a fim de compreenderem determinados enunciados:

- O contexto, da forma como é hoje entendido no interior da Lingüística Textual abrange, portanto, não só o co-texto, como a situação de interação imediata, a situação mediata (entorno sociopolítico-cultural) e também o contexto sociocognitivo dos interlocutores que, na verdade, subsume os demais. Ele engloba todos os tipos de conhecimentos arquivados na memória dos actantes sociais, que necessitam ser mobilizados por ocasião do intercâmbio verbal (cf.Koch, 1997): o conhecimento lingüístico propriamente dito, o conhecimento enciclopédico, quer declarativo, quer episódico (frames, scripts), o conhecimento da situação comunicativa e de suas “regras” (situacionalidade), o conhecimento superestrutural (tipos textuais), o conhecimento estilístico (registros, variedades de língua e sua adequação às situações comunicativas), o conhecimento sobre os variados gêneros adequados às diversas práticas sociais, bem como o conhecimento de outros textos que permeiam nossa cultura

(intertextualidade). A mobilização desses conhecimentos por ocasião do processamento textual realiza-se por meio de estratégias de diversas ordens:

- ✓ Cognitivas, como as inferências, a focalização, a busca de relevância;
- ✓ Sociointeracionais, como preservação das faces, polidez, atenuação, atribuição de causas a (possíveis) mal-entendidos etc.;
- ✓ Textuais: conjunto de decisões concernentes à textualização, feitas pelo produtor do texto, tendo em vista seu “projeto de dizer” (pistas, marcas, sinalizações). (Koch 2002:24)

Como se pode observar no conteúdo do texto acima, não basta o orador, em nosso caso um político, ter uma invejável competência comunicativa, os interactantes deverão possuir vários conhecimentos: lingüísticos, enciclopédicos, estilísticos, comunicativos. Cabe ao orador, modalizar o discurso enunciado, no sentido de atingir o maior número de eleitores.

Como exemplo, se alguém questionar, por que determinado ator não poderia representar a figura de Jesus Cristo em um espetáculo teatral, em função da idade avançada daquele artista, mas poderia perfeitamente atuar como Matusalém, percebe-se no enunciado uma ironia, que só poderá ser compreendida se o co-enunciador souber que: Jesus Cristo morreu aos trinta e três anos, portanto ainda jovem, e que Matusalém, personagem bíblico, teria morrido com mais de 900 anos, segundo a mitologia bíblica. E conclui-se que o ator não poderia mais atuar no espetáculo como o Messias. Assim a piada só poderia ser risível se o co-enunciador conhecesse todos os enunciados anteriores ao tempo atual, percorrendo-se um período de mais de dois mil anos.

Tais relações intertextuais são mais corriqueiras do que se possa imaginar. Ainda exemplificando uma simples relação de troca de turno, se um colega de trabalho ao ter de arcar sozinho com uma conta de bar chamar, jocosamente o amigo dele de tio patinhas, só haverá entendimento do que foi dito se o interlocutor que se esquivou em dividir a conta souber que: a personagem dos desenhos da Disney é um sovina, um pão duro, um mão fechada e ele estaria sendo comparado como tal. Há uma relação de intertextualidade. Portanto só se compreende determinados enunciados se houver compreensão de outros discursos ditos anteriormente. *“... pois, para que os textos façam sentido, os intérpretes têm de achar modos de combinar os diversos elementos do texto em um todo coerente, embora não necessariamente unitário, determinado ou não ambivalente.”* (Fairclough 2001:170).

Essas exemplificações têm o intuito de demonstrar a importância da intertextualidade na criação de significados. Em um discurso político, o orador deverá

ter em mente que ele só poderá ser compreendido pelo auditório se ele souber amarrar o seu discurso a outros discursos, formando assim um novo discurso, compreensível aos ouvintes que, muitas vezes, não possuem um conhecimento de mundo suficiente para entender determinadas falas. Sobre a intertextualidade e as conversações rotineiras, Fairclough escreve um texto, que será transcrito abaixo:

O caso mais óbvio é como turnos de fala em uma conversa incorporam e respondem a turnos que os precedem e antecipam aqueles que seguem; mas uma carta é também relacionada intertextualmente a cartas anteriores e subsequentes na correspondência. Por outro lado, há relações intertextuais ‘verticais’ entre um texto e outros textos que constituem seus contextos mais ou menos imediatos ou distantes: textos com os quais está historicamente ligado em várias escalas temporais e por vários parâmetros, até mesmo textos que são mais ou menos contemporâneos a ele. (Fairclough 2001:136)

Desta forma, fica muito difícil um auditório compreender determinados enunciados como: fulano de tal é um neoliberal, ou meu adversário privatizou o setor público. Esses enunciados precisam ser explicitados, ou ditos de outra forma, caso contrário, não haverá compreensão por parte do auditório. *“Como já indiquei, a coerência não é uma propriedade dos textos, mas uma propriedade que os intérpretes (incluindo o(a) produtor(a) do texto) possivelmente geram diferentes leituras coerentes de um mesmo texto.”* (Fairclough 2001:171).

4.4 A IMPORTÂNCIA DA INTERTEXTUALIDADE NA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

A historicidade é inerente aos textos, sejam eles orais ou escritos, o que permite que os textos – discursos – desempenhem papéis imprescindíveis na sociedade hodierna, no que se refere à mudança social. Fairclough (2001)

Para o lingüista inglês *“... a intertextualidade deve ser o foco principal na análise de discurso”*. (Fairclough 2001:135). E arremata o analista crítico do discurso:

A intertextualidade é a fonte de muita ambivalência dos textos. Se a superfície de um texto pode ser multiplamente determinada pelos vários outros textos que entram em sua composição, então os elementos dessa superfície textual não podem ser claramente colocados em relação à rede intertextual do texto, e seu sentido pode ser ambivalente; diferentes sentidos podem coexistir, e pode não ser possível determinar ‘o’ sentido. (Fairclough 2001:137)

4.5 O DISCURSO DIRETO E INDIRETO NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

Fairclough irá discorrer acerca do discurso direto e indireto como formas de intertextualidade: “... o discurso direto usa as palavras exatas da pessoa quando se relata. No discurso indireto, as aspas desaparecem e o discurso representado toma a forma de uma oração gramaticalmente subordinada à oração que relata, uma relação marcada pela conjunção ‘que’.” (Fairclough 2001:140).

Nos estudos de Fairclough sobre a intertextualidade, o lingüista discute não apenas os textos orais, mas principalmente os discursos escritos. Como a proposta desta pesquisa é analisar o discurso oral do Presidente Lula em uma entrevista coletiva, muito do que Fairclough escreve poderia ser descartado neste trabalho, contudo não se pode compreender a modalidade escrita como algo completamente distinta da falada. (cf. Marcuschi, 2004). Se for analisado, por exemplo, o uso das aspas, tão explicitado pelo autor de *Discurso e mudança social*, poderíamos crer que tal assunto só se prestaria em um estudo voltado para a modalidade escrita, entretanto tal recurso gráfico é amplamente utilizado em nossas interações verbais diárias.

As aspas podem ser usadas para reproduzir o discurso de outro e é perfeitamente viável dentro da modalidade oral, basta ao enunciador no momento em que fala levantar, simultaneamente as duas mãos até a altura da cabeça e movimentar dois dedos de cada mão para frente e para trás. Nesse momento, as aspas estarão sendo utilizadas na linguagem falada e os efeitos discursivos serão semelhantes às aspas utilizadas em um texto escrito com o intuito de significar que o que está sendo dito não é de autoria do enunciador ou, até mesmo, que o que está sendo falado possui um significado distinto do que se entende. Assim o sinal gestual usado simultaneamente à fala representa perfeitamente as aspas na modalidade escrita.

4.6 A INTERTEXTUALIDADE E A MUDANÇA SOCIAL

Portanto, percebe-se a grande importância da intertextualidade na construção de sentidos, na coerência e também em processos significativos que impliquem mudança social, evento esse crucial na leitura de *Discurso e mudança social*. Fairclough fará uma defesa dessa tese, como se verifica no fragmento a seguir: “A intertextualidade tem importantes implicações para uma questão de interesse central neste

livro: a constituição de sujeitos nos textos e a contribuição de práticas discursivas em processo de transformação na identidade social.” (Fairclough 2001:170).

Como se pode observar ao longo desse capítulo, não houve uma preocupação em esmiuçar o tema “intertextualidade”, entrando em pormenores como o faz Fairclough em *Discurso e mudança social*. A preocupação foi mostrar a importância da intertextualidade na construção de sentidos, da coerência e no processo de transformação social.

5. O DISCURSO E O ENUNCIADOR

O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser objeto, mas sujeito também da História.

Paulo Freire (2005)

5.1 AS LEIS DO DISCURSO

As leis do discurso desempenham papel significativo, no sentido de que os enunciados possam ser compreendidos. Na década de 1960, o filósofo da linguagem Paul Grice introduz algumas “leis” que deveriam ser respeitadas nas interações verbais, nomeadas **Máximas Conversacionais**. De acordo com Grice, as **Leis do Discurso** devem ser respeitadas pelos interlocutores que participam de um ato comunicativo verbal. (Maingueneau 2005)

5.2 O PRINCÍPIO DE COOPERAÇÃO

Para Grice, todas as leis do discurso são subordinadas a uma lei superior, chamada de princípio da cooperação. O princípio da cooperação é indispensável em uma troca verbal. Todos os atores da interação: Presidente da República e entrevistadores deverão colaborar para o sucesso da troca verbal. A seguir serão descritas as Leis do Discurso, a partir de uma leitura que Maingueneau fez nos trabalhos de Grice.

5.3 A LEI DA PERTINÊNCIA

A Lei da Pertinência afirma que um enunciado deve interessar aos ouvintes, coenunciadores, que nesta pesquisa seriam os telespectadores do Programa Roda Viva. *“Toda enunciação implica sua pertinência, o que leva o destinatário a procurar essa pertinência”*. (Maingueneau 2005:35)

5.4 A LEI DA SINCERIDADE

A Lei da Sinceridade só será respeitada se, de fato, o enunciador tivesse o desejo de o que foi afirmado, em um discurso, possa ser plenamente realizado. Assim, dentro da perspectiva de que discursos podem acarretar em mudanças sociais, a sinceridade no ato da fala é imprescindível para que determinadas mudanças possam ocorrer.

5.5 A LEI DA INFORMATIVIDADE

Em relação à Lei da Informatividade, o enunciador deverá em seu discurso trazer algum tipo de informação que tenha conteúdo, em que as divagações sejam postas de lado, que traga algo novo. Em alguns discursos políticos, é comum encontrar-mos enunciados com pouca informação. Utilizar o espaço de um Programa de entrevistas e não acrescentar algo de novo é, no mínimo, promover a frustração para os telespectadores, que anseiam por informações que acrescentem algo na tomada de decisão.

Afinal, o telespectador estará ávido por novas informações. *“Incide sobre o conteúdo dos enunciados e estipula o que não se deve falar para não dizer nada, que os enunciados devem fornecer informações novas ao destinatário”*. (Maingueneau 2005:36)

5.6 A LEI DA EXAUSTIVIDADE

Sobre a Lei da Exaustividade, o enunciador, ao argumentar com os interlocutores, deverá dar a informação de forma que todos os aspectos sobre o tema tratado sejam apreciados pelos coenunciadores em sua máxima plenitude.

O Presidente Lula irá explorar ao máximo o tempo em que enuncia, haja vista as freqüentes trocas de turno, para esmiuçar a maior parte das informações sobre determinado questionamento. A informação deverá ser a mais completa possível, sem ser por outro lado cansativa. Assim, Lula estará, elegantemente, tomando para si o turno da entrevista coletiva, podendo a partir das competências lingüística, comunicativa e enciclopédica permanecer com a palavra por um período maior de tempo. *“A competência exclusivamente lingüística não é, portanto, suficiente para interpretar um*

enunciado: a competência genérica e a competência enciclopédica desempenham um papel essencial”. (Maingueneau 2005:45) Uma informação importante não poderá ser camuflada pelo enunciador, sob pena de estar transgredindo a Lei da exaustividade.

5.7 LEI DA MODALIDADE

Quando se discute a Lei da Modalidade, deve-se utilizar o termo no plural. O enunciador deverá possuir várias competências (lingüística, comunicativa, enciclopédica), a fim de escolher o vocábulo a ser empregado, a sintaxe, as entonações, os gestos em harmonia com a fala para significar algo aos seus interlocutores.

A transgressão de algumas das leis do discurso não é um fato isolado, e em muitos casos, a transgressão é feita propositalmente, no intuito de se obter reações positivas dos coenunciadores a respeito do que está sendo enunciado.

É bom lembrar que a linguagem é uma atividade essencialmente cooperativa. O autor de um discurso, no caso o Presidente, deverá prever que tipo de conhecimento os coenunciadores possuem, quais competências integram a vida dos interactantes. Evidentemente que o Presidente Lula ou qualquer orador não possuem a capacidade de prever quais tipos de competências dispõem os telespectadores, entretanto, tal impossibilidade não impede que o orador modalize seu discurso, no sentido de atingir o maior número de eleitores.

5.8 OS ATOS DE FALA

Além das leis do discurso, será importante considerar os atos de fala, dentro dos enunciados a serem estudados. Afinal, o discurso político terá como finalidade básica agir sobre os interlocutores, no sentido de que eles comunguem dos mesmos ideários.

Searle considera que um enunciado lingüístico funciona como um ato, que pode ser uma ordem, promessa, pergunta etc. (Searle, 1972, *apud* Orecchioni, 2005:27 a 34). Assim, falar uma língua seria uma maneira de realizar atos de linguagem.

Austin, na oitava conferência de *Quando dizer é fazer* introduz a distinção entre os três tipos de atos de fala, a saber:

- Ato locutório: ato de dizer alguma coisa;
- Ato ilocutório: ato efetuado ao se dizer alguma coisa;

- Ato perlocutório: ato efetuado pelo fato de se dizer alguma coisa. (Austin, 1962, *apud* Orecchioni 2005: 35).

O ponto de partida da teoria clássica dos atos de fala é a convicção seguinte: a unidade mínima da comunicação humana não é nem a frase nem qualquer outra expressão. É a realização (performance) de alguns tipos de ato. (Armengaud 2006:99)

Austin, filósofo de Oxford, escreveu uma longa lista acerca destes atos de fala, como por exemplo: afirmar, fazer uma pergunta, criticar, acusar desafiar, apenas citando alguns atos de fala.

5.8.1 O ATO ILOCUCIONÁRIO

O ato ilocucionário é aquele que se realiza quando se fala. Etimologicamente “ilocucionário” seria algo que acontece dentro do discurso. (*in* = dentro e *locutio* = discurso). Armengaud (2006).

Alguns atos de fala só poderão se realizar integralmente, se houver um contexto para tal propósito. Assim, se alguém se utiliza da fala e afirma: “Eu nomeio fulano de tal ministro da saúde”. O enunciado só terá validade se quem o enunciou tiver legitimidade para isso. Dependerá, portanto, de certas circunstâncias institucionais para que o enunciado seja aceito, e a pessoa a quem o enunciado foi dirigido, de fato, seja empossado no cargo de ministro.

5.8.2 O ATO PERLOCUCIONÁRIO

Os atos perlocucionários são caracterizados pelos efeitos produzidos no co-enunciador, como ficar convencido, indignado, emocionado. Esses efeitos são de suma importância quando se usa da argumentação em um discurso político. Afinal, o que se espera do co-enunciador é que ele comungue das mesmas idéias do enunciador.

Quando um falante produz um enunciado, ele poderá, dependendo do contexto, realizar vários atos de fala. Armengaud (2006).

Muitos atos ilocucionários, começando simplesmente com afirmar, são realizados em vista de produzir efeitos perlocucionários. Por isso as primeiras teorias behavioristas da linguagem não os distinguem. Mas os teóricos dos atos

de fala consideram essencial distinguir o ato ilocucionário, que é rigorosamente um ato de fala, da obtenção de efeitos aparentemente perlocucionários e que podem provir de meios não necessariamente lingüísticos. (Armengaud 2006:101)

Ao ler o fragmento acima, podemos afirmar que alguns efeitos produzidos no co-enunciador se darão em função não apenas com o uso da fala, mas também através de um comportamento gestual – tom de voz, como o ritmo do discurso é empregado, a gesticulação.

Para os estudiosos acerca do ato de fala, há o seguinte consenso: “*Cada ato de fala durante uma conversação é tomado em uma trama de pressões seqüenciais com uma limitada escolha de **movimentos***”. (Armengaud 2006:103)

Não é objeto nesta pesquisa analisar e problematizar a teoria de **Atos de fala**. Na verdade, essa teoria foi incluída neste capítulo, a fim de, quando da análise do *corpus*, verificarmos a existência de enunciados que possuam uma força tal, que nas interações entre Presidente da República e telespectadores, esses últimos sintam-se confiantes em aderir às teses apresentadas pelo candidato à reeleição. O co-enunciador deverá, portanto, comungar com as idéias do Presidente e transformá-las em uma atitude: o sufrágio para um mandato de mais quatro anos.

6. OS CENÁRIOS QUE CONSTRUÍRAM UMA NOVA IDENTIDADE PARA O PRESIDENTE LULA

*Eu não tinha este rosto de hoje,
assim calmo, assim triste, assim magro,
nem estes olhos tão vazios,
nem o lábio amargo.*

Cecília Meireles

6.1 OS SÍMBOLOS UTILIZADOS NO CENÁRIO DA PRIMEIRA ENTREVISTA COLETIVA

Quando Lula foi entrevistado no Programa Roda Viva em novembro de 2005, a assessoria do Palácio do Planalto não abriu mão de pôr ao fundo a bandeira do Brasil e da República. Afinal, quem estava sendo sabatinado não era um cidadão comum, mas o Presidente da nação, e esses simbolismos foram reiterados não apenas pela cenografia, que apelava para seriedade de quem ocupa o mais alto cargo público do país, mas também pelos enunciados produzidos pelo Presidente Lula ao afirmar, reiteradamente, que a Presidência da República é uma instituição que deve ser preservada, conforme análise do *corpus* desta pesquisa.

É interessante observar que os cenários³ das entrevistas coletivas foram, sutilmente, modificados: o Presidente não ficou no centro de uma arena cercado pelos entrevistadores, porém em uma posição vantajosa em relação a eles, permitindo, desta forma, que Lula olhasse os debatedores sem a necessidade de realizar determinados movimentos, que poderiam sinalizar – simbolizar – para os telespectadores/eleitores: inquietação, nervosismo, ansiedade. Esse é o motivo por se ter optado em iniciar este capítulo com alguns versos da poeta Cecília Meireles, em função de os versos criarem ou revelarem uma imagem, talvez não muito positiva, de alguém que se via diante de seu próprio retrato. É sobre a imagem que serão tecidos alguns comentários, principalmente, se essa imagem for construída a partir de símbolos.

Percebe-se, na análise feita nesta dissertação, um presidente/candidato à reeleição falando aos eleitores e militantes como um político experiente, competente, sempre defendendo seu governo e questionando a legitimidade das oposições em relação às denúncias feitas a ele. O *locus* para essa defesa não poderia ser melhor: um

³ Os termos “cenários”, “cenografia” serão utilizados nesta dissertação com o sentido de lugar, local onde se enuncia. Também será utilizado para este fim o termo *locus* (da enunciação), com o mesmo sentido.

programa de entrevistas da Rede Cultura, com grande credibilidade perante os formadores de opinião.

Uma das marcas do Programa Roda Viva é justamente o fato de o entrevistado se posicionar no centro de um círculo, rodeado por jornalistas ou especialistas na área. O entrevistado tem de girar a cadeira, a fim de olhar para o repórter ou especialista em determinado assunto que o questiona. Muitas vezes, as perguntas são formuladas, simultaneamente e o entrevistado terá que utilizar de competências: competência lingüística, competência enciclopédica e a competência comunicativa, a fim de não parecer evasivo ou desconhecedor do assunto tratado.

Evidentemente que essa estrutura coloca o entrevistado em uma posição defensiva, principalmente nas entrevistas que foram analisadas, em função de quem é o entrevistado e do contexto histórico em que ocorreram as entrevistas coletivas: a primeira, crise do mensalão; a segunda, as eleições presidenciais em 2006 e todas as discussões inerentes a um debate político. O contexto é necessário para criarmos sentidos e, por conseguinte uma identidade, como bem observou Maingueneau: “... *fora de contexto, não podemos falar realmente do sentido de um enunciado...*” (Maingueneau 2005:20).

Entretanto, muitos dos inconvenientes descritos acima foram minimizados pela assessoria da Presidência da República. As cadeiras que seriam utilizadas por entrevistadores foram distribuídas de maneira que se formou um semicírculo. O Presidente Lula⁴ permaneceu, estrategicamente, voltado para todos os entrevistadores, permitindo que ele olhasse nos olhos dos jornalistas – de maneira que a câmera pudesse mostrar essa interação – não havendo, portanto, a necessidade de o Presidente realizar movimentos bruscos, que pudessem ser interpretados pelos telespectadores como sinal de nervosismo, ansiedade ou hesitações. Sentidos outros foram criados

Neste cenário preparado para o evento, percebem-se detalhes, que podem significar algo para os telespectadores. No caso, há uma preocupação para que cada objeto que compõe o cenário possa sinalizar para aspectos positivos em relação ao Presidente da República. Além das bandeiras que o ladeavam, o Presidente sentava-se em uma cadeira com formas e dimensões que lembravam um trono. Esse outro símbolo ideológico tenta representar o poder do Chefe do Estado, portanto, Lula representava, naquele momento, a instituição Presidência da República. Todos os entrevistadores

⁴ É uma prerrogativa da Presidência da República escolher o local da entrevista, em função da agenda do Presidente e da sua segurança.

estavam sentados em cadeiras idênticas, mas diferenciadas daquela cadeira em que o Presidente se sentava.

6.2 A FORÇA DOS SÍMBOLOS IDEOLÓGICOS

Sobre o poder que os símbolos ideológicos têm em criar significados nos coenunciadores, seria bom lembrar (Bakhtin 1929), que considerava que um instrumento poderia ser convertido em um signo ideológico. Para Bakhtin, a foice e o martelo possuíam um sentido ideológico. Ao colocarem esses dois símbolos na bandeira da extinta União Soviética, o que se queria significar ao povo soviético era que a foice, que representava o trabalho no campo; e o martelo, o trabalho urbano estavam unidos e indissociáveis. Trabalhadores do campo e trabalhadores das fábricas eram iguais e possuíam os mesmos direitos e deveres da pátria mãe. Ainda sobre o símbolo, serão transcritas as palavras de Araújo, que discute, exaustivamente, a questão dos símbolos na construção de sentidos:

O símbolo é um signo que se refere ao objeto que denota devido a uma “lei”, a uma regra de leitura, a uma associação de idéias que leva o símbolo a ser interpretado como àquele objeto. O símbolo se constitui como signo por ser usado e compreendido como tal, por hábito ou convenção. (Araújo 2004:05)

Todos os símbolos, portanto, utilizados pelo Presidente Lula, nestas entrevistas coletivas, significaram algo aos telespectadores: As bandeiras, o trono, os livros, a biblioteca, a fotografia de Kubitschek foram usados como símbolos ideológicos colocados no *locus* da enunciação⁵.

6.3 A VESTIMENTA DO PRESIDENTE COMO ELEMENTO QUE COMPÕE O CENÁRIO

Outro aspecto interessante que se observa no cenário preparado para as duas entrevistas é a própria vestimenta do Presidente. Terno com cortes bem definidos, cor da roupa que denota seriedade e, na lapela do paletó, a bandeira do Brasil no lugar da

⁵ Entenda-se *locus* da enunciação o local onde se enuncia. Esse local deverá simbolizar muito aos coenunciadores. Incluem-se no *locus* não apenas o mobiliário, os símbolos, as representações, mas também os interlocutores que debatem com o entrevistado.

estrela do Partido dos Trabalhadores. Afinal, não era um Lula filiado ao PT que estava sendo sabatinado, mas um Lula Presidente de toda a nação brasileira.

Na primeira entrevista coletiva em que o Presidente participou, os jornalistas que o argüiram, por quase duas horas, eram todos experientes profissionais neste gênero discursivo. Todos os repórteres tinham sido mediadores do Programa Roda Viva. Além disso, o Programa completava sua milésima edição, tornando o evento em um fato histórico para o Programa da Rede Cultura.

6.4 OS SÍMBOLOS UTILIZADOS NO CENÁRIO DA SEGUNDA ENTREVISTA COLETIVA

A segunda entrevista coletiva ocorre também em Brasília no Palácio da Alvorada, na Biblioteca da Presidência, em outubro de 2006, poucos dias antes do segundo turno das eleições presidenciais. O tempo do programa foi em torno de uma hora e vinte minutos e os temas transitavam entre ética na política e desenvolvimentismo.

Por trás do Presidente Lula havia livros. Há um simbolismo interessante naquele *locus*. O Presidente é ladeado por símbolos de saber: livros. Além dessa simbologia que associa o Presidente ao conhecimento, há outro símbolo que remete ao **desenvolvimento**, tema amplamente discutido durante toda a campanha eleitoral e analisado nesta dissertação, a partir da **argumentatividade**, **ideologia** e **intertextualidade**. Havia uma fotografia de Juscelino Kubitschek, que foi intencionalmente mostrada por Lula no início da entrevista. O Presidente Lula lembra em tom irônico que Kubitschek estava olhando aquela entrevista. Não se pode negar que o Presidente da Bossa Nova é um símbolo do desenvolvimentismo. A própria capital do Brasil foi uma de suas obras que simbolizou aquele período de estabilidade política e econômica.

Quando o Presidente Lula cita Kubitschek e aponta para a imagem dele, podem-se encontrar imagens, símbolos que associam Lula a Kubitschek. Tais analogias transmitem um forte significado com apelo eleitoral: tempos de prosperidade seriam vividos pela sociedade brasileira caso Lula fosse reeleito, a partir de um programa de governo que tinha como meta o desenvolvimento do Brasil. Além dessa associação, é bom lembrar que Juscelino Kubitschek foi acusado pelas oposições e pela mídia de compactuar com a corrupção, o que não foi provado.

Portanto, os símbolos encontrados no cenário das duas entrevistas coletivas serviram, de certa maneira, para a construção da imagem do Presidente Lula. Tais símbolos, podem também sinalizar que certos preconceitos não fazem mais sentido. Uma entrevista na biblioteca da Presidência da República, por si só, enaltece a cultura, o saber. A fotografia do presidente que simbolizou uma geração que ouvia a Bossa Nova experimentava um enorme desenvolvimento econômico e via Brasília ser erguida, a partir de um ambicioso projeto arquitetônico que simbolizava e simboliza: modernidade e vanguarda, além de associar um mito de nosso imaginário à figura do atual Presidente.

7. METODOLOGIA

A pesquisa é eminentemente qualitativa, pois analisamos elementos lexicais e enunciados coincidentes nas duas entrevistas coletivas, a partir dos pressupostos da **Análise Crítica do Discurso**. Os dados foram analisados, criticados e comparados, a fim de encontrarmos elementos que indiquem como os sentidos foram criados em função da **argumentatividade**, **intertextualidade** e da **ideologia** que permeiam os discursos. Os critérios de escolha do léxico e enunciados foram os seguintes:

- (1) incidência em que aparecem determinados elementos lingüísticos no discurso do Presidente e jornalistas;
- (2) efeitos pretendidos pelo enunciador nas interações verbais;
- (3) relações de afinidades semânticas que o léxico e enunciados possuem com os temas **desenvolvimentismo** e **ética**.

Foi feita uma pesquisa bibliográfica, a fim de analisarmos, dentro de alguns ramos do conhecimento, como é construído o **Discurso Político**. Além da pesquisa bibliográfica, que analisou o **Discurso Político**, transcrevemos as interações contidas nos DVDs dos dois Programas de entrevistas, denominado **Programa Roda Viva**, em que o Presidente Lula foi entrevistado por vários jornalistas nos anos 2005 e 2006.

As transcrições são de suma importância no sentido de descrever e analisar as imagens e falas do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, no primeiro programa gravado em novembro de 2005 e no segundo programa, transmitido uma semana antes do segundo turno das eleições presidenciais de 2006.

As linhas das transcrições foram numeradas e os vocábulos e enunciados escolhidos para análise foram grafados em negrito. Esse procedimento se deu, a fim de que percebamos todo contexto e o co-texto que se encontram no *corpus* desta pesquisa.

Na análise do *corpus*, os vários enunciados contidos nas duas entrevistas dialogam com outros enunciados semelhantes sejam nas entrevistas coletivas sejam em outros gêneros discursivos, como o *slogan* do candidato à reeleição e o debate promovido pela Rede Bandeirantes, no segundo turno das eleições presidenciais.

A metodologia empregada tem como propósito verificar como os textos dialogam para formar significados: **intertextualidade**; como os enunciados podem estar carregados de **ideologia** e, finalmente, como a **argumentatividade** é tecida, a fim de

convencer os eleitores de que só com um novo mandato para Lula o Brasil poderá desenvolver-se plenamente.

Por questões metodológicas e por fazer parte da agenda de todos os candidatos à Presidência da República escolhemos dois temas que foram transcritos e analisados. As transcrições foram divididas em: **Desenvolvimentismo e ética** e em treze temáticas que se relacionam aos temas:

- A cassação de José Dirceu e as injustiças cometidas no Brasil;
- Mensalão e dossiê;
- Pedido de *impeachment*;
- A construção da imagem da oposição;
- A recuperação da imagem do PT;
- A privatização no período FHC;
- O papel das empresas públicas;
- O que se espera de um governo republicano;
- Impostos no Brasil;
- Bolsa-família;
- Economia;
- Emprego;
- A construção da identidade de Lula a partir de narrativas autobiográficas.

A escolha das temáticas acima reduziu a quantidade do material analisado, o que permitiu que focalizássemos a atenção nos fatos mais discutidos tanto pela mídia, como também pela sociedade brasileira seja durante a crise política de 2005, seja em relação às eleições presidenciais de 2006.

O material colhido – *corpus* – tem um reduzido número de símbolos. Foram eliminados os truncamentos. As sobreposições das falas só foram analisadas quando verificamos elementos que indicavam o cerceamento da palavra, seja do entrevistado, seja dos entrevistadores. Seguem, na página seguinte, os sinais utilizados nesta dissertação para facilitar a transcrição e compreensão das falas do Presidente e jornalistas, utilizando-se, para isso, o modelo de transcrição de Marcuschi. Sobre a maneira de transcrever os diálogos, é interessante verificarmos o que nos diz o mestre: *“Não existe a melhor transcrição. Todas são mais ou menos boas. O essencial é que o analista saiba quais os seus objetivos e não deixe de assinalar o que lhe convém. De modo geral, a*

transcrição deve ser limpa e legível, sem sobrecargas de símbolos complicados.”(Marcuschi 1999:09).

(incompreensível)	som incompreensível;
(())	comentário do analista;
(+)	pausa do enunciador, em torno de meio segundo;
LETRAS EM CAIXA ALTA	sílaba ou palavra pronunciada com ênfase;
...	qualquer pausa;

As letras abaixo indicam os jornalistas que participaram da **primeira entrevista coletiva**, além do Presidente Lula.

L:	Luís Inácio Lula da Silva;
P:	Paulo Markun;
A:	Augusto Nunes;
H:	Heródoto Barbeiro;
R:	Roseli Tardelli;
R.K:	Rodolfo Kondi;
S:	Matinas Suzuki.

As letras abaixo indicam os jornalistas que participaram da **segunda entrevista coletiva**, além do Presidente Lula.

L:	Luís Inácio Lula da Silva;
P:	Paulo Markun;
C:	Cristiano Romero;
L:	Lourival Sant’Ana;
T:	Tereza Cruvinel;
D:	Denise Rothenburg;
A:	Alexandre Machado;
R:	Renata Lo Prete.

Os Discursos referentes às temáticas supramencionadas, nas duas entrevistas coletivas, foram analisados e verificamos coincidências de enunciados e léxico que

contribuíram para construção da identidade do Presidente Lula. O *corpus* analisado encontra-se em dois anexos:

- a) o **anexo 1: primeira entrevista;**
- b) o **anexo 2: segunda entrevista.**

Cada anexo é composto por **dois temas: desenvolvimentismo e ética**. Cada tema possui uma numeração por linhas. Como exemplo:

Na linha 15 do anexo 1, tema ética, encontra-se o seguinte enunciado: “ *não... primeiro o **Presidente da república** tem toda...*”. As “buscas” das transcrições terão a seguinte estrutura, levando-se em conta o exemplo acima: **linha; anexo; tema**. L15A1TE (linha 15, anexo1, temática ética), donde cada letra/numeral tem o seguinte significado:

L	linha 15
A1	anexo1
TE	tema: ética

8. ANÁLISE DO CORPUS

8.1 A cassação de José Dirceu e as injustiças cometidas na política do Brasil

José Dirceu era ministro da Casa Civil e homem de confiança do Presidente Luís Inácio Lula da Silva. Antes do escândalo do mensalão, o ministro era alvo de denúncias de tráfico de influência tanto por parte da grande mídia como pelas oposições. Contudo o momento mais crítico da vida política de José Dirceu, nessa conturbada fase do governo Lula, foi a divulgação de imagens de um assessor próximo a ele, Waldomiro Diniz recebendo suborno. É bom lembrar que o fato ocorreu em 2002, quando Waldomiro ocupava a presidência da Loterj – loteria do estado do Rio de Janeiro -. A conversa foi gravada pelo bicheiro Carlinhos Cachoeira.⁶

A ilação que a mídia fez em relação a Waldomiro e Dirceu foi imediata. O que ficou silenciado para o grande público era o fato de que as imagens foram gravadas quando Waldomiro Diniz atuava no Governo do Rio de Janeiro, na presidência da loteria estadual. A imprensa tratou o assunto como se fosse do âmbito do governo federal, a impressão que a população teve foi a de que o assessor recebeu propina dentro do Ministério da Casa Civil, bem próximo à sala do Presidente Lula. As insinuações foram imediatas: a corrupção dominava o Planalto. Verifica-se que a notícia foi fragmentada e muitas informações foram ocultadas para o público.

Algum tempo depois, houve a denúncia do mensalão. O deputado Roberto Jefferson, então aliado do Planalto, acusa o ministro José Dirceu de ser o mentor intelectual de pagamentos mensais a parlamentares da base aliada do governo.

José Dirceu retorna à Câmara dos Deputados, a fim de defender-se das acusações que vinham tanto de partidos políticos como de certos setores midiáticos. No momento em que Lula concedia a primeira entrevista coletiva, Dirceu era o centro das atenções na Câmara dos Deputados.

Lula irá fazer uma ardorosa defesa do ex-ministro, construída a partir de enunciados que transitam de um aparente distanciamento em relação a José Dirceu a uma defesa enfática da biografia do ex-ministro.

⁶ Informações disponíveis em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u58216.shtml>

L124 a L127A1TE. “P: presidente... entre os possíveis **traidores**... o senhor incluiria o ex-ministro José Dirceu? L: olha... eu disse agora há pouco que não ia citar nomes... porque eu espero o resultado final da apuração... qual é a norma? a CPI vai...”

Seria José Dirceu um dos traidores? Percebe-se que, no primeiro momento, a resposta de Lula é evasiva ao questionamento feito pelo jornalista, contudo, ao longo da exposição do Presidente acerca do mensalão, há uma construção que tem seu ápice na defesa contundente do ex-ministro. Lula irá defender um processo republicano.

No segundo momento, o Presidente da República é novamente questionado por dois jornalistas sobre José Dirceu e sua possível cassação. Lula fará uma defesa do deputado Dirceu bem mais consistente, inclusive lembrando casos de injustiças praticadas a políticos e cidadãos comuns em nosso país: não estaria José Dirceu sofrendo, também, uma grande injustiça? L170 a L187A1TE.

“... presidente eh, (+) o senhor sempre foi um bom analista político e por isso o senhor é o presidente... inclusive... na avaliação do senhor o deputado **José Dirceu** será cassado pela **Câmara dos Deputados**?

R: se for cassado... o senhor considera justa a cassação?

L: veja... se for analisar pelo conjunto de informações que nós temos agora... o **Zé Dirceu** será cassado por uma decisão eminentemente política da **Câmara dos Deputados**... porque se for cassar por conta de prova... **até agora não existe nenhuma prova que condene o Zé Dirceu**... agora como é que a sociedade brasileira vai entender depois de cinco meses sobre de de denúncias e mais denúncias imaginar que o **Congresso Nacional** não vai cassar o **Zé Dirceu**... já tivemos um caso parecido... já tivemos o Ibsen Pinheiro... no caso da CPI dos anões... agora veja como a CPI está em funcionamento ainda... eu acho que a CPI tem maturidade pra tomar decisão... vai pra plenário... os deputados vão decidir... eu só quero dizer o seguinte... que até agora eu não vi nenhuma lista de prova que possa dizer realmente... Ele vai ser cassado... agora... politicamente... **eu acho que o Congresso está condenado a cassar Zé Dirceu**...”

O Presidente da República entende que José Dirceu será cassado por uma decisão política, ou seja, não há provas ou indícios que indiquem que Dirceu cometeu algum ilícito. Lula afirma: “**até agora não existe nenhuma prova que condene o Zé Dirceu**...”. Ora, se não há prova, por que o ex-ministro será cassado? Lula não cita diretamente a grande mídia, mas lembra que o caso vem arrastando-se por **mais de cinco meses** e, dificilmente, uma absolvição do ex-ministro José Dirceu seria compreendida pela população brasileira. O Presidente lembra que “já tivemos um caso parecido... já tivemos o Ibsen Pinheiro... no caso da CPI dos anões...”. O enunciado que cita o ex-deputado Ibsen Pinheiro obriga o telespectador a realizar um link entre o passado e o presente, quando o ex-presidente da Câmara dos Deputados foi condenado e teve seu mandato cassado. Anos depois se constata que o deputado era inocente. São dois textos que se completam: o primeiro em que um homem inocente é condenado; o segundo em que um homem “inocente” está antecipadamente condenado à cassação de seu mandato

de deputado: “*agora... politicamente... eu acho que o Congresso está condenado a cassar Zé Dirceu...*”.

Esse recurso de voltar ao passado, a fim de compará-lo ao presente, como pode ser observado na análise do *corpus* desta dissertação é uma estratégia argumentativa constante no discurso do Presidente Lula.

Dentro deste fragmento, Lula retoma à temática (O que se espera de um governo republicano), ao afirmar que caberá ao Congresso Nacional resolver o caso José Dirceu. Essa temática é de fundamental importância, a fim de se projetar algumas imagens positivas do Presidente Lula.

L150 a L156A1TE. O fragmento será transcrito na íntegra, a fim de se verificar e analisar a intertextualidade na construção de sentidos:

“só pode acusar alguém se você tiver indícios muito fortes de provas... eu uma vez vi um deputado ser condenado... depois foi provado que ele não tinha nada... que foi o Alcení Guerra... eu vi o que foi feito com a Escola de Base lá em São Paulo... e que se execrou a escola... a família do dono da escola e depois prova-se que é inocente e não recupera mais... eu acho que nós precisamos apostar claramente que nós temos instituições sólidas... vocês estão...”

O Presidente rememora mais dois célebres casos de injustiças praticadas no Brasil: o primeiro do político Alcení Guerra, acusado de corrupção; o segundo de proprietários de uma escola em São Paulo, acusados de abusarem sexualmente de alunos da referida escola. Em ambos os casos, a inocência foi provada, entretanto o estrago já estava feito. É bom lembrar que, no último caso, houve um linchamento por parte do poder público – delegado que apurou o caso –, da mídia que criou um espetáculo diante do fato e por fim da população, que chegou a pichar a escola e ameaçar os funcionários e proprietários do estabelecimento de ensino. Nesse discurso, o Lula tenta aproximar o ex-ministro José Dirceu de várias pessoas que, reconhecidamente, sofreram injustiças.

Essa estratégia argumentativa em rememorar casos cujos inocentes são condenados antes de serem julgadas, colocando José Dirceu dentro desse espectro, é bastante interessante, pois o telespectador poderá se perguntar se não estaria ocorrendo outra injustiça.

Lula projeta um ***ethos de solidariedade*** em relação a um companheiro que estava prestes a ser cassado pela Câmara dos Deputados, porque a mídia e uma significativa parcela da sociedade já haviam condenado o ex-ministro.

O *ethos* de “solidariedade” faz do político um ser que não somente está atento às necessidades dos outros, mas que partilha e se torna responsável por elas. A solidariedade caracteriza-se pela vontade de estar junto, de não se distinguir dos outros membros do grupo e, sobretudo, de unir-se a eles a partir do momento em que se encontrarem ameaçados. (Charaudeau 2006:163)

Os enunciados de Lula ao defender o deputado José Dirceu não impediram a cassação do ex-ministro da Casa Civil, entretanto pode-se observar que tais enunciados, nesta entrevista coletiva, irão construir uma teia argumentativa que permitiu que o governo Lula saísse da defensiva e partisse, definitivamente, para o embate político com as oposições.

8.2 O mensalão e o dossiê

O escândalo do mensalão tem sua gênese⁷ quando o ex-chefe de Contratação e Administração de Material dos Correios – Maurício Marinho – foi flagrado recebendo três mil reais de suborno. O funcionário da empresa pública afirma ser apadrinhado político do deputado Roberto Jefferson, aliado da base aliada do governo e líder do PTB (Partido Trabalhista Brasileiro).

Diante desse fato político, o deputado concede entrevista a um grande jornal. Roberto Jefferson acusa o PT (Partido dos Trabalhadores) de realizar pagamentos mensais e sistemáticos a políticos da base do governo, a fim de que tais parlamentares votassem nas matérias de interesse do Governo Federal.

A CPI do Mensalão e a dos Correios iniciam suas investigações e alguns fatos começam a ser revelados. Roberto Jefferson é cassado. Alguns deputados renunciam aos mandatos para fugirem da cassação e da inelegibilidade por vários anos. Dentro desse contexto, o presidente terá de responder a duas perguntas:

- O Presidente sabia? Se sabia, seria omissivo e conivente;
- O Presidente não sabia? Se não sabia, seria um incompetente, incapaz de saber o que acontece debaixo do nariz.

Esse era um discurso enunciado por opositores e articulistas políticos da grande mídia. Lula utiliza a comparação, em sua argumentatividade e, a partir do recurso da intertextualidade, cria sentidos novos, quando relembra fatos passados.

⁷ Informações disponíveis em: <http://clipping.planejamento.gov.br/Noticias.asp?NOTCod=372301>

“... o senhor de modo geral se declara eh (+) uma pessoa que **não teve conhecimento** dos fatos relatados pelo ex-deputado Roberto Jefferson e das principais denúncias que se apresentaram naquele período...” L5 a L8A1TE.

De certa maneira, a identidade do Presidente é construída mediante a fala de outros, no caso do jornalista que interage com Lula. O repórter usa o discurso do candidato à reeleição, pronunciado em outras situações em que o Presidente necessitou se defender das acusações de que “sabia do caso”.

Alguns vocábulos são repetidos pelo Presidente nesta temática:

- Presidente da República 10
- Responsabilidade 04
- Congresso Nacional 07

O termo **Presidente da República** tem seu uso no sentido de projetar um *ethos de autoridade*, de chefe: “Ele é uma construção de si para que o outro adira, siga, identifique-se a este ser que supostamente é representado por um outro si mesmo idealizado.” (Charaudeau 2006: 153).

O termo **Responsabilidade** reforça a idéia de estadista, de alguém que, ao tomar conhecimento de atos de corrupção, não fica imobilizado, mas atua de forma republicana para que os fatos sejam esclarecidos. É interessante observar que a expressão “Responsabilidade” não é aceita pelo Presidente Lula como “culpabilidade” das denúncias veiculadas. Responsabilidade para ele seria a de mandar apurar. L18 a L19A1TE.

O termo **Congresso Nacional** é repetido na temática “mensalão e dossiê”, e que se relaciona à temática: “O que se espera de um governo republicano”. Quando o Presidente afirma que tem a responsabilidade de mandar apurar, ele credita ao Congresso Nacional a incumbência de levar o caso até a conclusão, o que estaria fora de sua esfera.

Há um discurso indireto da fala de Lula, na segunda entrevista coletiva, enunciada por um jornalista. “... presidente... o senhor já disse mais de uma vez que quer ver tudo apurado... disse também que um pai de família não pode saber... na cozinha... o que os filhos fazem na sala...” L1 a L3A2TE.

Não se pode negar que há uma forte identificação por parte de pais e mães neste enunciado, pois seria impossível saber o que se passa com seus filhos quando eles estão longe de seus olhares. O Presidente se insere desta forma como um pai comum, igual a

muitos pais do Brasil. Essa metáfora pode desfazer a idéia de que: se Lula não sabia, ele era incompetente para governar o Brasil. Verifica-se que esse enunciado (do saber e não saber) era reproduzido por partidos de oposição, setores midiáticos e segmentos da sociedade e que é carregado de ideologia.

O Presidente não sabia, porque saber de tudo não faz parte da natureza humana. Entretanto, ao tomar conhecimento dos fatos, quais foram as atitudes tomadas pelo governo?

- L45 a L50A1TE. “... o que é que eu fiz... nós tínhamos o Aldo Rebelo como líder do governo no **Congresso**... nós tínhamos o Arlindo Chinaglia como líder do (+) como (+) como líder do PT... e eu pedi aos dois que explicasse se era verdade... eles categoricamente disseram que isso era uma **peça de ficção**... que não existia **mensalão** dentro do **Congresso-Nacional**...”.

- Lula “pede” – **discurso não-autoritário** – aos líderes do Congresso e ao Partido dos Trabalhadores que explicassem se os fatos denunciados eram verdadeiros. Ele relata a fala dos dois aliados – discurso indireto –, e eles afirmaram que toda denúncia não passava de uma peça de ficção, que dentro do Congresso não havia mensalão.

- L59 a L60A1TE. “... ora... eu não chorei... mas fiquei indignado...”.

O Presidente relata aos jornalistas que não chorou quando soube através do deputado Roberto Jefferson que havia mensalão no Congresso, entretanto o sentimento externado era de indignação diante do fato. Percebe-se um **ethos como espelho de si**:

Não existe um ato de linguagem que não passe pela construção de uma imagem de si. Quer queiramos ou não, calculemos ou neguemos, a partir do momento em que falamos, aparece (transparece) uma imagem daquilo que somos por meio daquilo que dizemos. (Charaudeau 2006:86)

- L66 a L69A1TE. “... é importante para mim e que me deixa **MUITO**... **MUITO** de cabeça erguida é o seguinte... nós estamos com três CPIs funcionando... não há nenhuma ingerência do governo para criar qualquer problema para a CPI...”.

O Presidente repete por duas vezes o advérbio de intensidade **muito** para enunciar que está de cabeça erguida por estarem funcionando três CPIs para investigar ações do Executivo e, em nenhum momento, houve ingerência do governo.

- L121 a L122A1TE. “... então é isso... eu acho improvável... acho não... eu tenho certeza que é improvável que o PL tenha dado dinheiro para campanha presidencial...”.

- O Presidente usa inicialmente um discurso **não-autoritário** “eu acho”, entretanto ele se autocorrige, modaliza sua fala para afirmar que “tem certeza” **discurso**

autoritário, quando enuncia que não houve doação por parte do PL (Partido Liberal) para campanha presidencial.

- L23 a L25A1TE. “... o deputado Roberto Jefferson faz a denúncia... ele foi cassado exatamente porque não provou as denúncias que ele fez no que diz respeito... por exemplo... aos **mensalões**...”.

O Presidente da República descredencia o ex-deputado Roberto Jefferson, que denunciou pagamentos mensais a deputados da base aliada. O argumento utilizado por Lula é muito simples. Se o deputado foi cassado pelo fato de não conseguir provar que houve mensalão, e cabe a quem acusa o ônus da prova, toda a acusação fundante se torna inconsistente.

Os enunciados produzidos pelo presidente/candidato na crítica à tese do mensalão são cristalinos. Ele não acreditava que tal prática acontecia no Congresso Nacional, que tudo não passava de uma peça de ficção, que o denunciador não tinha credibilidade para fazer tais afirmações, porque ele tinha sido cassado, exatamente por não conseguir amearhar provas que indicassem algum indício da existência de tais práticas no Congresso.

Por fim, Lula utilizará a estratégia argumentativa da comparação, a fim de desmontar a tese do mensalão. L60 a L64A1TE:

*“... porque essa (+) história de **mensalão** no **Congresso Nacional** ela foi muito forte no Brasil na época da reeleição... vocês estão lembrados em mil novecentos e noventa e quatro... ((algum repórter corrige a data)) mil novecentos e noventa e seis e que não foi pra frente também e que não foi provado...”.*

Luís Inácio Lula da Silva relembra o período do governo Fernando Henrique Cardoso, quando houve acusações de pagamentos a deputados, a fim de que os parlamentares aprovassem uma Emenda Constitucional que permitiria a reeleição de presidentes, beneficiando diretamente FHC. O diálogo feito entre os dois períodos tem como função silenciar as oposições, haja vista os mais contundentes críticos do governo petista (PSDB e DEM) terem passado por situação semelhante. Lembrar aos telespectadores que tais acusações não são originais, que elas já foram feitas ao PSDB, quando os tucanos governavam o Brasil, é uma estratégia argumentativa viável, no sentido de descredenciar a oposição e demonstrar que a mesma injustiça pode estar ocorrendo no governo do Partido dos Trabalhadores.

A segunda crise que atingiu a candidatura de Lula, na reta final do primeiro turno, teve início com a prisão de militantes petistas, em um hotel, tentando comprar um

dossiê que, supostamente relacionaria membros do PSDB com a família dos Vedoin e a compra de ambulâncias superfaturadas pelo Ministério da Saúde na era FHC.

O escândalo do dossiê foi um fato jornalístico digno de nota, entretanto a grande mídia não se ateve em saber se o teor do dossiê era verdadeiro. A linha de investigação adotada pela imprensa foi descobrir se a origem do dinheiro era ilícita, o que poderia configurar crime. Lula não negará que houve tentativa de compra do dossiê, mas fará algumas observações:

- A negação de que sabia dos fatos;
- Ele foi o maior prejudicado nesta ação;
- Gostaria de saber quem foi o arquiteto desta operação;
- Que não aprovou a conduta dos envolvidos.

L10 a L14A2TE “... desde o início houve uma tentativa de ficar dizendo... o presidente **sabia**... o presidente **sabia**... o presidente **sabia**... como se fosse possível um presidente **saber** de tudo o que acontece no território nacional... ou seja... **o presidente da república**... ele não pode se eximir das **responsabilidades** das coisas que acontecem...”.

Os argumentos utilizados acerca da crise do mensalão e o caso da tentativa de compra do dossiê são semelhantes. A oposição queria que o presidente/candidato dissesse que sabia da operação, o que inviabilizaria, definitivamente um segundo mandato para ele. Por outro lado, negando conhecer o fato, Lula demonstraria incompetência, ingenuidade para gerir a coisa pública.

Existe um diálogo com as falas das oposições que afirmavam que Lula tinha conhecimento da preparação da compra do dossiê. O Presidente responderá que não é possível “*um presidente saber de tudo o que acontece no território nacional...*”.

Percebe-se uma reutilização da tese utilizada no escândalo do mensalão: primeiro, o presidente não sabia; segundo, o desconhecimento de tais fatos não o desabona, pois não é possível um Presidente saber de tudo o que se passa no país.

O termo **sabia** e seus derivados serão utilizados seis vezes. Há, portanto, uma forte preocupação de Lula em convencer os eleitores acerca da impossibilidade de o Presidente ter ciência de tudo o que acontece ao seu redor. **Percebe-se um ethos de humanidade.**

O *ethos* de “humanidade” constitui igualmente um imaginário importante para a imagem do político. O “ser humano” é mensurado pela capacidade de demonstrar sentimentos, compaixão para com aqueles que sofrem, mas o é também pela capacidade de confessar suas fraquezas, de mostrar quais são seus gostos, até os mais íntimos: ‘Para ser um homem público, não é preciso ser menos homem. (Charaudeau 2006: 148)

Essa humanidade a ser projetada será fundamental para a criação de uma identidade para Lula, quando ele constrói, paulatinamente um discurso ético que irá responder ao discurso das mídias e do candidato Geraldo Alckmin.

Os jornalistas questionam a tese apresentada pelo Presidente de que o maior prejudicado com a divulgação do dossiê seria a candidatura dele, caso os “aloprados”, designação dada por Lula aos participantes da tentativa de compra do dossiê, não fossem presos. L45 a L64A2TE.

O presidente/candidato irá reagir a essa insinuação com indignação, ironia e certo desprezo à tese apresentada pela jornalista: “*bobagem, Renata... Renata... pelo amor de Deus... Renata... uma bobagem... Renata... uma bobagem...*” A tese de Lula é: por que alguém iria comprar um dossiê disponível na internet? L69 a L70A2TE. A grande curiosidade dele, e nesse momento ele se coloca na pele da sociedade brasileira, é saber quem arquitetou o plano da compra do dossiê. L75 a L78A2TE.

O Presidente enuncia que determinou que o presidente do PT e coordenador de sua campanha, Ricardo Berzoini desse os nomes dos responsáveis diretos pela operação. Como essa informação não foi dada, Lula afastou Berzoini da coordenação da campanha presidencial. L105 a L111A2TE. O afastamento do presidente do PT na coordenação da campanha de Lula à presidência da república teria como objetivo maior criar um **ethos de credibilidade** para o chefe do Executivo:

A exemplo da legitimidade, a credibilidade não é uma qualidade ligada à identidade social do sujeito. Ela é, ao contrário, o resultado da construção de uma identidade discursiva pelo sujeito falante, realizada de tal modo que os outros sejam conduzidos a julgá-lo digno de crédito. (Charaudeau 2006: 119)

Após enunciar que determinou o afastamento do presidente do PT da coordenação da campanha à presidência, Lula recorre mais uma vez, no sentido de estruturar, estrategicamente sua argumentação, na forma republicana que tem sido a prática brasileira: investiga-se, levam-se os autos à Justiça, julga-se, condena-se ou inocenta-se. L111 a L112A2TE. “... *que eu posso esperar? que a Polícia Federal faça a investigação...*”.

8.3 PEDIDO DE IMPEACHMENT

Após a denúncia de pagamentos mensais a parlamentares da base aliada do governo, as oposições, certos setores midiáticos e da sociedade civil ensaiavam um movimento que tinha como propósito afastar o Presidente Lula por crime de responsabilidade. A oposição acredita, a princípio, que haveria uma grande mobilização popular exigindo o *impeachment* do Presidente Lula, como ocorrera na década de 1990 com o Presidente Fernando Collor de Melo.

Entretanto, os movimentos sociais apoiavam incondicionalmente o Presidente da República, como a UNE, o MST, a FETAPE, sindicatos e a CUT, por exemplo, o que fez com que as passeatas que deram início ao isolamento do governo Collor não se repetissem no governo petista. Não obtendo êxito dentro dos movimentos sociais, as oposições atacaram a gestão de Lula seja na tribuna do Congresso Nacional, seja através da grande mídia.

O termo *impeachment* começa, então, a ser enunciado por alguns setores da sociedade. Nessa entrevista coletiva, a palavra *impeachment* aparece **nove vezes**. O Deputado do PFL (Partido da Frente Liberal) Ronaldo Caiado pede o afastamento do Presidente. L79 a L84A1TE. Lula desdenha da ação do PFL, afirmando que o partido não tinha autoridade política para exigir o *impeachment* de um presidente, talvez pela sua história: o PFL teria sua origem na extinta ARENA, partido político que apoiava a ditadura civil-militar. Depois se transformou em PDS, no momento da entrevista era PFL e, hoje, DEM. Em sua argumentação, Lula mais uma vez irá se defender das acusações que lhe são imputadas, apostando nas instituições brasileiras.

O tema *impeachment* cria certo constrangimento para o Presidente. L109 a L110A1TE. “... eu acho hilariante o PFL tentar o *impeachment* do do do do...” Tal hesitação é assim comentada por Dino Preti: “As hesitações podem conduzir, também, a outras alterações em nível discursivo. Assim, nos assuntos que envolvem posições conflitantes entre os interlocutores são comuns repetições hesitantes.” (Preti 2004:50).

Lula termina seu turno ironizando o pedido de *impeachment* feito pelo deputado Ronaldo Caiado:

“... eu acho realmente hilariante... não posso levar a sério sabe um pedido de *impeachment* ou com base no quê? qual é a prova? qual é o delito? possivelmente pelas coisas boas que estamos fazendo...”

Para o Presidente, não havia nenhum indício que o incriminasse: Não havia base legal, não havia prova, não havia delito. As únicas coisas que poderiam irritar as oposições eram “... *as coisas boas que estávamos fazendo...*” e um *impeachment* neste caso teria um nome: golpe.

A oposição e setores midiáticos, após a primeira entrevista coletiva, desistiram do pedido de *impeachment*, entretanto apostaram em um desgaste da imagem do Presidente diante da população e dos setores da sociedade que o apoiavam. Houve uma perseguição ferrenha ao governo Lula. O discurso midiático e das oposições afirmava que governo não trouxera desenvolvimento para o Brasil. O PSDB e o DEM apresentaram-se como o **novo**, os antilula. No jogo dos opostos, Lula será candidato à reeleição vencendo o ex-governador Geraldo Alckmin, que se apresentou como diferente dele.

8.4 A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DA OPOSIÇÃO

Quando o Presidente é indagado se temia um processo de *impeachment* movido pelo PFL, Lula irá desdenhar do partido oposicionista, ao afirmar que o Partido da Frente Liberal não tinha autoridade política para isso. L85 a L114A1TE.

Lula irá questionar o comportamento do presidente do PFL Jorge Bornhausen quando o senador afirmou que se precisava acabar com a “... *raça do PT...*”. O senador de descendência germânica virou alvo de chacota por militantes de centro-esquerda.

Alguns dias após essa declaração do senador e presidente do PFL, Brasília amanheceu com vários cartazes com a imagem de Bornhausen usando um minúsculo bigode à Adolf Hitler. A crítica era clara: o alemão, como é conhecido o senador no meio político, ao afirmar que era preciso acabar com a raça do PT, estaria tendo uma postura semelhante àquela praticada pelos nazistas, que dizimavam raças ou o que fosse diferente.

Evidentemente, que Lula aproveita-se desse deslize verbal para descredenciar não apenas o presidente do partido, mas o próprio PFL. Assim, para o candidato à reeleição, o Partido da Frente Liberal não tinha condições morais para pedir o *impeachment* de um Presidente da República, pois as motivações para tanto não eram nobres.

No primeiro Programa Roda Viva em que Lula foi entrevistado, foi feita uma retrospectiva das várias aparições do Presidente, desde a época em que ele era dirigente

sindical, passando pelas tentativas em que o petista concorria à Presidência da República. Lula, de forma irônica, afirma que, nas aparições dele, seu semblante não era tão irritado como das pessoas que fazem oposição ao governo dele.

L140 a L147A1TE. *“... analisando o nervosismo e irritação das nossas oposições... eu fui oposição a muitos governos... eu (+) eu acho que minha cara aí no debate nunca fui tão irritado... nunca fui tão nervoso como eu tô vendo a minha oposição... que são gente que deveria que ter mais um pouco de cuidado ao falar... ter um pouco mais de cautela... investigar melhor... para que depois pudesse fazer acusações a qualquer pessoa...”*

A partir do fragmento extraído da entrevista, podemos perceber os seguintes enunciados:

- A oposição é irritada;
- A oposição é nervosa;
- A oposição não tem cuidado ao falar;
- A oposição não tem cautela;
- A oposição deveria investigar melhor para depois acusar.

Nas temáticas “Economia”, “Emprego”, “Bolsa-família”, “A privatização no período FHC” e “Impostos no Brasil”, Lula tecerá argumentos com o objetivo de construir a imagem da oposição ao seu governo. O Presidente também tentará demonstrar através de números que seu governo foi muito mais exitoso que os governos que o antecederam, em especial, as oposições a ele.

L180 a L192A2TE.

*“... de que os alopados... essas pessoas podem... eventualmente... ter caído numa armadilha... o ministro **Ciro Gomes** já foi muito mais explícito do que isso... ele disse que isso é uma armação do PSDB... é uma armação do José Serra... o senhor acha crível... o senhor acha possível... que as pessoas acreditem que o José Serra fez uma operação para incriminar o próprio José Serra?...”*

L: *eu não posso afirmar... nem como candidato... nem como **presidente da República**... uma coisa afirmativa contra ninguém... eu apenas gostaria de saber... talvez não tenha nenhum fundo jurídico mais forte... mas eu gostaria de saber quem é o arquiteto da idéia... quem é que pensou que levando algumas pessoas a praticarem um ato ilícito... um ato ilegal... poderia beneficiar a campanha de qualquer pessoa num momento...”*

Havia uma tese de que a prisão dos militantes petistas teria sido uma armação do PSDB. O ministro **Ciro Gomes** tinha feito essa afirmação. Lula não afirma nem nega tal possibilidade.

L219 a L238A2TE.

“... ele está muito mais sabedor daquilo que lhe interessa e ele começa a perceber... veja... que tem um tipo de oposição... vocês sabem que eu jamais vou fazer crítica à oposição... jamais... eu acho que a oposição é uma coisa saudável para a consistência da democracia... agora... nós

*temos a oposição e oposições... ou seja... nós temos gente que efetivamente não quer que as coisas dêem certo no Brasil... nós temos gente que trabalha o tempo inteiro para fazer com que as coisas não dêem certo... essas pessoas serão julgadas pelo povo... ou foram julgadas já... ou serão julgadas daqui a quatro anos na outra eleição... porque essas coisas que estão acontecendo no Brasil... gente... é importante ter clareza... sabe... depois eu vou mandar entregar ao coordenador do programa **Roda Viva** um exemplar... a maioria dos casos... 80% dos casos que nós conseguimos dismantelar de quadrilhas existente no setor público brasileiro... elas vêm de muitos anos atrás... tem até de mil novecentos e oitenta e sete... sabe? quadrilhas que você só fica sabendo que essas quadrilhas existiam quando você prendeu a pessoa e essa pessoa confessou... então... tem gente que não se conforma com isso... tem gente que não aceita que nós estejamos...”*

Diante deste fragmento extraído da segunda entrevista coletiva, encontramos os seguintes enunciados:

- Nós temos gente que efetivamente não quer que as coisas dêem certo no Brasil;
- Nós temos gente que atrapalha o tempo inteiro;
- 80% dos casos de quadrilhas que atuavam no setor público e que foram desarticuladas pelo poder público tiveram sua origem em governos passados.

L275 a L306A2TE

“... pois bem... quando eu disse ao meu adversário... era porque ele estava insistindo que eu é que deveria dizer ao público o que aconteceu... eu achei aquilo abominável... aliás... eu estranhei o comportamento do meu adversário que sempre foi uma pessoa tranqüila... leve...”

T: ((interrompendo)) o senhor se sentiu destrutado?

*L: ele estava ensandecido naquele programa... eu acho que ele pensou que poderia resolver o problema da **guerra numa única batalha**... eu confesso para vocês que eu fiquei chateado... fiquei chateado porque ali estavam dois candidatos... mas ali estava um governador do estado... estava um **presidente a República**... era preciso saber o que a gente passa para as pessoas que estão sentadas no sofá... às vezes... é uma mamãe dando de mamar para o filho... às vezes uma pessoa tomando um café na sala... às vezes uma família inteira reunida e você não passar uma única mensagem a não ser agressões... eu não gostei... mas também não me queixei porque campanha é assim... **campanha desfigura as pessoas**... neste país... eu digo sempre o seguinte... o exemplo mais violento que eu tenho de campanha foi Maluf... Antônio Ermírio de Moraes e Quêrcia em 1986... se neste país a Justiça funcionasse com exatidão... na primeira disputa entre os três... cassava os três... porque era uma acusação... você está lembrado? era uma acusação... no país nós temos dezenas... teve gente que já contratou gente para dizer que gente matou outro... teve tudo... teve coisas para tudo que é gosto... eu preferiria... confesso a você... Alexandre... que eu preferiria que os debates dessem um nível programático em que a gente pudesse discutir saída para as coisas sabe por quê? porque o povo... ele vai escolher o candidato... ele vai falar... pó...eu vou escolher um candidato porque ele assumiu tal compromisso comigo... mas eu estranhei... confesso a você... que eu estranhei o comportamento do Alckmin naquele dia... talvez ele tenha sido orientado para aquilo... sabe?”*

Há neste momento sentidos construídos, a partir da intertextualidade, quando o jornalista procura saber de Lula o que ele achou do comportamento de Alckmin no debate promovido pela BAND:

- Lula considerou abominável a postura de Alckmin no debate;

- Ele estranhou o comportamento de Alckmin no debate, pois considerava seu adversário uma pessoa mais tranqüila;
- O Presidente afirma que Alckmin estava ensandecido no debate;
- A única mensagem transmitida por Alckmin foi a agressão;
- Por fim, Lula acredita que Alckmin foi orientado para agir de forma beligerante.

Portanto, o Presidente irá, paulatinamente, construir a identidade das oposições e principalmente a identidade de Alckmin. Essa construção das oposições é percebida no momento em que Lula critica a postura conservadora do PFL, partido que nas quatro últimas eleições presidenciais indicou o vice do candidato à presidência pelo PSDB. Lula, a partir do diálogo que esta entrevista trava com o debate transmitido pela BAND irá construir uma nova identidade para Alckmin: um homem que era considerado zen passa a ser denominado como ensandecido, agressivo e manipulado pela coordenação de campanha.

No último debate, que seria transmitido pela Rede Globo, cujo formato é semelhante aos debates nos Estados Unidos com os candidatos à presidência: os candidatos circulam por um palco questionando e respondendo indagações de jornalistas, eleitores indecisos e do próprio adversário. Alckmin já percebera que o discurso beligerante não é, atualmente aceito pelos eleitores, retornando, assim, àquela postura que ele tinha forjado nos anos em que fora vice-governador e governador de São Paulo, não conseguindo, contudo, em sua última tentativa criar novos fatos que o levassem à vitória.

8.5 A RECUPERAÇÃO DA IMAGEM DO PARTIDO DOS TRABALHADORES

L25 a L28A1TE

“... o que ele provou é que o PT teve uma pratica de financiamento da campanha totalmente contra a história do próprio partido e isso está sendo apurado na CPI...”

A interação entre o Presidente e os jornalistas se refere às acusações de compra de voto de deputados da base governista. Lula nega a existência de mensalão, entretanto ele não nega que o partido que ajudou a fundar teve uma postura equivocada no que se refere ao financiamento de campanha política.

No jogo argumentativo, ele negará que houve pagamentos mensais e sistemáticos a deputados da base aliada; considera verdadeira a acusação de que o PT

cometeu irregularidades no financiamento de campanha, e por fim, tenta demonstrar que o país vive um momento em que as instituições funcionam sem embaraços, haja vista existir uma CPI que estava apurando o caso.

O PT é um partido político de massas. Vários movimentos sociais estão vinculados a esse partido que tem como diretrizes básicas a redução das grandes desigualdades sociais e a ética na política. Essa última bandeira estava puída em função das denúncias feitas pelo deputado Roberto Jefferson acerca do mensalão. Lula, como o mais ilustre membro do PT irá, através de vários enunciados, assegurar que o Partido dos Trabalhadores passará por uma transformação, a fim de dar continuidade aos projetos que implicam mudança social.

L129 a L133AITE.

“... todos aqueles que cometeram práticas equivocadas... condenadas pelo PT e condenadas pela sociedade brasileira... eu acho que traíram um princípio que o PT tinha colocado em prática neste país e por isso vão pagar...”

O Presidente inicia seu discurso com *“todos aqueles...”*. Ele irá separar as “pessoas” do “Partido dos Trabalhadores”. Foram pessoas que traíram o PT, traíram os princípios do PT e não o Partido dos Trabalhadores que traiu o povo brasileiro. Percebe-se que esse **“traíram”** na terceira pessoa do plural indica um ou vários agentes indeterminados, que praticaram a ação de trair o PT. Percebe-se, também, neste enunciado, que Lula coloca no mesmo campo semântico o PT e a sociedade brasileira, quando afirma que *“... práticas equivocadas... condenadas pelo PT e condenadas pela sociedade brasileira...”*. Portanto, o que é condenado pelo PT é condenado pela sociedade e o que é condenado pela sociedade é condenado pelo Partido dos Trabalhadores.

Lula irá utilizar um discurso **não-autoritário**: *“... eu acho que traíram um princípio...”* e logo em seguida, um **discurso autoritário**: *“e por isso vão pagar...”*. O discurso não-autoritário distancia o Presidente dos “indeterminados traidores”; o discurso autoritário cria um *ethos* de alguém que deseja a verdade e que os culpados paguem pelos seus desacertos.

L136 A 1139A1TE.

“... eu acho que o PT vai ter um novo procedimento... novo comportamento... e eu acho que o PT vai recuperar aquela imagem que o PT conseguiu construir ao longo de vinte anos junto à sociedade brasileira...”

O Presidente Lula continua sua fala utilizando um discurso **não-autoritário**: *“eu acho...”*. Ele não poderia neste caso utilizar um discurso autoritário – eu creio – por

exemplo, pois algum fato novo poderia pôr em xeque a imagem do Presidente da República.

Há enunciados neste fragmento que apontam para uma refundação do PT, tais como: “... o PT vai ter um **novo** procedimento...”, “... **novo** comportamento”. O adjetivo **novo**, intensamente, utilizado no discurso publicitário, tem como propósito demonstrar que as atitudes vindouras do PT, em relação a financiamento de campanha, serão completamente distintas das práticas condenadas pelo próprio Partido dos Trabalhadores, a sociedade brasileira e o Presidente Lula.

Ainda analisando-se enunciados que apontam para uma nova postura que o Partido dos Trabalhadores deverá adotar, o Presidente faz a seguinte afirmação: “... o PT vai recuperar aquela imagem”. Nesse momento, ele usa um **discurso autoritário**, afinal é do interesse dele e da sociedade brasileira que tal fato ocorra. Essa imagem a ser recuperada será o grande objetivo a ser alcançado pelos militantes do partido. Por fim, Lula lembra que o PT “*construiu*” junto à sociedade brasileira a imagem de ética. A imagem não foi construída apenas com a participação dos militantes petistas, mas também pela sociedade brasileira organizada, que há muito aspira à ética na política. Essa era, sem sombra de dúvidas, a imagem que o Presidente e candidato queria passar para os telespectadores.

8.6 A PRIVATIZAÇÃO NO PERÍODO FHC

Nesta temática, encontram-se duas maneiras de ver o mundo. De um lado os “privatistas”, que defendem um Estado pequeno, o que nessa visão tornaria a gestão pública mais eficiente e ágil; do outro, os “estatizantes”, que defendem uma maior participação do Estado na vida das pessoas. Evidentemente que não se pode, nesta discussão, ter uma visão maniqueísta: os que encarnam o mal e outros que se apresentam como a consubstanciação do bem. Os aspectos positivos e negativos desse processo serão discutidos pelo Presidente Lula e alguns jornalistas, fazendo com que essa temática dialogue com alguns gêneros típicos do discurso político, como: guia eleitoral e debate político.

O período de privatizações no Brasil ocorreu no embalo dos ventos que vinham dos Estados Unidos no governo republicano de Ronald Reagan e da primeira-ministra da Inglaterra, Margaret Thatcher do Partido Conservador. As palavras-chave para se entender esses dois governos poderiam ser: neoliberalismo e privatização.

Lula irá fazer uma análise do papel das privatizações no desenvolvimento do Brasil, a partir da década de 1990, quando Fernando Henrique Cardoso assume a Presidência da República. Tal análise é feita utilizando-se como argumento a comparação do seu governo com a gestão de FHC. A intertextualidade será fundamental para que o Presidente faça relações, extremamente negativas com o governo que o antecedeu, projetando um futuro incerto, caso Geraldo Alckmin vença as eleições de 2006.

L10 a L12A2TD

“... agora os seus partidários e o senhor inclusive... têm dito que Geraldo Alckmin vai privatizar a Petrobras... O Banco do Brasil e os Correios...”

O jornalista antes de fazer essa asserção, relembra ao Presidente Lula – intertextualidade – as eleições de 1989, quando os adversários do então candidato do PT, nas primeiras eleições diretas após o fim da ditadura civil-militar, fizeram circular informações acerca do que poderia acontecer caso ele fosse eleito: fuga de empresários do Brasil e confisco de bens e dinheiro da população. O jornalista finaliza sua pergunta questionando ao Presidente Lula se não estaria ocorrendo o mesmo terrorismo eleitoral, ao se fazer tais afirmações sobre Geraldo Alckmin.

O que estava em discussão, naquele ponto da entrevista, era se Lula estaria cometendo o mesmo jogo sujo de que foi vítima em 1989, e se o candidato do PSDB iria continuar o processo de privatizações iniciado na época de FHC e interrompido no governo petista.

Nas linhas 15 a 18, o Presidente complementa as informações sobre o “terrorismo discursivo” que sofreu na sua primeira candidatura à presidência, ao lembrar que seus adversários o acusavam de arquitetar um plano de fechar as igrejas evangélicas. L18 a L29A2TD

Lula afirma que o histórico do PSDB e de Geraldo Alckmin foi o de privatizar as empresas públicas brasileiras. *“... nós não falamos nada mais do que a imprensa brasileira constatou durante todo mandato do Presidente Fernando Henrique Cardoso... do mandato do governador Alckmin... que privatizaram quase tudo o que tinha no estado de São Paulo... apenas nós constatamos isso...”*

Há, por parte de Lula, uma preocupação em preservar sua face, ao afirmar que estava apenas repetindo o que a imprensa tinha constatado, ou seja, ele não era um caluniador como foram seus adversários em 1989. A segunda preocupação é mostrar

como a oposição ao governo petista poderia agir caso Alckmin fosse eleito presidente: privatizar o que restou das empresas brasileiras.

Ainda mantendo seu turno, o candidato à reeleição afirma que “... *peessoas ligadas ao governo... no programa do PFL... que fala de **privatizar** o que puder **privatizar**... eu tenho dito que a idéia deles básica é o seguinte... o trabalho administrativo deles é vender o patrimônio público...*”. O termo “privatização” torna-se extremamente negativo na fala do Presidente em relação aos seus adversários. Privatizar seria vender algo que pertencia ao povo brasileiro e isso sem o consentimento da população.

A discussão da privatização nesta segunda entrevista coletiva vai dialogar com as asserções de Lula e de membros do PT que diziam que Geraldo Alckmin iria vender empresas brasileiras consideradas estratégicas, como o Banco do Brasil, Correios e a Petrobras. Essas afirmações foram feitas no guia eleitoral do PT. Uma mão passava por cima de uma maquete com prédios que simbolizavam empresas públicas, a imagem era sombria e logo depois vinha o *slogan*: “*Não troco o certo pelo duvidoso quero Lula de novo*”. Lula era o certo, quem seria o duvidoso?

L30 a L40A2TD

O Presidente continua seu raciocínio sobre a possibilidade de Alckmin privatizar setores públicos: “... *veja... ele acabou de privatizar a Cetesb em São Paulo... acabou de privatizar...*”. Se Alckmin acabou de privatizar uma empresa pública de São Paulo o que o impediria de privatizar empresas nacionais, caso eleito? Fica a dúvida na mente dos eleitores e essa é a intenção de Lula nesse ato de fala. Ao terminar seu turno, um jornalista pergunta o que ele teria contra a privatização. É neste momento que as duas visões de mundo são analisadas pelo Presidente.

L42 a L43A2TD “... *veja... eu sou contra a privatização daqueles setores que são considerados estratégicos para soberania nacional...*”. Como há duas visões de mundo em discussão e nesse momento apenas a visão do Presidente é posta, fica a insinuação de qual seria a visão do PSDB: privatizar o pouco que ainda não tinha sido privatizado nas gestões de FHC e Alckmin. Lula se declara contrário à privatização de setores estratégicos. Observamos que, de certa maneira, a imagem do PSDB e seu candidato à presidência são construídos, de forma negativa, para a sociedade brasileira pelo Presidente da República. É interessante observar o enunciado seguinte para entender essas visões distintas de mundo.

L49 a L51A2TD. “... *primeiro eu disse que não privatizaria... já está privatizada... agora nós temos que lidar com as empresas privatizadas...*”. O Presidente Lula entra na

seguinte discussão: valeu ou não a pena privatizar determinadas empresas? O discurso do Presidente é construído de maneira que a fala dele seja a oposta à de seu adversário. Lula é contra as privatizações de empresas estratégicas, entretanto não reestatizaria as empresas já privatizadas no período FHC e Geraldo Alckmin, seu opositor.

É interessante mencionar que o termo “privatizar” e seus derivados aparecem **quinze vezes** na temática privatização, obrigando Geraldo Alckmin a gastar vários minutos do seu guia eleitoral desmentindo que iria vender empresas públicas. Alckmin fará aparições vestindo camisa do Banco do Brasil e usando capacete com a logomarca da Petrobras. Não conseguiu defender o processo de privatizações em seu estado e no período FHC, o que fragilizou bastante sua candidatura.

L105 a 115A2TD

O discurso de Lula, nessa entrevista, não chega a ser de um estatizante radical. Ele reconhece que o sistema de telecomunicações melhorou, entretanto, cita como aspecto negativo as privatizações do setor ferroviário à época de FHC, fazendo imediatamente a comparação ao seu governo: “... *mas é preciso dizer que o sistema ferroviário foi um desastre no Brasil... porque não deu certo... agora é que nós estamos retomando a questão das ferrovias e...*”. O elogio no discurso político feito a adversários será, quase, sempre acompanhado da conjunção adversativa “**mas**”, essa estratégia argumentativa permite que Lula projete um **ethos de caráter**, ao reconhecer os méritos de seus oponentes; **de inteligência** ao conhecer e analisar o processo de privatização no Brasil e suas conseqüências sócio-políticas, e **de virtude**, pois é raro em políticos reconhecer os acertos de seus adversários. Essas projeções não se apagam quando, por outro lado, o Presidente constata que a privatização foi desastrosa quando se trata do setor ferroviário, por exemplo.

Após uma discussão intensa, Lula encerra sua fala a respeito da privatização: “... *ia ser um debate que já está superado... sabe... o Brasil já teve um processo de privatização*”.

8.7 O papel das empresas públicas

A grande discussão sobre a privatização do setor público se deu quando o pensamento neoliberal tornou-se “hegemônico” no Brasil. Os privatistas apregoavam que as empresas públicas eram ineficientes, mal geridas, verdadeiros dinossauros, na voz do falecido senador Roberto Campos, autor do livro *A lanterna na popa*. O senso comum fez crer a muitos que o grande problema do Brasil seria seu inchaço: há muitas

empresas públicas; há muitos funcionários públicos que trabalham pouco e ganham muito; há corrupção dentro do setor público; que o Estado não tem condições de investir em suas empresas. A solução, para isso, seria vender as empresas públicas.

Nesta temática, o Presidente defenderá a importância do setor público na construção de uma sociedade moderna. L51 a L56A2TD.

“... segundo... porque é importante lembrar que este país deu um salto de qualidade extraordinário com a Embratel... sabe num momento importante quando as pessoas diziam que o telefone era caro... as pessoas se esqueciam de dizer ao povo que comprava era acionista e... portanto... ele era dono de um patrimônio... sabe... que não era descartável...”

Há uma defesa, enfática da Embratel que monopolizava o setor de telecomunicações. A grande questão, entretanto, era o preço das linhas telefônicas e o acesso da população a elas. Lula lembra que o preço era alto, pois o comprador não adquiria apenas a linha, mas ações da Embratel que poderiam ser vendidas.

L57 a L58A2TD. *“... o senhor acha que isso era bom, presidente, o senhor acha que era bom aquele sistema... presidente?”*. Lula irá refazer mais adiante seu discurso, quando afirmará que o processo de privatização das empresas de telecomunicações foi positivo para o Brasil. Entretanto, neste momento, ele encontrava-se em uma difícil situação ao defender seu ponto de vista inicial: seria bom aquele sistema da Embratel em que o usuário para adquirir uma linha telefônica tinha de desembolsar uma quantia significativa, além da espera para conseguir uma linha? A resposta do candidato à reeleição está dentro do “mundo das hipóteses”:

L59 a L63A2TD. *“... poderia ter melhorado... afinal de contas já fazem seis anos... sete anos... oito anos essas coisas evoluem... o Brasil deu um salto de qualidade extraordinário na sua política de telecomunicações... o Brasil parou de dar quando o **Brasil deixou de investir...** quando o **Brasil parou de investir...**”*.

O Presidente, em defesa das empresas públicas, utiliza dois argumentos: no primeiro, aponta para a falta de investimento dos governos passados no setor das teles – o que de certa forma retoma ao governo FHC e as privatizações no Brasil; o segundo argumento utilizado por ele foi o da evolução por que passam as empresas. Se há oito anos as empresas de telecomunicações foram privatizadas, esse tempo seria suficiente para a modernização deste setor, caso houvesse investimentos, quando elas eram públicas.

L64 a L84A2TD. *“... e o Estado não tem condições de investir... tem? tem menos hoje do que antes...”*. A pergunta feita pelo jornalista já vem com uma afirmação: o Estado não tem condições de investir. Não há fuga da temática, há uma estreita relação

entre o tamanho do Estado, investimento e as empresas do setor público. Se o Estado não tem condições de investir, o setor público será “penalizado”. Há, nesta discussão, uma relação que envolve o Presidente Lula e o funcionalismo público. Não se deve esquecer que o PT foi fundado por sindicalistas do setor privado e público, intelectuais, pessoas que atuaram na militância contra a ditadura militar, portanto, o Presidente teria um compromisso, em especial com o setor público, muito mais pela visão de mundo: Estado grande. A mão do Estado fomentando investimento.

Não há senso comum nesta afirmação do analista. É importante lembrar que o número de servidores públicos contratados no governo Lula foi, em muito, superior ao período FHC. Só a título de exemplificação houve vários concursos públicos no Banco do Brasil e na Caixa Econômica. A Polícia Federal e Rodoviária Federal receberam um grande número de agentes selecionados através de concurso público.

Para defender a tese de que o Estado pode e deve investir nas empresas públicas, Lula cita a Petrobras como exemplo. “... a Petrobras... por exemplo... que era uma empresa que tinha um patrimônio líquido **pequeno**... hoje ela tem um lucro **extraordinário**... é uma empresa que tem valor patrimonial de setenta e quatro bilhões de dólares... é uma empresa que tem dado saltos extraordinários e ela continua sendo...”. A Petrobras é uma empresa pública com prestígio internacional e alta valorização no mercado de bolsas de valores. Ao citá-la como exemplo, Lula utiliza mais uma vez a comparação, a fim de mostrar que no governo anterior: “*tinha um patrimônio líquido pequeno*...”, e no governo do Presidente Lula “... *hoje ela tem um lucro extraordinário*...”. As duas visões distintas de mundo são postas. A de Lula será a de investir nas empresas públicas; quanto ao seu adversário, o Presidente candidato à reeleição ao fazer as comparações: “**pequeno**” “**extraordinário**” marcará a posição de seu adversário, tentando, assim, construir a imagem de um Geraldo Alckmin envolvida com os mesmos ideários privatistas de Fernando Henrique Cardoso.

Lula finalizará esta discussão com a seguinte assertiva: L99 a L101A2TD. “... o Estado Brasileiro... veja... já deu demonstrações... em vários Estados do mundo... que tem **competência** de gerir seus próprios fundos com muita **competência**...”. É um discurso que movimenta um forte segmento da sociedade brasileira. Lula chega a ser redundante ao repetir a palavra competência, afinal é isso que ele queria destacar: a competência das empresas públicas e por consequência de seus funcionários, potenciais eleitores.

8.8 O que se espera de um governo republicano

O Presidente Lula irá desenhar um cenário em que o Brasil, apesar de passar por várias crises políticas, é de fato um país democrático, cujas instituições atuam de forma transparente, e os três Poderes são independentes entre si, não havendo, portanto, ingerência do Executivo que possa, de alguma maneira, dificultar a ação da Polícia Federal e do Ministério Público nas investigações sobre mensalão ou dossiê.

Ele destaca também a ação independente do Congresso Nacional e as CPIs instaladas, que estariam apurando todas as denúncias envolvendo o Governo Federal. Por fim, o Presidente lembra que o Poder Judiciário seria a única instância com competência constitucional para julgar qualquer cidadão e cidadã. L124 a L129A1TE.

“... presidente... entre os possíveis traidores... o senhor incluiria o ex-ministro José Dirceu?... olha... eu disse agora a pouco que não ia citar nomes... porque eu espero o resultado final da apuração... qual é a norma? a CPI vai apurar... vai apresentar seu relatório... o Ministério Público vai investigar e vai encaminhar à Justiça... vai ser julgada...”

Pode-se perceber, claramente que o Presidente Lula, nesse fragmento, utiliza um discurso didático, que detalha os procedimentos que devem ser adotados em um país republicano, quando se investiga qualquer cidadão, e ele, como Presidente da República só poderia tecer comentários ao *“final da apuração”*.

- A CPI vai apurar o caso;
- A CPI vai apresentar seu relatório;
- O Ministério Público vai investigar;
- O Ministério Público vai encaminhar a Justiça;
- A Justiça fará seu papel constitucional.

Esses enunciados foram produzidos quando os jornalistas e o Presidente discutiam a existência, ou não, da prática de compra de votos da base aliada.

Nas L155 a 156A1TE. Lê-se: *“... eu acho que nós precisamos apostar claramente que nós temos instituições sólidas...”*. Esse enunciado insere-se após a crítica feita pelo Presidente à condenação precipitada que sofreu o ex-ministro Alcení Guerra e os proprietários da escola de Base. Primeiro, condenaram inocentes para depois de uma simples investigação, concluírem que as pessoas envolvidas não tinham cometido nenhum delito.

Lula, portanto, irá insistir em uma tese cara a um país republicano, a presunção de inocência: investiga-se, através de meios legais, e depois se encaminha o processo para o Judiciário. Qualquer desvio desse processo democrático trará à memória do povo brasileiro o autoritarismo vivido nas décadas de 1960 a 1980, quando uma ditadura civil-militar, instalada através de um golpe de Estado, derrubou um governo constitucional. L 37 a L39A2TE. *“... é preciso que a gente respeite o funcionamento das instituições... porque assim nós estaremos garantindo aos outros a democracia que queremos para nós...”*. Esse enunciado encontra-se inserido no contexto em que se discutia a tentativa da compra do dossiê. Mais uma vez, Lula estará lembrando que vivemos em um Estado Democrático.

Para que a tese apresentada pelo Presidente de que o Brasil vive, de fato, em um Estado de Direito seja digerida pelos telespectadores, ele lembrará a época em que os direitos individuais não eram respeitados e a tortura era utilizada como instrumento de conseguir confissões rápidas. L158 a L162A1TE.

“... este Brasil... graças a Deus (+) o método rápido... das pessoas contarem as coisas acabou... graças a Deus... porque no tempo que tinha o chamado método rápido... sabe... em que as pessoas iam para o pau de arara e confessavam logo acabou... porque nós conquistamos isso...”.

Neste fragmento, percebe-se que a argumentação é dialógica, intertextual, haja vista Lula apresentar dois momentos distintos para a sociedade: o primeiro é *“... tempo que tinha chamado método rápido...”*. Esse período da vida brasileira é condenado pelo Presidente; o segundo momento é o atual, que contrasta com o momento anterior: *“... nós conquistamos...”*. Esse **“nós”** engloba não apenas Lula e seu governo, mas aqueles que lutaram contra o arbítrio, que não admitem retrocesso político.

Logo, seriam impossíveis, em um sistema republicano e democrático, confissões rápidas, a não ser que se deseje a volta daquele regime de exceção cujas liberdades e direitos individuais eram tolhidos por aqueles que usurparam o poder.

L209 a L215A2TE.

“... olha... veja... eu acho que o Brasil é um país que vive um momento histórico de conflitos e mais conflitos... uma coisa que eu acho extremamente importante é que temos duas novidades no país... sabe? primeiro temos instituições sólidas...que funcionam bem... dá garantia de um país republicano como o Brasil e...segundo nós temos um povo mais fiscalizador...”.

O Presidente Luís Inácio Lula da Silva apresenta duas novidades:

- Instituições sólidas;
- Uma sociedade mais vigilante.

Esses dois ingredientes são enunciados como “novidades”. Ora, se é algo novo, pressupõe-se que nos governos anteriores não havia a soma de um país republicano e uma sociedade vigilante e fiscalizadora. Há uma comparação implícita, entre o governo atual e as oposições que almejavam retornar ao poder.

L236 a L252A2TE. O Presidente retoma a questão acerca da necessidade de termos instituições sólidas e independentes. Lembra que deu ampla liberdade à Polícia Federal e ao Ministério Público. Há nesses enunciados asserções que só podem ser completamente entendidas se houver, por parte do telespectador, conhecimento sobre o período que antecedeu a assunção de Lula à Presidência da República.

As ações da Polícia Federal e do Ministério Público, no Governo Fernando Henrique Cardoso, eram pífias se comparadas ao primeiro mandato de Lula. O candidato à reeleição afirma que não conhecia as pessoas que foram indicadas por ele para a Procuradoria Geral da República, o que se pode inferir que não houve interferência do Planalto na Procuradoria.

O termo jocoso “*arquivador geral da República*”, era usado para satirizar o Procurador Geraldo Brindeiro à época de FHC. O Procurador da República tinha a fama de engavetar processos que não eram de interesse dos tucanos. Há comparações implícitas, que só são compreendidas quando os coenunciadores partilham de conhecimentos semelhantes, no caso, militantes políticos e formadores de opinião.

L 251 a 252A2TE. “... *mas eu sou republicano... as coisas vão acontecer tal como devem acontecer...*”. Lula reafirma sua vocação republicana. Assim, ele projeta para os telespectadores uma imagem de homem sério, defensor da Constituição. Essas imagens projetadas para os telespectadores, além de construir de forma negativa o discurso da grande mídia e setores das oposições, haja vista esses setores desejarem uma apuração rápida no caso do mensalão e dossiê, criam uma imagem valorizante do Presidente, que se posiciona na cena política como um estadista.

8.9 Impostos no Brasil

Existe um discurso veiculado por setores das oposições que foi reproduzido pela grande mídia acerca do aumento de impostos no governo petista e das implicações, do ponto de vista do desenvolvimento, pois uma alta carga tributária inibe investimentos internos e externos. Os altos impostos seriam um entrave para o desenvolvimento do Brasil, e esse entrave estaria presente nas engrenagens da administração petista.

O Presidente irá desenvolver uma argumentação a respeito da temática, cuja tese principal seria a de que não houve aumento de impostos no governo dele, porém aumento de arrecadação, e isso se devia à eficiência da fiscalização dos órgãos públicos federais, como Receita Federal e Polícia Federal.

L165 a 185 A2TD.

“... nós estamos dando uma demonstração de seriedade que é manter um superávit de 4,25%...é importante lembrar que fomos nós que aumentamos o superávit de 3,75 para 4,25%...L.A:a custa de impostos...presidente... L:a custos de impostos não...meu filho...L.A:...o senhor não vende a geladeira...o senhor aumenta impostos... L:...meu filho...pelo amor de Deus...não seja ingrato...você é um beneficiado da minha redução de impostos...você teve dois reajustes na alíquota do imposto de renda...nós...na verdade...não aumentamos...os únicos dois impostos que aumentamos no Brasil no meu governos foi o PIS e o Cofins a pedido da empresa nacional...para tornar o preço mais equilibrado entre produto importado e o produto aqui...aumentou? aumentou...se você quiser considerar o aumento da arrecadação como aumento da carga tributária...que eu não concordo...ou seja...aumentou a receita...aumentou a arrecadação porque as empresas tiveram mais lucro...você não pode se esquecer de que é a primeira vez depois de 23 anos que as empresas têm mais lucros do que banco no Brasil”.

A grande discussão era se o governo aumentou imposto no Brasil. Os argumentos utilizados por Lula, a fim de se contrapor ao discurso das oposições e repetido, sistematicamente por setores midiáticos, poderiam ser topicalizados conforme elencados abaixo:

- A classe média, representada pelo jornalista que questiona o Presidente, foi beneficiada com redução de impostos;
- Os únicos impostos que aumentaram no Brasil foram o PIS e Cofins, por solicitação da indústria nacional, a fim de tornar-se mais competitiva;
- Aumento de arrecadação não se deu em função do aumento de impostos, mas da eficiência da Receita Federal, que, a partir de uma fiscalização mais eficiente, arrecadou mais imposto;
- O aumento da arrecadação se deve ao fato de que as empresas, depois de 23 anos, tiveram mais lucros que os bancos brasileiros.

Lula antes de enumerar, de forma didática, argumentos que negam a existência de aumento de impostos em seu governo, exceção PIS e Cofins, mas eficiência nos controles e, conseqüentemente maior capacidade na arrecadação de impostos, com certa ironia dirigiu-se ao jornalista: *“... meu filho... pelo amor de Deus não seja ingrato...”*. Esse enunciado não é direcionado apenas a um único indivíduo, mas a todos os que “confundiram” **aumento de arrecadação** com **aumento de impostos**, há um discurso

direcionado para todos aqueles que tiveram reajuste na alíquota do imposto de renda, ou seja, a classe média.

Há uma informação significativa neste fragmento, quando Lula afirma que após 23 anos, a indústria – grande geradora de empregos diretos e indiretos – obteve mais lucro que os bancos, isso implica afirmar que a indústria cresceu significativamente no período Lula o que não se verificou nos governos que o antecederam e naquele momento desejavam retornar ao Palácio do Planalto.

L195 a L206A2TD. O Presidente lembra que 23 bilhões de reais deixaram de ser recolhido pela Receita Federal, em função de uma política de desoneração, de renúncia fiscal por parte do Governo Federal.

A estratégia argumentativa, a fim de comprovar a tese de que no Governo Lula não houve aumento de imposto, foi o uso de comparações indiretas, implícitas ao governo FHC, umbilicalmente relacionado a Geraldo Alckmin. Desta forma, é construída a imagem de um Presidente que conseguiu, em quatro anos, fazer com que a indústria brasileira crescesse mais que os bancos, que por sua vez, tiveram lucros extraordinários. As duas décadas perdidas, por governos que antecederam Lula, será a imagem que o candidato à reeleição deseja projetar nos seus opositores.

8.10 Bolsa família

O Presidente Lula irá incluir o Programa bolsa família como ação do Governo Federal, a fim de transferir renda para as famílias de baixa renda. Esse programa é considerado o mais importante instrumento de combate à miséria do mundo com condicionalidade. Entretanto, para que as famílias participem do Programa, faz-se necessário que algumas condições sejam, plenamente satisfeitas, como: ter os filhos matriculados em escola regular e vacinados contra doenças como paralisia infantil, difteria, tétano, coqueluche, por exemplo.

Com a implantação do Programa bolsa família, a miséria no Brasil foi reduzida em 27,7%, no período de 2002 a 2006. No ano de 2006, mais de 11 milhões de famílias foram beneficiados por esse programa, o que corresponde a 45 milhões de pessoas.

L47 a L51 A1TD.

“... nós temos geração de empregos e tem bolsa família que é o Maior programa de transferência de renda com condicionalidade do Mundo... ou seja... atendendo já este mês (novembro de 2005) oito milhões de famílias em todos os municípios brasileiros...”

Percebe-se, portanto, que esse Programa de inclusão social está atrelado ao crescimento econômico. Quando a primeira entrevista coletiva foi veiculada, mais de 32 milhões de pessoas tinham sido beneficiadas pelo bolsa família. Pessoas que saíram da pobreza absoluta e passaram a fazer as três refeições diárias, transitando de uma indignidade humilhante para adquirir o *status* de consumidor. Essa imensa quantidade de pessoas tornou-se não apenas consumidores, mas também cidadãos que, ao consumirem, aquecem a indústria, a agricultura e o terceiro setor. É interessante observar que os partidos de oposição e setores da mídia burguesa consideraram o bolsa família apenas como um Programa assistencialista, esquecendo-se que um enorme contingente de pessoas saíram da miséria absoluta e passaram a consumir. Lula vai lembrar que o Programa bolsa família é o maior instrumento de transferência de renda com condicionalidade do mundo. Esse Programa tem sido modelo para vários países, sendo recomendado pela Organização das Nações Unidas. Segundo estudos, além de reduzir a pobreza, esse Programa de transferência de renda conseguiu reduzir, significativamente o trabalho infantil.⁸

Na segunda entrevista coletiva, o Programa bolsa família será retomado, dessa vez em função de a equipe de campanha do candidato Lula insinuar que, caso Geraldo Alckmin vencesse as eleições, o Programa seria extinto. L13A2TD. “... *falava-se que ele – Alckmin – poderá acabar com o bolsa família*”.

O que se pode verificar é que a candidatura do Presidente Lula foi beneficiada pelo discurso da continuidade do bolsa família, pois mais de trinta milhões de pessoas (em 2005) teriam saído da pobreza absoluta e obtido o *status* de consumidores. Percebe-se, portanto, que, em função de uma prática discursiva, milhões de brasileiros ascenderam socialmente, e, em sua grande maioria, preferiram depositar seus votos no candidato que assumiu, explicitamente, a continuidade desse programa social.

8.11 Economia

Lula irá apresentar números, no intuito de demonstrar que a economia brasileira encontra-se estabilizada e em forte crescimento. O discurso do Presidente será comparativo, pois há uma clara intenção em demonstrar que, enquanto nos governos que o antecederam a economia encontrava-se estagnada, a partir de 2002 houve um

⁸ <http://www2.camara.gov.br/homeagencia/materias.html?pk=82166>

significativo crescimento econômico, permitindo que milhões de brasileiros migrassem para a classe média e saíssem da pobreza absoluta.

L11 a L31A1TD.

*“... nós sempre tivemos a experiência da mágica... era raro um ministro da economia que não resolvesse inventar uma (+) moda e aí cê vê Plano Verão... Plano Bresser...Plano Collor e vai...e vai inventando... e poucos meses depois isso não dá certo e a sociedade vai ficando com prejuízo atrás de prejuízo...prejuízo atrás de prejuízo...ora...o que é que nós estamos fazendo...primeiro...estamos dizendo à sociedade brasileira que não tem mágica na política econômica (+) tem seriedade e tem regra do jogo muito claras...e nós estamos conseguindo neste instante o quê...**uma combinação de fatores positivos que há muitos anos não existia na economia brasileira**...cê sabe que o Brasil sempre quando decidiu exportar (incompreensível) o mercado interno ou quando decidiu crescer a inflação ultrapassava os dois dígitos...o que é que está acontecendo neste momento na economia brasileira? nós estamos com a economia brasileira crescendo...nós estamos com as exportações crescendo...estamos com superávit de conta crescendo... estamos com superávit da balança comercial batendo recorde atrás de recorde...estamos com aumento da massa salarial...”*

O Presidente elenca fatores que permitem que os telespectadores compreendam, didaticamente como se encontra a economia brasileira, além disso, a construção de certos enunciados *“nós estamos com a economia brasileira crescendo...”* municia os militantes e simpatizantes do Partido dos Trabalhadores com informações que foram massificadas no guia eleitoral, no site do PT, nos debates televisivos e no convencimento boca a boca:

- estamos com a economia crescendo;
- estamos com as exportações crescendo;
- estamos com superávit de conta crescendo;
- estamos com superávit da balança comercial batendo recorde atrás de recorde;
- estamos com aumento da massa salarial.

O Presidente utiliza o recurso do paralelismo, a fim de descrever a atual situação econômica brasileira. *“O paralelismo é um recurso muito ligado à coordenação de segmentos que apresentam valores sintáticos idênticos...”*. (Antunes 2005:63-64). O pronome **NÓS**, usado explicitamente ou subentendido na desinência verbal, permite que o telespectador se insira neste crescimento, além de Lula projetar um **ethos de humildade, de virtude, de competência**.

Lula irá diferenciar seu governo dos que o antecederam quando o assunto é economia. Não há *“mágica”*, ou seja, não há ilusão: há fatos concretos que permitem avaliar que o crescimento do Brasil é consistente. Ele irá rememorar os vários planos econômicos por que passou o Brasil: Plano Verão, Plano Bresser e Plano Collor.

Evidentemente que os telespectadores/eleitores que sofreram perdas com tais planos irão se identificar com o discurso do Presidente.

O substantivo “*mágica*” estará em oposição à “*seriedade*”. Há, portanto, comparações implícitas com os governos anteriores. “... *nós estamos dizendo à sociedade brasileira que não tem **mágica** na política econômica tem seriedade e regra do jogo muito claras...*”. Lula irá repetir esse mesmo discurso na segunda entrevista coletiva. L71 a L72A2TD. “... *não existe milagre... não existe **mágica**... existe crescimento econômico...*”. A insistência por este vocábulo não é aleatória, há uma clara intenção em comparar o passado com o presente, no que se refere à economia. No passado a *mágica*, a ilusão e depois as perdas econômicas; no presente, existe crescimento econômico em função das políticas adotadas pelo governo petista. Na linha 154, a palavra *mágica* reaparece no discurso de Lula: “... *não tem **mágica**... não tem milagre...*”.

L74 a L81A1TD.

“... *porque quando falamos de economia... nós não podemos ter memória curta... e vocês são homens que formam a opinião pública... têm que lembrar o seguinte... **nós tivemos vinte e dois anos de estagnação ou de crescimento muito medíocre**... vinte e dois anos... ou seja... uma geração de brasileiros desde mil novecentos e oitenta e dois foi formada com crescimento tá... ou zero ou crescimento muito baixo... nós **nestes três anos estamos crescendo aquilo que o Brasil não cresceu nos últimos vinte anos**... precisamos crescer mais... lógico que precisamos e vamos trabalhar para crescer mais... por isso que **estamos trabalhando para abrir o mercado**... por isso que **nós aprovamos a Medida Provisória do bem**... por isso que **fizemos reforma tributária**... por que nós queremos crescer mais e vamos crescer...*”.

O Presidente irá relembrar que o Brasil passou 22 anos com crescimento zero ou muito medíocre. Encontram-se, nesses enunciados, mais comparações aos governos anteriores como estratégia argumentativa. Se em três anos o Brasil cresceu muito mais que nos últimos 22 anos é sinal de que a política econômica adotada pelo Governo Lula tem obtido êxito. O Presidente irá utilizar outra vez o paralelismo como estratégia argumentativa:

- por isso é que nós aprovamos renovação tecnológica;
- por isso que fizemos reforma tributária;
- por isso que estamos trabalhando para abrir o mercado;
- por isso que nós aprovamos a Medida Provisória do Bem.

Além de demonstrar que os governos anteriores foram incompetentes, quando se trata de crescimento econômico, Lula projeta um futuro mais abastado para a população brasileira: “... *porque nós queremos crescer mais e vamos crescer...*”.

L160 a L161A2TD. “... nós temos grandes projetos em andamento que podem garantir o desenvolvimento deste país...”.

8.12 Empregos

A criação de empregos será uma preocupação no discurso do Presidente Lula. L30 a L39A1TD.

“... e estamos com aumento de emprego... é importante lembrar (+) que se você fizer um estudo do da diferença que os trabalhadores demitidos e admitidos...ou seja...que é o (incompreensível)... todo trabalhador que são contratados é comunicado ao Ministério do Trabalho e todos os que são mandado embora é comunicado ao Ministério do Trabalho...a diferença positiva em oito anos do governo passado foi de oito mil mensais...a nossa média em trinta e quatro meses são de cento e sete mil empregos mensais...ou seja...mais de doze vezes mais de geração de trabalho...”.

Não se pode negar a imensa distância quando se compara os oito anos do Governo Fernando Henrique Cardoso com os trinta e quatro meses do Governo Lula, quando se discute a criação de empregos. Se a média do Governo FHC, na geração de empregos, era de apenas oito mil mensais, no Governo Lula a criação de empregos era trinta e quatro vezes superior ao governo passado. A comparação negativa não atinge apenas o Governo do Presidente FHC, mas a visão de mundo que o PSDB e, conseqüentemente, de qualquer político daquele partido que postulasse à Presidência da República. Lula projeta para si um **ethos de competência**, ao mesmo tempo em que constrói a imagem dos partidos que o combateram a partir de 2002.

L53 a L87A1TD.

“... A: o senhor prometeu onze milhões de empregos... o senhor vai alcançar este número? L: primeiro eu não prometi e você já está aumentando um ((risos))... A: dez... dez... fiquemos em dez... L: o que está escrito é que nós constatávamos que o Brasil precisava criar dez milhões de postos de trabalho... nós já criamos agora em trinta e quatro meses três milhões quinhentos e setenta e seis mil novos empregos com carteira assinada... se você imaginar o que tá surtindo de emprego neste país com crédito consignado... se você imaginar o que está surgindo de emprego neste país com dinheiro que estamos colocando na agricultura familiar brasileira... saindo de quatro bilhões para nove bilhões de reais no Plano Safra 2005/2006... se você imaginar o que significa de geração de empregos a aprovação do estatuto do idoso que colocou mais três milhões no mercado...se você imaginar o que gera emprego o microcrédito e as cooperativas que instituímos neste país...quando eu chegar no final do mandato...e eu digo sempre...eu quero ser julgado no final do meu mandato...”.

Nas trocas de turno, Lula chega a ser irônico, quando o jornalista afirma que o Presidente prometera 11 milhões de empregos. O argumento do Presidente é que não houve uma promessa, mas uma constatação de que havia a necessidade de serem criados 10 milhões de postos de trabalho e que esta asserção encontrava-se no Programa

de Governo. Há outros paralelismos que conclamam os telespectadores a imaginarem como ocorre aumento de empregos no governo Lula.

- “Se você imaginar o que tá surtindo de emprego neste país com crédito consignado”;
- “Se você imaginar o que está surtindo de emprego neste país com dinheiro que estamos colocando na agricultura familiar”;
- “Se você imaginar o que significa de geração de empregos a aprovação do Estatuto do Idoso que colocou três milhões no mercado”;
- “Se você imaginar o que gera emprego o microcrédito e as cooperativas que instituímos neste país”.

Lula ao utilizar esse recurso lingüístico – paralelismo – “força” o telespectador/eleitor a imaginar a quantidade de empregos gerados em função da política econômica adotada no Governo petista.

8.13. A construção da identidade de Lula a partir de narrativas autobiográficas ou interações com jornalistas

A própria interação entre Lula e os jornalistas é propícia para a criação de uma imagem positiva do presidente/candidato à reeleição. Essas interações serão transcritas nesta temática. O Presidente narrará fatos do cotidiano da vida dele, no sentido de rememorar uma trajetória de lutas e as mudanças por que passou ao longo de sua história pública.

No discurso do Presidente, na primeira entrevista coletiva, percebe-se uma preocupação de que haja um julgamento precipitado da população em relação ao governo dele, isso em função da crise política desencadeada com o escândalo do mensalão. L72 a L73A1TD. “... e eu digo **sempre**... eu quero ser julgado no final do meu mandato...”. O advérbio “**sempre**”, no discurso de Lula, indica que esse enunciado foi produzido e reproduzido em muitos eventos em que ele participou.

Percebe-se, também, que a construção da imagem que ele tenta projetar para os telespectadores/eleitores é a de um ser humano, um cidadão simples, comum. Para isso, ele narrará eventos de sua vida, dentro dos temas: desenvolvimentismo e ética.

L30 a L41A1TE.

“... presidente... uma dívida que o Brasil tem **há mais de seis meses** é a seguinte... foi verdadeiro o relato feito pelo deputado Roberto Jefferson sobre um encontro que ele teve com o senhor em janeiro deste ano que teria sido testemunhado pelos ministros... então ministros José Dirceu e Aldo Rebelo e o atual ministro (incompreensível) ele diz especificamente que **ele** contou ao senhor o que se passava sobre as irregularidades no congresso e (+) que ele

contou ao senhor o que se passava sobre as irregularidades no Congresso e que o senhor teria ficado muito emocionado...que o senhor teria até chorado...que o senhor abraçou agradecendo...”

O discurso do jornalista, ao narrar alguns fatos relativos ao escândalo do mensalão, é extremamente positivo na criação de um **ethos de humanidade**. Esse discurso poderia ser topicalizado da seguinte maneira:

- A crise política já durava seis meses;
- Roberto Jefferson informou ao Presidente Lula acerca do mensalão;
- Lula teria ficado emocionado;
- Lula teria abraçado Roberto Jefferson agradecendo as informações dadas.

O Presidente negará que chorou, entretanto não negou que ficou indignado. A própria construção da pergunta do jornalista contribui para corroborar a tese de que ele não tinha conhecimento de “irregularidades” no Congresso.

L26 a L33A2TD.

“... eu... quando era líder sindical... eu ia para porta de fábricas e eu culpava os presidentes da República por não prenderem as pessoas... eu lembro quando a Jorgina levou o dinheiro da Previdência Social... quantos discursos eu fiz... é porque o governo deveria prender... ora... era pura ignorância minha porque não é o governo que prende...”

Nesta interação, o Presidente da República lembra uma fase de sua vida, quando ele era dirigente sindical. Lula coloca-se no lugar de uma significativa parcela da população, que acredita que todas as mazelas sociais são causadas pelo presidente (em exercício), a ignorância que ele confessa ter tido nos anos do ABC paulista projeta um **ethos de humildade**.

L88 a L93A2TE.

“... eu conheço o senhor há tantos anos e o senhor sempre foi uma pessoa muito direta e muito franca no relacionamento com as pessoas que estão a sua volta... não seria lícito aguardar que o senhor reunisse essas pessoas numa sala... e falasse... olha aqui seus... desculpe... usando os termos que o senhor já usou... seus imbecis... seus aloprados... vocês criaram essa confusão toda...”

Podem-se extrair vários enunciados desse fragmento da segunda entrevista coletiva, quando se discutia a apuração do escândalo da tentativa da compra de um dossiê antiPSDB.

- Lula é conhecido há muitos anos pelo jornalista;
- O jornalista considera o Presidente uma pessoa direta e franca;
- O jornalista repete os termos usados por Lula: imbecis e aloprados.

Mais uma vez é construída a humanidade de um presidente que, ao se indignar, é capaz de xingar e não negar o xingamento. Essa seria uma característica de uma pessoa franca e direta no trato com as pessoas.

L264 a L270A2TE.

“... Alexandre... você me conhece há muito tempo e você sabe que a minha relação política com as pessoas... com qualquer que seja a pessoa... de qualquer partido político... sempre foi uma relação de muita democracia... sabe de muita diplomacia... nunca... nunca... destratei um político na minha relação pessoal... aliás... eu não confundo as minhas divergências pessoais com qualquer um de vocês com a minha relação humana com vocês...”

Neste discurso, Lula constrói uma imagem de estadista para si. Esse fragmento encontra-se no contexto em que ele critica a postura do candidato do PSDB, Geraldo Alckmin, no debate da BAND, quando o ex-governador de São Paulo usou um discurso ríspido em relação a ele e ao governo petista. Assim, dentro do contexto, o telespectador percebe que há uma comparação entre um comportamento ensandecido e um comportamento de respeito e diplomacia.

9. ALGUMAS CONCLUSÕES

O discurso do Presidente Lula na primeira entrevista coletiva foi fundamental para o desenvolvimento de teses utilizadas durante a crise do mensalão e na campanha eleitoral de 2006. A defesa da ética, a crítica àqueles que se desviaram desse compromisso com a sociedade, a ênfase dada ao crescimento econômico foram explorados por Lula. Em vários enunciados, o Presidente comparou seu governo ao governo que o antecedeu o que foi verificado no *corpus* analisado.

Quando o Presidente toca nas questões éticas, várias estratégias argumentativas foram verificadas nas duas entrevistas coletivas: a desqualificação do adversário, o argumento do não-saber o que implica não compactuar, o recurso de trazer à memória dos telespectadores fatos históricos em que inocentes foram condenados.

Em relação ao desenvolvimento, percebe-se, claramente que a comparação como argumento foi utilizado sem parcimônia pelo Presidente Lula. Em alguns enunciados esse recurso chega à década de 1980, quando ele afirma que o crescimento econômico nunca tinha sido tão robusto como em seu governo.

Há uma forte preocupação, nas duas entrevistas coletivas, de o Presidente demonstrar que o Brasil vive em um estado de direito. Essa preocupação foi usada como estratégia argumentativa. Tanto no escândalo do mensalão como na fracassada operação que visava à compra de um dossiê. Lula argumentava que em um país republicano as regras devem ser seguidas, trilhando todos os trâmites jurídicos, a fim de que inocentes não sejam condenados, inviabilizando o discurso das oposições e setores midiáticos, que desejavam uma apuração dos fatos analisados no *corpus* desta pesquisa de maneira, no mínimo, assoberbada.

Em relação ao bolsa família, o Presidente não foi feliz no respeito à Lei da exaustividade, pois não se aprofundou nesta temática, nestes dois programas. As únicas informações dadas foram a de que o **Bolsa Família** é o maior Programa de transferência de renda do mundo com condicionalidade e uma insinuação de que seu principal adversário poderia extinguir o Programa social. Evidentemente que em outros gêneros, esse tema foi esmiuçado, como no guia eleitoral, entrevistas em outras emissoras, debate político.

O Presidente Lula foi, paulatinamente construindo a identidade dele nos dois programas de entrevistas coletiva. Isso foi observado no capítulo seis, quando analisamos o papel da cenografia, do *locus* da enunciação, dos símbolos ideológicos que foram sutilmente espalhados no cenário onde o Presidente Lula foi entrevistado, como livros, bandeiras, fotografia, cadeiras.

O discurso de Lula, aliado a uma ampla coalizão de partidos políticos de diferentes visões de mundo, foi fundamental na construção de uma identidade completamente distinta daquela que era tecida, para ele, pelas oposições e pela grande mídia. A sociedade votou pela continuidade do governo petista. Houve a percepção de uma expressiva parcela da sociedade brasileira de que o que eles estavam vivendo era completamente distinto do que apregoava as oposições e era amplificado pelos meios de comunicação.

O discurso antilula serviu para descredenciar os próprios opositores do Presidente. Havia um claro sentimento da população brasileira pela continuidade das obras e programas sociais. As oposições, juntamente com a grande mídia, não tinham percebido a forte empatia entre Lula e a sociedade brasileira.

Como se observou, os seis primeiros capítulos serviram para contextualizar todo processo eleitoral de 2006, que se inicia com a crise do mensalão e se finda com o resultado das eleições, quando o Presidente Lula foi reeleito com 60.8% dos votos. Além disso, nesses capítulos, encontra-se o referencial teórico, utilizado na análise do *corpus*. Não se pode ter a ingenuidade de afirmar que apenas o discurso de Lula foi o responsável pela reeleição do Presidente. Há outras variáveis, entretanto o valor de um discurso político que envolvia a ética e o desenvolvimento foi fundamental para mobilizar os setores pró-Lula.

Um desses setores, como **comunidades virtuais** pró-Lula, utilizaram muito dos enunciados do Presidente nas duas entrevistas coletivas analisadas, no sentido de convencer o outro. Tais comunidades tiveram papel importante, a fim de esclarecer à sociedade brasileira sobre temas relevantes do embate eleitoral. Estudar as **comunidades virtuais** que apóiam ou se opõem ao Presidente Lula teria um viés interessante na análise de construção de imagens. Essa seria uma outra porta para se analisar o discurso político em um meio completamente novo e pronunciado não por um ser individual, mas coletivo.

Uma outra porta que propomos abrir seria a pesquisa acerca da propagação de blogs políticos, que em todo processo eleitoral escreveram o que a grande mídia

resolveu não pôr na pauta, silenciando-se, emudecendo-se, quando necessário. Vários blogueiros denunciaram a má vontade que setores da mídia burguesa nutrem pelo Presidente Lula. Analisar o discurso dos blogueiros que se dispõem em escrever o que a grande mídia esconde é uma outra maneira de se estudar o discurso político e midiático.

Espera-se, com essa pesquisa, compreender como a linguagem pode ser utilizada para re(construir) imagens que foram construídas por outras pessoas, sejam por indivíduos, sejam representadas pela grande imprensa ou partidos políticos.

Em outubro de 2008, o Presidente Lula recebeu da sociedade brasileira a confiança de cerca de 80% dos brasileiros, que consideraram o desempenho do filho de Caetés ótimo ou bom. Esse fantástico desempenho pessoal de Lula criou situações interessantes nas eleições municipais. Não houve ataques ao Presidente por parte da oposição. Alguns políticos opositoristas utilizaram indevidamente a imagem do Presidente, insinuando existir uma relação amistosa entre os dois. O candidato à prefeitura de São Paulo, Geraldo Alckmin, por exemplo, chegou a afirmar que: “Lula tudo bem, o problema é o PT”. As oposições temeram um confronto com o Presidente em função da popularidade dele.

Mesmo o PT perdendo a prefeitura de São Paulo, não se pode negar o crescimento do partido do Presidente e dos partidos da base governista. Em contrapartida, os partidos de oposição tiveram uma significativa redução de prefeitos. Analisando apenas o primeiro turno, em 2004 o PSDB tinha 861 prefeituras, em 2008 ficou com 785. O DEM foi o partido que mais encolheu, em 2004, 794 prefeituras eram governadas pelos democratas, em 2008 esse número cai para 497 prefeituras. O Partido dos Trabalhadores, por outro lado, em 2004 governava 399 prefeituras, nas últimas eleições esse número subiu para 547 prefeituras. O discurso do desenvolvimentismo e da ética na política ainda ecoa, ainda consegue dialogar com o presente.

Em dezembro de 2008, uma nova pesquisa é realizada. A popularidade do Presidente Lula torna-se a maior da história, superando José Sarney no auge do Plano Cruzado. Os principais postulantes à presidência da República em 2010, José Serra e Aécio Neves, ambos do PSDB, minimizaram consideravelmente as críticas a Lula. O governador de Minas Gerais afirmou que os debates se darão a partir de uma linha programática que teria o cerne no “pós-lulismo” e não o do “antilulismo”. Percebe-se, portanto que o discurso de Lula se sobrepôs ao discurso das oposições, que ao invés de criticá-lo duramente, como era feito no primeiro mandato, esperam as próximas eleições, sem ataques ao Presidente, pregando a continuidade e choque de gestão.

10. BIBLIOGRAFIA

- ABRAMO, Perseu. 2002. *Padrões de manipulação na grande imprensa*. São Paulo: Fundação Editora Perseu Abramo.
- ANTUNES, Irandé. 2005. *Lutar com palavras. Coesão e coerência*. São Paulo: Parábola.
- ARAÚJO, Inês Lacerda. 2004. *Do signo ao discurso: introdução da filosofia da linguagem*. São Paulo: Parábola.
- ARMENGAUD, Françoise. 2006. *A pragmática*. São Paulo: Parábola.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 2004. São Paulo: Editora Hucitec.
- BRAIT, Beth. 2001. *Estudos enunciativos no Brasil. Histórias e perspectivas..* Campinas SP: Pontes.
- CHAUÍ, Marilena. 2004. *O que é ideologia*. São Paulo: Editora brasiliense.
- CHARAUDEAU, Patrick. 2006. *Discurso político*. São Paulo: Contexto.
- CHARAUDEAU, Patrick. 2006. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto.
- DOOLEY, Robert A.; LEVINSOHN, Stephen H. 2004. *Análise do Discurso. Conceitos Básicos em Lingüística*. Petrópolis; RJ: Vozes.
- FAIRCLOUGH, Norman. 2001. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora UNB.
- FIORIN, José Luiz. 2005. *Elementos de Análise do discurso*. São Paulo: Contexto.
- FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. 2005. *Introdução à lingüística da enunciação*. São Paulo: Contexto.
- FOUCAULT, Michel. 2002. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal.
- FREIRE, Paulo. 2005. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra.

KOCH, Ingedore Vilaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. 2004. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto.

KOCH, Ingedore Vilaça. 2003. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez.

LIMA, Venício Artur de. 2007. *A mídia nas eleições de 2006*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.

MAINGUENEAU, Dominique. 2005. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez.

MAINGUENEAU, Dominique. 1989. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes.

MAINGUENEAU, Dominique. 2005. *Gêneses dos discursos*. Curitiba: Criar.

MARCUSCHI, L.A. 2001. *Da fala para a escrita*. São Paulo: Cortez.

MARCUSCHI, L.A. 1999. *Análise da Conversação*. São Paulo: Ática.

MATOS, Francisco Gomes de. 2002. *Comunicar para o bem. Rumo à paz comunicativa*. São Paulo: Ave-Maria.

ORECCHIONI, Catherine Kerbrat. 2005. *Os atos de linguagem no discurso*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense.

ORLANDI, Eni P. 2005. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes.

POSSENTI, Sírio. 2001. *Discurso, estilo e subjetividade*. São Paulo: Martins Fontes.

PRETI, Dino. 2004. *Estudos da língua oral e escrita*. Rio de Janeiro: Lucerna.

PROGRAMA RODA VIVA. 2005. *Luís Inácio Lula da Silva*. Brasília: Fundação Padre Anchieta. (120 min).

PROGRAMA RODA VIVA. 2006. *Luís Inácio Lula da Silva*. Brasília: Fundação Padre Anchieta. (85 min).

RIBEIRO, Emília Pedro (org.). 1998. *Análise crítica do discurso*. Lisboa: Caminho.

SOUZA, Geraldo Tada. 2002. *Introdução à teoria do enunciado concreto do círculo de Bakhtin/Volochinou/Medvedev*. São Paulo: Humanitas.

THOMPSON, John B. 2002. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Editora Vozes.

ANEXO I

I - PRIMEIRA ENTREVISTA COLETIVA

1. DESENVOLVIMENTISMO

1- P: a pergunta é de Luciana de São Paulo... ela tem vinte e oito anos e diz o seguinte... para que a **economia cresça** será necessário que a partir de dezembro e durante todo ano de dois mil e seis o juros caiam... o senhor acredita que isto vai acontecer e que a **inflação** será 5- idêntica a de dois mil e cinco... dois mil e seis?

L: **primeiro o juros já está caindo... pouco, mas já caiu...**

P: bem pouco...

L: mas vai cair... veja porque (+) sabe o que acontece na **área econômica** e é importante... e é importante que essa senhora da Bahia 10- ((Lula confunde o estado da Bahia com o de São Paulo... de onde veio a pergunta)) fazer a pergunta... porque... no Brasil... nós sempre tivemos a experiência da **mágica**... era raro um **ministro da economia** que não resolvesse inventar uma (+) moda e aí cê vê Plano Verão... Plano Bresser... Plano Collor e vai... e vai 15- inventando... e poucos meses depois isso não dá certo e a sociedade vai ficando com prejuízo atrás de prejuízo... prejuízo atrás de prejuízo... ora... o que é que nós estamos fazendo... primeiro... estamos dizendo à sociedade brasileira que não tem **mágica** na **política econômica** (+) tem seriedade e tem regra do jogo muito 20-claras... e nós estamos conseguindo neste instante o quê... uma combinação de fatores positivos que há muitos anos não existia na **economia brasileira**... cê sabe que o Brasil sempre quando decidiu exportar (incompreensível) o mercado interno ou quando decidia **crescer a inflação** ultrapassava os dois dígitos... o que é que está 25-acontecendo neste momento na **economia brasileira**? nós estamos com a **economia crescendo**... nós estamos com as exportações **crescendo**... estamos com superávit de conta corrente **crescendo**... estamos com superávit da balança comercial batendo recorde atrás de recorde... estamos com **aumento da poupança** 30-interna... estamos com **aumento da massa salarial** e estamos com **aumento de emprego**... é importante lembrar (+) que se você fizer um estudo do da diferença que os trabalhadores demitidos e admitidos... ou seja... que é o (incompreensível)... todo trabalhador que são contratados é comunicado ao Ministério do Trabalho e todos 35-os que são mandado embora é comunicado ao Ministério do Trabalho... a diferença positiva em oito anos do governo passado foi de oito mil mensais... a nossa média em trinta e quatro meses são de cento e sete mil empregos mensais... ou seja... mais de doze vezes mais de geração de trabalho... além disso... o que é que tá 40-acontecendo... a **inflação** está... sabe... e vai ficar abaixo de cinco ou vai ficar cinco e nós temos a cesta básica sabe... **diminuindo**... ou seja... o poder de compra do trabalhador pode comprar mais cesta básica do que ele podia comprar anteriormente.

P: mas presidente... não há...

45- L: então o momento ((Lula faz sinal de que ainda não terminou o seu turno, o mediador faz um gesto de cabeça concordando com ele)) está no seguinte jogo... nós temos **estabilidade econômica**... nós

temos **geração de empregos** e tem **bolsa família** que é o MAior programa de transferência de renda com condicionalidade do **50-MUNdo...** ou seja... atendendo já este mês oito milhões de famílias em todos os municípios brasileiros. ((vários jornalistas falam ao mesmo tempo)).

A: o senhor prometeu onze milhões de empregos. O senhor vai conseguir alcançar este número?

55-L: primeiro eu não prometi e você já está aumentando um ((risos))...

A: dez... dez... fiquemos em dez.

L: o que é que está escrito no programa que você pode ter acesso a ele... o que tá escrito é que nós constatávamos que o Brasil precisava **60-criar dez milhões de postos de trabalho...** nós já criamos agora em **trinta e quatro meses** três milhões quinhentos e setenta e seis mil novos empregos com carteira assinada... se você imaginar o que tá surtindo de emprego neste país com crédito consignado... se você imaginar o que está surgindo de emprego neste país com dinheiro que **65-estamos colocando na agricultura familiar brasileira...** saindo de quatro bilhões para nove bilhões de reais no Plano Safra dois mil e cinco/dois mil e seis... se você imaginar o que significa de geração de empregos a aprovação do Estatuto do Idoso que colocou mais três milhões no mercado... se você imaginar o que gera emprego o **70-microcrédito** e as cooperativas que instituímos nesse país... quando chegar no final do mandato... e eu digo sempre... eu quero ser julgado no final de meu mandato ((vários jornalistas falam ao mesmo tempo))... eu não sei se vou chegar... mas nós vamos chegar ao MÁximo que foi criado nesses **vinte dois anos...** porque quando **75-falamos de economia...** nós não podemos ter memória curta... e vocês são homens- que formam a opinião pública... têm que lembrar o seguinte... nós tivemos **vinte e dois anos** de estagnação ou de **crecimento muito medíocre... vinte e dois anos...** ou seja, uma geração de brasileiros desde mil novecentos e oitenta a dois mil e **80-dois** foi formada com **crecimento** tá... ou zero ou **crecimento muito baixo...** nós nestes três anos estamos **crecendo** aquilo que o Brasil não **creceu** nos últimos vinte anos...precisamos **crecer** mais... lógico que precisamos e vamos trabalhar para **crecer** mais... por isso que nós estamos abrindo mais mercado... por isso que nós **85-aprovamos renovação tecnológica...** por isso que nós aprovamos a Medida Provisória do Bem... por isso que fizemos reforma tributária... porque nós queremos **crecer** mais e vamos **crecer...**

2. ÉTICA

1- P: presidente eu vou começar direto ao ponto (+) eh... desde que surgiu essa crise política... o senhor deu algumas declarações em cadeia nacional... em entrevistas eh... na abertura de eventos do próprio governo eh (+)... mas eu creio que falta perguntar pra **5-começar** a seguinte questão... o senhor de modo geral se declara eh (+) uma pessoa que **não teve conhecimento** dos fatos relatados pelo ex-deputado Roberto Jefferson e das principais denúncias que se apresentaram neste período... de outro lado... o senhor também tem dito... em algumas ocasiões... que muito disso é o que o senhor **10-classificou...** recentemente... ainda agora... em Mar del Plata...

como denunciismo vazio... a pergunta é... o senhor não tem nenhuma **responsabilidade** e é possível a sociedade brasileira entender isso... que o **Presidente da República** não tem nenhuma **responsabilidade** sobre esses fatos que escandaliza a nação?

15-L: não... primeiro o **Presidente da república** tem toda **responsabilidade**... ou seja... pelo bem ou pelo mal... não tem como o **Presidente da República** dizer que não tem **responsabilidade**... sabendo ou não o **Presidente da República** tem que ter **responsabilidade** e tem que mandar apurar... esse é o papel do **20-Presidente da República**... uma coisa que eu acho extremamente grave é que ninguém traz na testa escrito... sabe... eu vou praticar um ilícito... eu vou fazer eh (+) eu vou fazer corrupção... porque quando o deputado Roberto Jefferson faz a denúncia... ele foi cassado exatamente por que não provou as denúncias que ele fez no que diz **25-respeito**... por exemplo... aos **mensalões**... o que ele provou é que o PT teve uma prática de financiamento de campanha totalmente contra a história do próprio partido e isso está sendo apurado na CPI...

P: A ((o mediador transfere a palavra a outro jornalista))

30-A: presidente, uma dúvida que o Brasil tem há pelo menos seis meses é a seguinte... foi verdadeiro o relato feito pelo deputado Roberto Jefferson sobre um encontro que ele teve com o senhor em janeiro deste ano que teria sido testemunhado pelos ministros... então ministros José Dirceu e Aldo Rebelo e o atual ministro **35-(incompreensível)** ele diz especificamente que ele contou ao senhor o que se passava sobre as **irregularidades no Congresso** eh (+) que ele contou ao senhor o que se passava sobre as **irregularidades no Congresso** eh que o senhor teria ficado muito emocionado... que o senhor teria até chorado... que o senhor abraçou **40-agradecendo**... e essas informações que ele havia passado... isso aconteceu?

L: veja... aconteceu sem a presença do (incompreensível) aconteceu na presença do líder do PTB e do líder do governo atual... Arlindo Chinaglia... ora... **na medida em que há essa insinuação**... ou essa **45-afirmação** de um deputado... o que é que eu fiz... nós tínhamos o Aldo Rebelo como líder do governo no **Congresso**... nós tínhamos o Arlindo Chinaglia como líder do (+) como (+) como líder do PT... e eu pedi aos dois que explicasse se era verdade... eles categoricamente disseram que isso era uma **peça de ficção**... que não **50-existia mensalão** dentro do **Congresso-Nacional**... e pelo que consta **ATÉ** agora... **ATÉ** agora... não foi provado se tem **mensalão**... tem quinhentos e treze deputados... até agora o que foi cassado... foi cassado porque contou uma inverdade sobre o **Congresso-Nacional**...

55-A: agora o senhor chegou a che (+) chorar nesse encontro?

L: não... não cheguei a chorar... isso é até (+) até de conversa minha com o (incompreensível)... porque o (incompreensível) disse... presidente o senhor chora muito contido... porque eu não consegui perceber o senhor chorando... ora... eu não chorei... mas fiquei **60-indignado**... porque essa (+) história de **mensalão no Congresso Nacional** ela foi muito forte no Brasil na época da reeleição... vocês estão lembrados em mil novecentos e noventa e quatro... ((algum repórter corrige a data)) mil novecentos e noventa e seis e que não foi pra frente também e que não foi provado... houve denúncia sobre dois

65-deputados do PFL... (hoje DEM) que expulsou os dois... um deles... inclusive... o João Maia... que foi fundador do PT em mil 62-novecentos e oitenta era parceiro do Chico Mendes... era advogado ou assessor da (incompreensível)... mas não foi provado também. então não dá para que o **Presidente da República** fique 65-fazendo política com o disse-que-disse... ou seja... ou seja... o que é importante para mim e que me deixa MUITO... MUITO de cabeça erguida é o seguinte... nós estamos com três CPIs funcionando... não há nenhuma ingerência do governo para criar qualquer problema para a CPI... acho que o povo brasileiro deve aproveitar que estou na 70-**Presidência da República** e se alguém tiver denúncia tem que fazer a denúncia porque elas serão apuradas e eu acho que há um sonho que eu tenho que certamente vocês têm... que haverá um dia em que nós iremos conseguir passar o Brasil a limpo... quem sabe uma operações limpas como foi feita na Itália que certamente ainda 75-não acabou com a corrupção... mas que resolveu muitos dos problemas que tinha na Itália naquele momento...

H: presidente... você disse agora que o **Presidente da República** é o responsável... em tese pelo menos né... e (+) quando sabe de alguma coisa **manda** apurar... nesta segunda-feira... o PFL a pedido do 80-deputado Ronaldo Caiado tá pedindo a abertura de um **impeachment** contra o senhor... talvez até acusando-o de **responsabilidade**... eu gostaria de saber como o senhor vai se defender né... se realmente se concretizar o pedido de abertura por parte do PFL do **impeachment** contra o senhor?

85-L: ora... primeiro eu não sei se o PFL tem autoridade política para pedir **impeachment** de um **Presidente da República** ou tenha argumento para pedir o **impeachment** do **Presidente da República**... todos vocês são testemunhas que a declaração do Presidente do PFL foi uma declaração que deixou pelo menos a sociedade brasileira 90-democrática atônita porque... (+)

H: aquela raça...

L: ...porque ele disse que era preciso acabar com essa raça do PT...sabe pelo menos por trinta anos... segundo... nós temos visto comentários pela imprensa... temos lido artigos de jornais ah (+)... 95-pessoas de partidos de oposição dizendo que é preciso de qualquer jeito evitar que o presidente Lula seja candidato à reeleição no Brasil...tínhamos um mandato de cinco anos sem reeleição... em noventa e quatro... por que eu estava na frente nas pesquisas de opinião pública... o que é que eles fizeram? diminuíram o mandato... 100-o que aconteceu? o Fernando Henrique ganhou as eleições...o que aconteceu depois em noventa e seis? a tese da reeleição... agora que eu sou presidente e que ainda não decidi se vou ser candidato... portanto ninguém tem que ter medo se eu vou ser candidato ou não... porque eu não decidi... eu sempre vejo através... através da televisão e 105-do rádio gente insinuando que seria bom que eu não fosse candidato outra vez... eu não sei por que essa preocupação que eles têm com o instituto da reeleição no Brasil... seria melhor para o país e (+) e agora se eles entrarem com um pedido de **impeachment** vai ser analisado pelo presidente da câmara... eu acho hilariante o PFL 110-tentar pedir o **impeachment** do do do do do... ((o presidente gagueja)) presidente... eu acho realmente hilariante... não posso levar a sério sabe um pedido de **impeachment** ou... com base no quê? qual é a prova? qual é o delito? possivelmente pelas coisas boas que estamos fazendo.

115-H: presidente... quando essa pessoa diz que financiou a campanha do senhor... os partidos que financiaram a campanha do **116-senhor...** que esse dinheiro veio do caixa dois do PT... como explicar isso a população?

L: por que você acredita no que ele falou e não acredita no que eu tô te falando?

120-H: não... eu acredito no que o senhor está falando agora... claro...

L: então é isso... eu acho improvável... acho não... eu tenho certeza que é improvável que o PL tenha dado dinheiro para campanha presidencial...

P: presidente... entre os possíveis **traidores...** o senhor incluiria o ex-**125-ministro José Dirceu?**

L: olha... eu disse agora a pouco que não ia citar nomes... porque eu espero o resultado final da apuração... qual é a norma? a CPI vai apurar... vai apresentar seu relatório... o Ministério Público vai investigar e vai encaminhar a Justiça (+) vai ser julgada... eu vou **130-repetir...** todos aqueles que cometeram práticas equivocadas... condenadas pelo PT e condenadas pela sociedade brasileira... eu acho que **traíram** um princípio que o PT tinha colocado em prática neste país e por isso vão pagar...eu digo sempre o seguinte... quando você comete um erro... você não tem amigo nem inimigo... as pessoas têm **135-de ser julgadas** em igualdade de condições e têm de ser punidas... eu acho que o PT vai ter um novo procedimento... novo comportamento... e eu acho que o PT vai recuperar aquela imagem que o PT conseguiu construir ao longo de vinte anos junto à sociedade brasileira... daí porque eu de vez em quando fico **140-analisando** o nervosismo e irritação das nossas oposições... eu fui oposição a muitos governos... eu (+) eu acho que minha cara aí no debate((Lula comenta a imagem dele em debates anteriores... que foram mostrados no início do programa)) nunca fui tão irritado... nunca fui tão nervoso como eu tô vendo a minha oposição... que são **145-gente** que deveria que ter mais um pouco de cuidado ao falar... ter um pouco mais de cautela... investigar melhor... para que depois pudesse fazer acusações a qualquer pessoa... eu aprendi na minha vida...acho que vocês mais do que ninguém sabem disso... eu aprendi na minha vida... e depois de fazer muitas acusações (+) é que você **150-só** pode acusar alguém se você tiver indícios muito fortes de provas... eu uma vez vi um deputado ser condenado... depois foi provado que ele não tinha nada... que foi o Alceni Guerra... eu vi o que foi feito com a Escola de Base lá em São Paulo... e que se executou a escola... a família do dono da escola e depois prova-se que **155-é** inocente e não recupera mais... eu acho que nós precisamos apostar claramente que nós temos instituições sólidas... vocês estão lembrados que esse país não podia fazer o **impeachment** do Presidente porque a casa ia cair e todo mundo estava meio preocupado com o regime militar... fizemos o **impeachment do 160- Collor** e o Brasil continuou tranquilamente... todo mundo achava e muitos presidentes evitavam CPIs porque o Brasil não suporta ser governado por CPIs... nós estamos com três... se quiserem quatro que criem quatro... se quiserem criar cinco que criem... eu só quero que criem todas as CPIs que quiserem criar... mas não **165-percam...** não percam nunca de vista que o **Congresso Nacional** tem que votar as coisas que podem **mudar** a história desse país... e nós vamos contribuir com as apurações... porque um dos sonhos que

eu tenho na vida é que meus netos possam viver no país em que você
169-não tenha a corrupção...

170-H: presidente eh, (+) o senhor sempre foi um bom analista político e por isso o senhor é o presidente... inclusive... na avaliação do senhor o deputado **José Dirceu** será cassado pela **Câmara dos Deputados**?

R: se for cassado... o senhor considera justa a cassação?

175-L: veja... se for analisar pelo conjunto de informações que nós temos agora... o **Zé Dirceu** será cassado por uma decisão eminentemente política da **Câmara dos Deputados**... porque se for cassar por conta de prova... **até agora não existe nenhuma prova que condene o Zé Dirceu**... agora como é que a sociedade brasileira **180-vai** entender depois de cinco meses sobre de de denúncias e mais denúncias imaginar que o **Congresso Nacional** não vai cassar o **Zé Dirceu**... já tivemos um caso parecido..., já tivemos o Ibsen Pinheiro... no caso da CPI dos anões... agora veja como a CPI está em funcionamento ainda... eu acho que a CPI tem maturidade pra tomar **185-decisão**... vai pra plenário... os deputados vão decidir... eu só quero dizer o seguinte... que até agora eu não vi nenhuma lista de prova que possa dizer realmente... ele vai ser cassado... agora... politicamente... **eu acho que o Congresso está condenado a cassar 189-o Zé Dirceu**...

ANEXO II

II - SEGUNDA ENTREVISTA COLETIVA

1. DESENVOLVIMENTISMO

1-L: boa noite... Markun... é um prazer saber que nós estamos aqui nesta entrevista vigiados pelo **Juscelino Kubitschek** que nos olha ali da mesa...

P: presidente... primeira pergunta... em mil novecentos e oitenta e 5-nove a candidatura do senhor foi abatida pelo terrorismo eleitoral do adversário... diziam que quem tinha um apartamento de dois quartos ia perder um quarto... que 800 mil empresários iam deixar o país se o senhor fosse eleito... que iam confiscar o dinheiro nos bancos... que petistas tinham seqüestrado o empresário **Abílio 10-Diniz...** agora os seus partidários... e o senhor inclusive... têm dito que o **Geraldo Alckmin** vai **privatizar** a Petrobras... o Banco do Brasil e os Correios e no programa de ontem ainda... no horário político... falava-se que ele poderá acabar com o **Bolsa Família...** tem diferença de um comportamento e outro...

15-L: tem... tem diferença porque... naquele tempo... inclusive... diziam que eu ia fechar as igrejas evangélicas... você esqueceu dessa ((o presidente gesticula para os jornalistas))... veja... o que nós falamos do meu adversário é um histórico da vida do PSDB ou seja... nós não falamos nada mais do que a imprensa brasileira **20-**constatou durante todo o mandato do presidente Fernando Henrique Cardoso... do mandato do governador Alckmin... que **privatizaram** quase tudo que tinha no estado de São Paulo e no Brasil... apenas nós contatamos isso... nós temos precedentes de pessoas ligadas ao governo no programa do PFL ... que fala de **25-**privatizar o que puder **privatizar...** eu tenho dito que a idéia deles básica é o seguinte... o trabalho administrativo deles é vender o patrimônio público... gastar o patrimônio público e depois as dívidas ... sequer são pagas... ora... se ele não vai fazer... ele que diga que não vai fazer...

30-P: mas se ele já disse não é o caso...

L: mas ele que diga que ele não vai fazer... não... veja... ele acabou de **privatizar** a Cetesb em São Paulo... acabou de privatizar... faz pouquíssimo tempo que ele privatizou... portanto... nós não estamos inventando alguma coisa.. nós estamos **insinuando...** ele que diga **35-**textualmente que não vai fazer... ele pode dizer para a opinião pública... estou assinando um documento aqui que não vou privatizar coisíssima nenhuma... e acabou... fica o dito pelo não dito... agora... a prática não tem sido essa... a prática do PSDB não tem sido essa ((Algum jornalista interrompe o presidente)) **a prática 40-deles tem sido privatizar.**

C: presidente... por que o senhor é contra a **privatização?**

L: veja... eu sou contra a **privatização** daqueles setores que são considerados estratégicos para a soberania nacional...

C: o senhor disse que não privatizaria as teles (+) ou seja... as teles **45-privatizadas** investiram cerca de 160 bilhões desde a **privatização...** em 1998... o senhor acha que o Estado teria condições de bancar esse investimento... o Estado que o senhor... enfim... administra teria condições de fazer esse investimento...

L: veja...primeiro eu disse que não **privatizaria**... já está **50-privatizada**... agora nós temos que lidar com as empresas **privatizadas**... segundo... porque é importante lembrar que este país deu um salto de qualidade extraordinário com a Embratel... **53**-sabe num momento importante quando as pessoas diziam que o telefone era caro... as pessoas se esqueciam de dizer que o povo que **55**-comprava um telefone era acionista e... portanto... ele era dono de um patrimônio... sabe... que não era descartável...

L.A: o senhor acha que isso era bom, presidente... o senhor acha que era bom aquele sistema... presidente...

L: poderia ter melhorado... afinal de contas já fazem seis anos... **60**-sete anos... oito anos essas coisas evoluem... o Brasil deu salto de qualidade extraordinário na sua política de telecomunicações... o Brasil parou de dar quando o Brasil deixou de **investir**... quando o Brasil parou de **investir**...

L.A: e o Estado não tem condições de investir... tem... tem menos **65**-hoje do que antes...

L: veja... hoje tem menos do que tinha....

L.A: exato...

L: nós já tivemos...na década de 1975... um bom potencial de investimentos... hoje não tem mais... precisamos criar... e a criação **70**-desse potencial de investimento... ela só vai se dar com o **crescimento da economia**... não existe **milagre**, não existe **mágica**... existe **crescimento econômico** para fazer a economia brasileira criar os recursos necessários para que possamos fazer os investimentos necessários no Brasil.

75-T: mas o senhor não acha que as teles **privatizadas** proporcionaram uma universalização do acesso ao telefone que... talvez pelo sistema estatal... nós levaríamos mais tempo...por deficiência da capacidade do Estado de investir...

L: não sei...não sei... trabalhar na base da suposição... a **80**-Petrobras...por exemplo... que era uma empresa que tinha um lucro líquido pequeno... hoje ela tem um lucro extraordinário... é uma empresa que tem valor patrimonial líquido de 74 bilhões de dólares... é uma empresa que tem dado saltos extraordinários e ela continua sendo... ((uma jornalista interrompe o presidente))

85-D: mas têm leilões marcados para novembro...

L: Ela continua sendo uma empresa pública... ou seja... **no Brasil... se criou determinadas manias pra se desfazer do patrimônio público**... o que acontecia com as estradas brasileiras... quem andava na Dutra ... quem entrava na Castelo Branco... quem andava **90**-na via Anchieta o que acontece... Você tinha uma estrada que tinha pedágio... porque São Paulo tem pedágio há muito tempo... menos...obviamente... do que tem hoje... você tinha estrada com pedágio e que aquele dinheiro que entrava... ao invés de ser colocado numa conta para a estrada... era colocado numa conta **95**-geral e era gasto em outras coisas... não era gasto na estrada... quando você **privatiza**... você tem o recurso voltado só para o dono da **privatização** e para a empresa e para consertar a estrada... obviamente que a estrada pode ficar muito melhor porque o dinheiro está sendo aplicado lá... o Estado brasileiro... veja... já deu **100**-demonstrações... em vários Estados do mundo... que tem competência de gerir os próprios fundos com muita competência... eu acho que não cabe ao Estado ficar competindo... em todas as áreas... com a iniciativa privada... **ia ser um debate que já está**

superado... sabe... o Brasil já teve um processo de **privatização**... **105**-gostemos ou não gostemos... ele foi feito... algumas coisas funcionaram e é preciso reconhecer que o sistema de telefonia melhorou no Brasil... o sistema de telecomunicação... mas é **108**-preciso dizer que o sistema ferroviário foi um desastre no Brasil... porque não deu certo... agora é que nós estamos retomando **110**-a questão das ferrovias e... só com um processo de investimento do setor privado... nós tivemos... dentro de uns três anos... seis bilhões e quatrocentos milhões de investimentos da iniciativa privada no setor de ferrovia... nós estamos imbuídos do desejo de fazer com que o tão sonhado sistema intermodal de **115**-transportes ((várias modalidades de transportes como ônibus e metrô, trem realizando conexões)) com o Estado fazendo os investimentos em parceria com a **iniciativa privada**... possa colocar o Brasil no *hall* dos países em que a infra-estrutura não será mais problema...

120-A: presidente... como é que o governo... o Estado pode investir se... no momento... nós temos um histórico de baixíssimos investimentos do Estado e uma perspectiva... inclusive já mencionada pelo senhor... de que o governo... no próximo mandato... terá que ainda cortar gastos... de onde é que sai dinheiro **125**-para poder fazer esse tipo de investimento?

L: veja... eu vou te dar uma experiência de vida... Alexandre... EU... toda minha vida... quando eu precisava de mais recursos... não vendia minha geladeira... eu fazia hora extra... eu trabalhava mais... então... eu trabalhava exatamente para garantir o dinheiro do **130**-transporte... eu trabalhava para garantir o dinheiro do aluguel... eu trabalhava para garantir algumas coisas extras... o Brasil... veja... todo mundo fala em gasto... ficou moda agora falar em gasto... e toda vez que nós ouvimos a palavra gasto corrente... a gente já sabe diretamente onde que vai cair o gasto corrente... vai cortar políticas **135**-sociais... vai cortar salário... veja... o Brasil... a palavra de ordem neste país... para o próximo ano quem quer que seja que governe este país... não podem ser outras a não ser **desenvolvimento**... **crecimento** econômico... **distribuição de renda** ... somente com **crecimento** econômico é que nós vamos **140**-ter o dinheiro para que a gente possa fazer as coisas que nós precisamos fazer no Brasil... eu posso te dizer... Alexandre... eu até poderia... um dia... te chamar para discutir o orçamento da União... nós temos arrecadação de 360 bilhões de reais... sabe... só com a Previdência são 160 bilhões de reais... com a folha de pagamento **145**-são 107 bilhões de reais... com a saúde são 45 bilhões de reais... quando você vai perceber... não sobra dinheiro para você fazer os investimentos e não tem de onde tirar porque você não pode tirar da Previdência... você não pode tirar da saúde... você não pode tirar da folha de pagamento... eu... quando vejo um assessor... **150**-sabe... dizer que vai economizar 60 bilhões... é uma heresia... é sufocar este país a mais 20 anos de arrocho... então... o que nós precisamos? é preciso de um pacto nesse país... quando eu digo a palavra pacto é porque eu acho que é preciso ter um entendimento porque não tem **mágica**... não tem **milagre**... ou nós fazemos a **155**-economia brasileira voltar a **crecer**... e aí nós precisamos **reduzir** a taxa de **juros** de forma muito contínua, a TJLP ((taxa de juros)) já está a 6,85... é o mais **baixo** nível da sua história... **reduzir** a taxa de **juros**... fazer as parcerias público-privada... atrair

capital estrangeiro... atrair capital nacional para a gente poder **160**-investir ((gesticulando))... nós temos grandes projetos em andamento que podem garantir o **desenvolvimento** desse país... agora... não existe isso... Alexandre... eu posso te dizer uma coisa... **163**-eu duvido que haja muita margem de manobra para alguém dizer... eu vou cortar 60 bilhões... 40 bilhões... porque é asfixiar o **165**-país... nós estamos dando uma demonstração de seriedade que é manter um **superávit** de 4,25%... é importante lembrar que fomos nós que aumentamos o superávit de 3,75 para 4,25%...

L.A: a custa de impostos... presidente...

L: a custa de impostos não... meu filho...

170-L.A: o senhor não vende a geladeira... o senhor **aumenta** impostos...

L: meu filho... pelo amor de Deus... não seja ingrato... você é um beneficiado da minha **redução** de impostos... você teve dois reajustes na alíquota do imposto de renda... nós... na verdade... não **175-aumentamos**... os únicos dois impostos que **aumentaram** no Brasil no meu governo foi o PIS e Cofins a pedido da empresa nacional... para tornar o preço mais equilibrado entre o produto importado e o produto aqui... **aumentou**... **aumentou**... se você quiser considerar o **aumento** da arrecadação como **aumento** da **180**-carga tributária... que eu não concordo... ou seja... **aumentou** a receita porque teve eficiência da receita... **aumentou** a arrecadação porque as empresas tiveram muito **lucro**... **você não pode se esquecer de que é a primeira vez depois de 23 anos que as empresas têm mais lucros do que os bancos neste país**... parece **185**-pouco... mas no Brasil não é pouco não... no Brasil é muita coisa...

R: Presidente... agora fala-se ...((uma jornalista toma o turno))

D: a reforma da Previdência não é um meio de conseguir... ((Lula toma para si o turno))

L: então veja... eu sou favorável... eu sou favorável que a gente **190**-tenha mais **redução** do tributo... é por isso... ((um jornalista interrompe))

L.A: porque uma coisa está ligada à outra né... presidente... **tributo e juros** estão ligados...

L: deixa eu só te dizer uma coisa... é por isso que... com as últimas **195**-medidas que nós tomamos... nós vamos terminar o (+) o ano **desonerando** 23 bilhões de reais... 23 bilhões de reais nós já **desoneramos** e a orientação é continuar **desonerando** todos os setores para que a gente tenha muito mais possibilidade de uma **economia** flexibilizada... eu vou lhe dar um dado... quando nós **200**-mandamos a lei geral da micro e da pequena empresa... o que prevê a lei geral da micro e pequena empresa... ela reduz impostos... ela simplifica imposto... ela vai facilitar a vida de todo mundo... o que eu me pergunto... todo santo dia... é porque que ela não foi aprovada... se era um clamor nacional... eu venho do **205**-aeroporto para cá eu vejo *outdoor* ali... para aprovar... não era uma coisa de interesse do presidente Lula...

2. ÉTICA

1-P: presidente... o senhor já disse mais de uma vez que quer ver tudo apurado... **disse também que um pai de família não pode saber... na cozinha... o que os filhos fazem na sala...** mas com sua autoridade moral de presidente e de líder daqueles que tentaram **5-comprar o dossiê...** não teria sido mais rápido e simples exigir **6-que os companheiros que o senhor define como alopados revelassem...** afinal...de onde veio o dinheiro...

L: se dependesse de mim não teriam feito e... ao terem feito... deveriam ter falado no dia seguinte... sabe por que... Markun... **10-desde o início houve uma tentativa de ficar dizendo...** o presidente **sabia...** o presidente **sabia...** o presidente **sabia...** como se fosse possível um presidente **saber** de tudo o que acontece no território nacional... ou seja... **o presidente da República...** ele não pode se eximir das **responsabilidades** das coisas que acontecem no **15-seu governo...** o que um **presidente da República** tem que fazer... seja ele no Brasil ou em qualquer parte do mundo... ao acontecer uma coisa...você tem três possibilidades de você ficar **sabendo...** ou você participa das decisões... ou alguém que participa das decisões te conta (o presidente enumera pontuando **20-com os dedos**)... ou a polícia... ou a imprensa.. diz o que aconteceu... o que é sagrado num governo **republicano...** e esse é um princípio ético e importante... é que... ao saber... você tem que tomar as atitudes que tem que tomar... tomar atitudes significa afastar e permitir que as pessoas utilizem a garantia das instituições **25-para se defender e para serem condenadas...** não existe outro jeito de fazer... Markun... eu... quando era dirigente sindical... eu ia para a porta de fábrica e eu culpava os presidentes da República por não prenderem as pessoas... eu lembro quando a Jorgina levou o dinheiro da Previdência Social ((Jorgina de Freitas Fernandes... **30-advogada acusada de na década de 90... ter fraudado a Previdência Social em mais de 100 milhões de dólares...)**... quantos discursos que eu fiz... é porque o governo deveria prender... ora... era pura ignorância minha porque não é o governo que prende... sabe... o governo pode tomar atitude naquilo que é pertinente às **35-pessoas ligadas à máquina pública...** de afastá-las... mas aí para prendê-los ((algum jornalista tenta interrompê-lo)) para prendê-los é preciso que a gente respeite o funcionamento das instituições... porque assim nós estamos garantindo aos outros a democracia que nós queremos para nós...

40-R: presidente... o senhor tem... ao falar dessa questão do dossiê... tem insistido muito em dizer que o senhor acabou sendo o maior prejudicado com isso... porque o senhor tinha a chance de fechar a eleição no primeiro turno e isso acabou não acontecendo... agora... o senhor não acha que tem um problema nesse raciocínio... **45-presidente...** porque a gente também pode pensar o seguinte... o senhor só acabou sendo prejudicado por que essa operação deu errado... presidente... porque se essas pessoas não tivessem sido presas... se os vendedores tivessem comparecido com um dossiê de verdade e se os compradores... algum deles ligados à sua **50-campanha...** não tivessem sido presos antes... o senhor não teria sido prejudicado e a oposição sim teria sido bastante prejudicada...

o senhor não acha que tem um problema nesse raciocínio...presidente...

L: então... deixa eu te fazer uma pergunta... no que a minha 55-candidatura precisava do dossiê...

L.A: ((tomando o turno)) interessava ao senhor... porque o governador...

R: ((outro reporte toma o turno do jornalista)) a gente pode alegar o 60-seguinte... o senhor tinha uma situação muito confortável nas pesquisas... mas também se pode argumentar o seguinte... se essa 62-operação tivesse dado certo... a oposição como um todo teria sido bastante prejudicada... inclusive na questão de São Paulo... onde a vitória estava bastante encaminhada...

65-L: bobagem... Renata... pelo amor de Deus... Renata... uma bobagem... Renata... uma bobagem... se o dossiê é o que as pessoas dizem que é... ele está na internet... a Polícia Federal passou investigando aquilo dois anos... então... meu Deus do céu... eu fico me perguntando como é que uma pessoa vai comprar um dossiê 70-que está na internet... eu fico me perguntando como é que a Polícia Federal passou dois anos investigando... tem todos os resultados sobre esse tal de Vedoin ((referindo-se a Luis Antônio Vedoin...apontado como chefe da máfia das sanguessugas... objeto de CPI...))...sabe... e já tinha havido investigação dele... então a minha 75-pergunta... Renata... é simples (+) minha pergunta é o seguinte... a minha pergunta é curiosidade... sabe... de quem gosta de filme de detetives... eu queria saber quem é o arquiteto desse plano... eu gostaria de saber...

A: mas... presidente... me desculpe a pergunta...o senhor falou...

80-agora pouco... e deu uma resposta que se refere ao seu papel de **presidente da República**... nós conversávamos aqui... antes do programa... e o senhor dizia da dificuldade que existe entre o papel do **presidente da República** e o papel do candidato... porque uma hora o senhor é presidente... outra hora o senhor é candidato...

85-como presidente da República... o senhor pode ter essa razão... agora... o senhor... como candidato e tendo ocorrido esse fato no âmbito da sua (+) da sua candidatura... e dentro do seu comitê de campanha... eu conheço o senhor há tantos anos e o senhor sempre foi uma pessoa muito direta e muito franca no relacionamento com **90-pessoas** que estão à sua volta... não seria lícito aguardar que o senhor reunisse essas pessoas numa sala... e falasse...olha aqui seus... desculpe... usando os termos que o senhor já usou... seus imbecis... seus aloprados... vocês me criaram essa confusão toda... criaram essa dificuldade toda numa eleição que estava ganha e **95-vocês** não vão sair dessa sala sem me dizer de onde que vem esse dinheiro... afinal de contas eu tenho que dar essa satisfação às pessoas...

D: quando um amigo erra... a gente chama e pergunta onde errou... fala... vem cá...

100-L: Renata... não seja...

L: Alexandre... pela sua experiência... não seja tão simplista assim... veja... eu estava no Rio Grande do Norte... cheguei aqui acho que domingo à tarde do Pará... chamei o presidente do partido lá em casa e falei... olha... eu quero saber quem fez essa burrice...

105-não vou dizer o que eu estou pensando...eu quero saber quem fez... porque isso é de uma sandice inominável... e ele me disse que não sabia...eu falei... Ricardo...você... como presidente do partido...

tem obrigação de apresentar para a sociedade brasileira uma resposta...Ricardo... você tem obrigação... ele não fez e na quarta-
110-feira... eu o afastei da coordenação da campanha... agora... meu caro... o que eu posso esperar... que a Polícia Federal faça a investigação e que a Polícia Federal diga e consiga deles o que eu não consegui... porque essas coisas sempre são assim... eu... quando era presidente do sindicato... eu dizia para os
115-diretores...gente...se vocês saírem e forem multados... por favor... comuniquem ao tesoureiro do sindicato que vocês foram
117-multados... sabe... o cidadão era multado aí ele não falava nada... não falava nada... aí quando chegava no final do mês tinha um pacote de multas... a gente tinha que ir atrás para saber quem é
120-que estava com o carro naquele horário... quem não estava e nem sempre a gente descobria porque... se fosse uma coisa boa... todo mundo contava... como é uma coisa ruim... as pessoas escondem... cada um contrata o seu advogado...cada um é preparado para uma coisa... sabe... quando... na verdade... isso teria
125-sido solucionado com mais facilidade se eles tivessem assumido publicamente as razões pelas quais fizeram... porque fizeram... quem deu dinheiro... quem convenceu a aceitar isso...seria muito mais convincente para a sociedade... e muito mais tranqüilo para o Brasil... se tivesse acontecido... mas não
130-aconteceu...

R: Presidente... o senhor falou a pouco ((sendo interrompida)) só uma coisa...

T: ((a jornalista toma o turno)) essas pessoas têm... boa parte delas... têm conexão com o PT de São Paulo... não é preciso o
135-senhor reunir aqui na biblioteca do Alvorada... mas há gente do partido... do seu partido... que pode fazer isso... né... agora... nós vamos depender da investigação técnica da Polícia Federal quebrando sigilo... examinando cédulas... até porque essa questão do dinheiro... ela é uma ameaça jurídica para sua candidatura... a
140-oposição tem uma ação no TSE ... a partir disso... então... eu acho que o senhor é...

L: ((interrompendo)) a oposição tem muita coisa contra isso... é que a coisa... Tereza... não é tão simplista... eu preferiria... do ponto de vista político... não para a minha campanha... mas para o
145-Brasil... sobretudo... seria importante quem fez a sandice tivesse assumido... podia ter assumido... agora... veja... não assumiu... o que vai acontecer...

D: (interrompendo) presidente... o senhor me desculpa... mas a impressão que dá é que está se escondendo alguma coisa...

150-L: ((o presidente continua seu raciocínio)) não assumiu e o que vai acontecer... a Polícia Federal vai investigar a fundo... a ordem dada à Polícia Federal é que não deixe pedra sobre pedra... pode demorar um dia... um mês... um ano... mas que nós vamos descobrir... nós vamos... agora... veja... este país... graças a Deus...
155-esse Brasil...

D: ((interrompendo)) agora... presidente... está demorando muito... presidente... para achar a origem desse dinheiro...

L: este Brasil... graças a Deus... graças a Deus (+) o método rápido das pessoas contarem as coisas acabou... graças a Deus...
160-porque no tempo que tinha o chamado método rápido... sabe... em que as pessoas iam para o pau de arara e confessavam logo acabou... porque nós conquistamos isso...

R: ((interrompendo)) presidente... o senhor disse há pouco...

L: ((Lula toma o turno para si e continua sua explanação)) então...

165-o que eu acho é que... num sistema democrático... nós temos a (incompreensível) que diz o seguinte... este país tem justiça...este país tem Ministério Público... este país tem Polícia Federal... que é quem está tomando conta do caso... agora que saiu do âmbito do poder executivo ou da campanha... agora é uma questão policial...

170-não é mais uma questão do **presidente da República**... então...

lamentavelmente... se esses companheiros quisessem me ajudar...

172-eles deveriam ter dito... esse era um comportamento digno de alguém que disse que estava fazendo uma coisa para ganhar uma eleição não sei onde... porque a minha... certamente... não me

175-ajuda...

R: presidente... o senhor tem dito com frequência que o senhor quer **saber** não apenas a origem do dinheiro... mas também quem **arquitetou** tudo isso... o senhor repetiu isso há pouco... quando o senhor fala isso... fica no ar um pouco... como que uma **180-insinuação**... de que os aloprados... essas pessoas podem... eventualmente... ter caído numa armadilha... o ministro Ciro Gomes já foi muito mais explícito do que isso... ele disse que isso é uma armação do PSDB... é uma armação do José Serra ... o senhor acha crível... o senhor acha possível... que as pessoas acreditem que **185**-o José Serra fez uma operação para incriminar o próprio José Serra?

L: eu não posso afirmar... nem como candidato... nem como **presidente da República**... uma coisa afirmativa contra ninguém... eu apenas gostaria de saber... talvez não tenha nenhum fundo **190**-jurídico mais forte... mas eu gostaria de saber quem é o arquiteto da idéia... quem é que pensou que levando algumas pessoas a praticarem um ato ilícito... um ato ilegal... poderia beneficiar a campanha de qualquer pessoa num momento...

C: ((interrompendo)) mas o senhor acha que isso afeta de certa **195**-forma do PT...

L: hein...

C: mas o senhor acha que isso afeta de que forma do PT...

L: não sei... eu não posso... veja... eu só sou curioso aqui... eu não tenho poder de investigação... e é bom que eu não tenha... peço a **200**-Deus para o presidente não ter poder de investigação... sabe... então... eu só quero que apure... eu agora... Renata... não sei se vai demorar cinco segundos... dez dias... um mês... o **que eu quero** é que se apure e que seja a apuração mais rigorosa possível... e seja quem for que esteja envolvido... que pague o preço que tiver que **205**-pagar...

P: o senhor não acha que o isso vai prorrogar... em direção a um eventual segundo mandato do senhor... como uma espécie de espada sobre o mandato...

L: olha... veja... eu acho que o Brasil é um país que vive um **210**-momento histórico de conflitos e mais conflitos... uma coisa que eu acho extremamente importante é que nós temos duas novidades no país... sabe... primeiro que nós temos instituições sólidas... que funcionam bem... dá garantia de um país republicano como o Brasil e... segundo nós temos um povo mais atento... nós **215**-temos um povo mais fiscalizador... nós temos um povo... (+) houve um tempo que se dizia que o pobre era massa de manobra... eu acho importante vocês da imprensa saírem para os comícios e

(+) ficarem entrevistando o povo porque que ele está participando daqueles atos... ele está muito mais calejado... ele está muito mais **220**-saber daquilo que lhe interessa e ele começa a perceber... veja... que tem um tipo de oposição... vocês sabem que eu jamais vou fazer crítica à oposição... jamais... eu acho que a oposição é uma coisa saudável para a consistência da democracia... agora... nós temos a oposição e oposições... ou seja... nós temos gente que **225**-efetivamente não quer que as coisas dêem certo no Brasil... nós temos gente que trabalha o tempo inteiro para fazer com que as **227**-coisas não dêem certo... essas pessoas serão julgadas pelo povo... ou foram julgadas já... ou serão julgadas daqui a quatro anos na outra eleição... porque essas coisas que estão acontecendo no **230**-Brasil... gente... é importante ter clareza... sabe... depois eu vou mandar entregar ao coordenador do programa **Roda Viva** um exemplar... a maioria dos casos... 80% dos casos que nós conseguimos dismantelar de quadrilhas existente no setor público brasileiro... elas vêm de muitos anos atrás... tem até de mil **235**-novecentos e oitenta e sete... sabe... quadrilhas que você só fica sabendo que essas quadrilhas existiam quando você prendeu a pessoa e essa pessoa confessou... então... tem gente que não se conforma com isso... tem gente que não aceita que nós estejamos fazendo isso e estamos fazendo isso por quê... porque demos **240**-liberdade à Polícia Federal para trabalhar... no meu governo vocês não viram... em nenhum momento... nem no Ministério Público... eu indiquei dois já... os dois vieram... eu nem conhecia... pela lista tríplice da categoria... eu indiquei e quem estava lá viu o discurso que fiz...jamais telefonarei para vocês para pedir um favor **245**-pessoal... cumpram com as suas funções... foi assim com o Fonteles e foi assim com o procurador geral Antônio Fernandes... para a Polícia Federal a mesma coisa... vocês são carreiras do Estado... vocês tem que cumprir a função de vocês e quanto mais legitimidade vocês ganharem... mais importância vocês vão ter no **250**-Brasil... ((muitos jornalistas falam ao mesmo tempo)) já houve momento no Brasil que não era assim... mas como eu sou **republicano**... as coisas vão acontecer tal como devem acontecer...
A: só uma questão em função de algo que o senhor mencionou agora a pouco... o senhor lembrou tempos... que nós não gostamos **255**-de lembrar... em que a apuração era rápida... não é... e o senhor certamente está se referindo à época do arbítrio... durante o debate da rede Bandeirantes... o senhor... às tantas... falou ao candidato Geraldo Alckmin... o senhor deve ter saudade daquele tempo que tinha apuração... da tortura... e coisa desse tipo... eu queria lhe **260**-perguntar se isso foi dito no calor do debate... se o senhor fez alguma **insinuação** em relação a forma como o seu adversário se posta diante da questão da democracia... por que o senhor mencionou isso...
L: Alexandre... você me conhece há muito tempo e você sabe que a **265**-minha relação política com as pessoas... com qualquer que seja a pessoa... de qualquer partido político... sempre foi uma relação de muita democracia... sabe de muita diplomacia... nunca... nunca destratei um político na minha relação pessoal... aliás... eu não confundo as minhas divergências pessoais com qualquer um de **270**-vocês com a minha relação humana com vocês... não confundo... eu consigo separar as duas coisas... eu digo sempre o seguinte... o meu irmão... Frei Chico que era do Partidão... eu

dizia...Frei Chico... você entrou na minha casa para conversar comigo... sabe... você é meu irmão... política é de casa para fora...
275- pois bem... quando eu disse ao meu adversário... era porque ele estava insistindo que eu é que deveria dizer ao público o que aconteceu... eu achei aquilo abominável... aliás... eu estranhei o comportamento do meu adversário que sempre foi uma pessoa tranqüila... leve...

280- T: ((interrompendo)) o senhor se sentiu destrutado...

281-L: ele estava ensandecido naquele programa... eu acho que ele pensou que poderia resolver o problema da **guerra numa única batalha...** eu confesso para vocês que eu fiquei chateado... fiquei chateado porque ali estavam dois candidatos... mas ali estava um **285-**governador do estado... estava um **presidente a República...** era preciso saber o que a gente passa para as pessoas que estão sentadas no sofá... às vezes... é uma mamãe dando de mamar para o filho... às vezes uma pessoa tomando um café na sala... às vezes uma família inteira reunida e você não passar uma única mensagem **290-**a não ser agressões... eu não gostei... mas também não me queixei porque campanha é assim... **campanha desfigura as pessoas...** neste país... eu digo sempre o seguinte... o exemplo mais violento que eu tenho de campanha foi Maluf...Antônio Ermírio de Moraes e Quércia em 1986... se neste país a Justiça funcionasse **295-**com exatidão... na primeira disputa entre os três... cassava os três... porque era uma acusação... você está lembrado... era uma acusação... no país nós temos dezenas... teve gente que já contratou gente para dizer que gente matou outro... teve tudo... teve coisas para tudo que é gosto... eu preferiria... confesso a você... **300-**Alexandre... que eu preferiria que os debates dessem um nível programático em que a gente pudesse discutir saída para as coisas sabe por quê... porque o povo... ele vai escolher o candidato... ele vai falar... pô...eu vou escolher um candidato porque ele assumiu tal compromisso comigo...mas eu estranhei... confesso a você... que **305-**eu estranhei o comportamento do Alckmin naquele dia... talvez ele tenha sido orientado para aquilo... sabe..

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)